

Andréa Vettorassi

ESPAÇOS DIVIDIDOS E SILENCIADOS
um estudo sobre as relações sociais entre nativos
e os “de fora” de uma cidade do interior paulista

*Orientadora: Profa. Dra. Maria
Aparecida de Moraes Silva*

Universidade Federal de São Carlos
2006

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais**

**ESPAÇOS DIVIDIDOS E SILENCIADOS:
Um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma
cidade do interior paulista**

Andréa Vettorassi

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva

Submetida à defesa em sessão pública realizada às 10h no dia 30/03/2006.

Banca Examinadora:

Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva

Dra. Tânia Pellegrini

Dr. Fernando Antonio Lourenço

Homologado pela CPG-PPGCSO na 111ª. reunião no dia 05/04/2006.


Prof. Dr. Jacob Carlos Lima
Coordenador do PPGCSO

São Carlos
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

V592ed

Vettorassi, Andréa.

Espaços divididos e silenciados: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma cidade do interior paulista / Andréa Vettorassi. -- São Carlos : UFSCar, 2006.

183 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Migração. 2. Conflito social. 3. Relações sociais. 4. Violência simbólica. I. Título.

CDD: 304.8 (20^a)



BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Andréa Vettorassi

30/03/2006

Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Tânia Pellegrini
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Andréa Vettorassi

**ESPAÇOS DIVIDIDOS E SILENCIADOS:
Um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de
uma cidade do interior paulista**

Comissão Julgadora

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva

2º Examinador: Prof. Dr. Fernando Antônio Lourenço

3º Examinador: Profa. Dra. Tânia Pellegrini

Membro Suplente: Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli

São Carlos
2006

Dedico este trabalho

*Aos meus pais, Silvia e Marco, pela vida sempre bem vivida;
Aos meus avôs, Bima, Laedir (in memorian), Zeza e Oswaldo (in memorian), pela
preservação de nossa história e memória;
Aos meus irmãos, Breno e Tássia, sobretudo pela fraternidade;
Ao Francisco, pela parceria e apoio incondicionais.*

Agradecimentos

Ao longo da elaboração e confecção deste trabalho, tive a oportunidade de compartilhá-lo com inúmeras pessoas, dos mais diversos universos. Talvez muitas destas pessoas e universos não seriam hoje parte de meu cotidiano se não fosse a escolha deste objeto de pesquisa para o Mestrado, e é por isto que tive o maior prazer e satisfação em desenvolvê-lo. Ele me possibilitou tantos contatos, amizades, trocas, alegrias, descobertas! Ele foi muito além das oportunidades oferecidas pela pesquisa em si, pois capacitou a transformação da minha maneira de ser, estar e agir no mundo. Por isso as pessoas e instituições citadas abaixo não são meramente parte dos formais agradecimentos. Todas elas merecem meu mais profundo, emocionado e respeitoso **MUITO OBRIGADA!**

À Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, que com toda sua sabedoria, dedicação e cumplicidade, já enfrentou inúmeros “estrelas” e “estrelas” por nós, seus orientandos. O que posso dizer a você neste momento, Moraes, senão que foi muito além da função de orientadora? Obrigada por ter sido sempre fonte de inspiração;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo necessário apoio financeiro;

À Pastoral do Migrante de Guariba, em especial a Ir. Inês, Ir. Fátima e Pe. Garcia, porque são ativos protagonistas da História aqui contada. Admiro muito todo o trabalho por vocês realizado, e espero poder sempre apoiá-lo;

Aos homens e mulheres de Guariba, nativos ou “de fora”. Embora alguns estivessem mais à vontade que outros, de *nenhum* deles ouvi um taxativo “não”;

Aos funcionários do Fórum da Comarca de Guariba, todos tão prestativos e curiosos com a chegada da “pesquisadora da UFSCar”! Creio que ainda temos outros trabalhos pela frente!

A Jadir e Carlinhos, que conheci através da Pastoral do Migrante e se tornaram, ao longo deste trabalho, queridos amigos. É uma satisfação tê-los por perto!

Ao “Laboratório de Memória e Sociedade”, a saber: Fábio Kazuo Ocada, Stela Godoi, Rodrigo Martins, Adriana Marcela Bogado, Carmen Silvia Andriolli, Claudirene Bandini, Beatriz Melo e Juliana Bueno. Em meio a trabalhos tão intimistas como os da pós-graduação, fomos capazes de unir forças, pensamentos e pesquisas tão diversas. Nossa união é, sem dúvidas, rara!

Aos Professores Doutores Tânia Pellegrini (UFSCar), João Roberto Martins Filho (UFSCar), Maria da Glória Bonelli (UFSCar), Fernando Antônio Lourenço (UNICAMP) e Beto Novaes (UFRJ). Professores como vocês ainda nos fazem crer na pesquisa e na docência;

Às secretárias do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFSCar, com particular carinho à Ana Maria. Nossas conversas me renderam muitos desabafos e risadas!

Ao Centro de Memória da UNICAMP (CMU) e ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP – São Paulo (CERU), por me possibilitarem o aperfeiçoamento e enriquecimento da pesquisa;

A Dona Therezinha e Seu Euclides, que me ofereceram estada em Guariba ao longo da pesquisa de campo e se tornaram verdadeiros mediadores de tantas entrevistas. Tudo ficou mais fácil após esta inesperada ajuda!

Aos tantos amigos e amigas, alguns de longos anos, outros de poucos meses, todos tão essenciais. Mesmo tendo consciência de que, citando nomes, corro o risco de omitir alguns muito importantes, ainda assim quero fazê-lo: Dharana Pérola Ricardo Sestini (uma mamãe linda!), Camila Maria Risso Salles (futura diplomata!), Fernanda Xavier da Silva (amiga leal!), Juliana e Júnior (compadres!), Marcos Pinheiro (irmãozão!), Joana Miranda Espinosa (irmãzona!) Aline Prado Atássio, Luciana Rudi, Éder Carvalho, Olga Vasquez, Danilo Morais, Pedro Floriano Ribeiro... Obrigada!

Ao Coral Multicanto e todos os seus coralistas, aonde venho há três anos não só soltando a voz, mas também desabafos, ansiedades, cansaço...

À minha querida sogra Léa Silvia Barnabé Ferreira, que muito antes de ser sogra, já era uma grande amiga! Obrigada pelas comidinhas, conversas, risadas, companhia, carinho... Enfim, por ter sempre feito eu me sentir em casa;

Ao Breno Vettorassi, que confeccionou mapas no Photoshop, montou banco de dados, digitalizou arquivos, elaborou um pôster (primeiro colocado no Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia!), tudo para que o trabalho da “menina dos cabelos de fogo” ficasse lindo! Coisa de irmão...

Ao meu amor, Francisco Barnabé Ferreira, sempre tão por perto... Nossa parceria, no trabalho e na vida, ainda tem muita estrada;

Enfim, a toda a minha família, torcedores por minha alegria. Vocês são, afinal, meus alicerces!

Resumo

Este estudo pretende compreender, sob a perspectiva metodológica da História Oral e com dados quantitativos, a construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores rurais, de origem mineira e nordestina, que migram para Guariba, cidade-dormitório de economia sucroalcooleira do interior de São Paulo. Para tornar possível esta compreensão, foi necessário determinar em quais contextos estas identidades e sociabilidades são construídas, ou seja, de que forma a comunidade circundante, com seus pensamentos, memórias e valores, interfere nestas relações sociais. Percebemos que, entre os dois grupos, existe uma dicotômica e dialética relação baseada em preconceitos e violência simbólica, como também em uma estereotipada conexão migrantes – criminalidade, que em Guariba é ainda mais perceptível devido à Greve dos trabalhadores rurais de 1984. Esta dicotômica relação é viabilizada a partir de uma ideologia que perpassa todos os grupos sociais de Guariba, e que divide a cidade entre os que denominamos “nativos” (de descendência européia, moradores do centro da cidade, representantes da classe média e brancos) e “de fora” (migrantes mineiros e nordestinos, moradores de bairros periféricos, representantes da classe baixa e negros). Frente aos estigmas do grupo nativo a que estão submetidos, os “de fora”, por serem um grupo heterogêneo, têm reações diversas e multifacetadas, que podem ser divididas entre três subgrupos: os “de fora” migrantes sazonais, os “de fora” migrantes estabelecidos em Guariba há décadas e os “de fora” pertencentes à segunda e terceira geração de migrantes. Homens e mulheres que migram anualmente, durante a safra e a entressafra da cana-de-açúcar, exercem papéis sociais diferentes nas cidades que os recebem e em sua terra natal. Ao voltarem para as terras de origem, quando bem sucedidos nas lavouras de cana do interior paulista, recebem uma diferenciação social e cultural a partir de suas novas identidades e bens materiais. Ainda no “mundo moderno” em que migraram, a relação é inversa. Os meios de sociabilidade são escassos e tensos, com bases discriminatórias, uma vez que, para a comunidade nativa, os migrantes são representantes de um mundo tradicional e indesejado. Os migrantes que vivem na cidade há mais tempo já conseguem ampliar seus vínculos de sociabilidade, que ganham os espaços dos bairros periféricos em que moram. No entanto, sabem que existem locais da cidade em que não são bem vindos, ao mesmo tempo em que rememoram e revivem os locais de suas terras de origem, onde se sentem verdadeiramente no “lugar da gente”: quanto mais migram, mais ficam no mesmo lugar. O representante da segunda e terceira geração de migrantes, por sua vez, se considera (e de fato é) cidadão guaribense, fruto das relações modernas paulistas, e por isto entende que todos os espaços da cidade são seus por direito. No entanto, por também ser considerado “de fora”, percebe com facilidade os estigmas a que está submetido, e acaba mais suscetível às relações de violência, o que nos leva a crer que a violência simbólica do nativo viabiliza entre este grupo uma violência real. O migrante, enfim, não experimenta apenas o encontro entre os diferentes, mas vivencia, acima de tudo, as desigualdades e disparidades sociais das cidades paulistas. A relação que os migrantes têm com a comunidade circundante mascara um preconceito de cor/raça, como também de classe, contra este grupo que nunca será “nós”; será sempre “o de fora”.

Palavras-Chave: História Oral; migração; sociabilidade; Guariba; trabalhadores rurais; violência simbólica; ideologia; identidades sociais.

Abstract

This study aims at understanding, through the methodological perspective of Oral history and making use of quantitative data, the construction and reproduction of multiple identities and sociabilities present among the rural workers natural from the Minas Gerais state and the Brazilian northeast region, and who have migrated to Guariba, a bedroom community in the interior of the São Paulo state whose economy is based on the sugarcane industry. In order to make this understanding possible, it has been necessary to determine in which contexts these identities and sociabilities are built, that is, how the surrounding community, with its ideas, thoughts and values, interferes in these social relations. It has been made clear to us that, between the two groups, there is a dichotomic and dialectic relation based on prejudice and symbolic violence, as well as a stereotyped connection between immigrants-criminality, which is clearer in Guariba due to a rural workers strike in 1984. This dichotomic relation is made possible by an ideology which permeates all the social groups in Guariba, and which divides the city between those we have called the “natives” (European descendants, downtown dwellers, middle class and white) and the “outsiders” (migrants from Minas Gerais and the northeastern states of Brazil, living in the suburbs, low class and black). When facing the stigma of the native group, the “outsiders”, being a heterogeneous group, have different and multi-faceted reactions, which can be subdivided in three groups: the seasonal migrant “outsiders”, the Guariba long-time living “outsiders” and the “outsiders” who belong to the second and third generations of migrants. Men and women who migrate yearly, during the sugarcane harvest, play different social roles in the cities where they are migrate to and their hometowns. When coming back to their home land, if they have been successful in the sugarcane plantations of the São Paulo interior, they are entitled to social and cultural differentiation according to their new identities and wealth. On the other hand, in the “modern world” where they have migrated to the relation is the opposite. The means of sociability are scarce and tense, with discriminatory basis, since for the native community the migrants are representatives of a traditional and undesirable world. The migrants that have lived in the city for more time are able to widen their sociability bonds, which spread in the suburban neighborhoods where they live. Nevertheless, they know there are places in the city where they are not welcome, and at the same time they recollect and revive their home land, where they feel really “at home”: the more often they migrate, the longer they stay in the same place. The representatives of the second and third generations of migrants, on the other hand, consider themselves (and in fact are) Guariba citizens, fruits of the modern relations in the São Paulo state, and for this reason they believe that all the places in the city belong to them by rights. However, because they are also considered “outsiders”, they easily notice the stigmas they are submitted to, and end up being more susceptible to violence relations, which makes us think that the natives symbolic violence is turned into real violence among this group. Finally, the migrants not only experiment the reunion of the different, but they live, above all, the inequalities and social differences of the cities and towns of the São Paulo state. The relation the migrants have with the surrounding community disguises color/race as well as social class prejudice against this group, which will never be “us”; they will always be “outsiders”.

Key words: Oral history; migration; sociability; Guariba; rural workers; symbolic violence; ideology; social identities.

Sumário

Introdução _____ 10

CAP. I – Contextualizando Guariba: a cidade das contradições _____ 19

1.1 A Cidade do Café _____ 21

1.2 A Cidade da Cana-de-Açúcar _____ 24

1.3 A Greve _____ 29

CAP. II – A Ideologia Nativa _____ 36

2.1 “Assim Guariba ficou, pura cana...” _____ 39

2.2 “Amizade agora é assim, só quando mora perto...” _____ 44

2.3 Os Lugares da Memória e os Mapas Afetivos _____ 58

2.4 A Árvore e o Machado _____ 67

CAP. III – Partindo para a Cidade Garantida e Proibida _____ 77

3.1 Migrantes Temporários: sobre a migração de um novo homem simples _____ 81

3.2 Migrantes Estabelecidos: rememorando a partida e descrevendo a permanência _____ 97

3.3 Representações Sociais dos “De Fora”: as cidades-dormitórios como periferização do capital _____ 111

CAP. IV – Galeria de Fotos _____ 119

4.1 Fotografia: escrever com a luz _____ 120

4.2 Migrantes Temporários _____ 124

4.3 Migrantes Estabelecidos _____ 139

4.4 Ruas e Casas do Centro da Cidade _____ 149

À Guisa de Conclusão _____ 158

Fontes Consultadas _____ 166

Apêndice _____ 173

Introdução

A idealização do projeto de mestrado “Espaços Divididos e Silenciados: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma cidade do interior paulista”, surgiu a partir do desenvolvimento, ao longo de dois anos (período entre agosto de 2001 e agosto de 2003), do projeto “Imigrantes Portugueses e Criminalidade em São Carlos”¹. Nesta pesquisa de iniciação científica, as principais fontes de dados foram os processos criminais do fim do século XIX, ou seja, uma pesquisa fundamentalmente documental, já que nossos objetivos visavam a um maior entendimento das relações sociais que os imigrantes e brasileiros mantinham uns com os outros e quais os principais motivos que faziam com que estes cometessem crimes na época. Os processos criminais se mostraram fontes muito expressivas para se avaliar sob que condições os imigrantes foram recebidos pela sociedade brasileira e como, aos poucos e muitas vezes de forma traumática, conquistaram o direito de usufruir a condição de cidadãos.

Sob a perspectiva de que a criminalidade possui sempre um contexto e um substrato social, e que portanto merece, muito mais que a simples análise de sua ação, uma vinculação às condições sociais, econômicas e culturais em que seus autores estão inseridos, surgiu a idéia de manter o trabalho com a variável criminalidade, porém em um contexto histórico atual, que é o da vinda dos migrantes sazonais para o corte da cana e colheita da laranja a cidades paulistas. Baseava-me em velhos estigmas existentes na conexão migração-criminalidade, e pretendia compreender até que ponto estes têm fundamento empírico. No entanto, pouco sabia sobre as condições de vida destes homens e mulheres migrantes, subtraídos das relações sociais, políticas e econômicas do interior paulista e, na maior parte

¹ Sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi, do Dep. de Engenharia de Produção da UFSCar, e com bolsa PIBIC/CNPq.

das vezes, subsistindo nas periferias pobres de cidades como São Carlos, Ribeirão Preto, Araraquara e outras de menor porte.

Aos poucos, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva, que há mais de trinta anos desenvolve pesquisas sobre os trabalhadores rurais, migrantes ou não, no interior paulista, fui inserida neste universo, e pude traçar de forma mais cuidadosa meu objeto de pesquisa, muito mais complexo e multifacetado do que poderia imaginar. O contexto migratório engloba diversas relações sociais, culturais e econômicas, que não raramente são ambíguas, contraditórias e conflituosas. Os sujeitos aqui considerados são homens, mulheres, pobres, camponeses, originários de várias regiões do Brasil, tais como estados nordestinos e Vale do Jequitinhonha-MG, e que por meio da migração (temporária ou permanente) deslocam-se para a região de Ribeirão Preto – SP em busca de melhores condições de vida. São, portanto, um grupo heterogêneo, que constantemente elabora novas formas de ser, ver e estar no mundo e que reformula suas condutas e valores, ao mesmo tempo em que busca fortalecer velhos laços familiares para o enfrentamento conjunto da existência.

Uma pesquisa-piloto, realizada em 2003, mostrou ser um método bastante adequado para que um primeiro contato com o universo empírico fosse feito da melhor forma possível. Tivemos, para a realização desta, a presença de um “porteiro”, um vínculo entre os dois extremos, a linha que teceu o primeiro encontro e que estabeleceu os primeiros contatos. Neste caso, quem abriu estas portas foi a Pastoral do Migrante, que mantém há mais de dez anos sua sede em Guariba, cidade-dormitório do interior paulista. A Pastoral do Migrante mantém vínculos com outras instituições, tais como as universidades e seus pesquisadores, que tenham interesse pela questão migratória e, mais especificamente, pela migração sazonal e o setor sucroalcooleiro. Guariba foi, assim, escolhida enquanto universo empírico, uma vez que desde o início reconhecíamos a importância de um “porteiro” para o desenvolvimento da pesquisa.

Mas Guariba é muito mais que a sede da Pastoral do Migrante. Até mesmo sob uma perspectiva geográfica, Guariba mostrou-se ideal para uma melhor análise das relações existentes entre os migrantes e a comunidade circundante, uma vez que sua periferia, onde vivem os migrantes e seus descendentes, encontra-se na entrada da cidade e é extremamente visível para os olhos de quem nela entra. Sob uma perspectiva histórica e política, Guariba é significativa por ter sido palco, em 1984, de uma intensa e violenta greve dos trabalhadores rurais, que se levantaram contra as precárias condições de vida a que eram submetidos, em um regime de semi-escravidão. Após esta greve, Guariba passou a ser reconhecida como cidade violenta e conflituosa, estigmas atribuídos especialmente aos trabalhadores rurais migrantes, responsáveis pelas reivindicações de 84. Há, portanto, uma interessante relação migração-criminalidade que vem sendo reproduzida, há pelo menos vinte anos, nas falas e cotidiano dos moradores da cidade, e que nos pareceu passível de uma análise mais apurada.

Já nestas primeiras visitas a Guariba, observando seus cotidianos, seus espaços geográficos, como também simbólicos e, especialmente, as relações sociais e culturais exercidas entre os trabalhadores migrantes e os outros moradores mais antigos da cidade, percebemos que, sob a máscara de uma cidade reconhecidamente criminoso e violenta, poderiam existir outros aspectos e elementos em sua figuração social que necessariamente deveriam ser pesquisados e analisados. Em uma primeira fase da pesquisa, mantínhamos como principal fonte de dados os processos criminais da comarca de Guariba em que os réus fossem migrantes, em busca de respostas à relação migração-criminalidade. A análise dos processos criminais até então era fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, já que estes são fontes importantes e expressivas, em especial porque são uns dos poucos documentos impressos que registram a fala de uma maioria pobre, distante do direito à memória que a palavra escrita proporciona. Porém, muitas dificuldades práticas surgiram quando buscávamos viabilizar este trabalho. A mais importante delas foi a terceirização do

serviço de arquivamento de processos (cíveis, criminais, etc.), que acarretou na transferência e armazenamento de todos os documentos dos municípios do estado de São Paulo para Jundiaí-SP, dificultando de forma significativa o acesso a eles. Outros problemas são comuns: greves e mudanças de horário de funcionamento do Fórum, além de transferências dos juízes, que nem sempre estão disponíveis ou compreendem a importância da pesquisa.

As dificuldades surgiram do ponto de vista prático, mas fundamentalmente do ponto de vista teórico-metodológico. Antes de serem pesquisados, era necessário compreender que outros aspectos e elementos da figuração social de Guariba existiam por de trás de sua fama de violenta e criminosa, perceptíveis logo nos primeiros contatos. Não obstante, quando ainda não haviam sido transferidos, observamos que os processos criminais, quando analisados, não respondiam muitos dos nossos questionamentos, como também não captavam a complexidade encontrada no contexto migratório, em que as relações sociais, culturais, econômicas e étnicas são ambíguas e diversas. A complexidade destas situações exigia da pesquisa uma nova postura teórico-metodológica, capaz de compreender a migração como um processo social, que se renova, e é, portanto, algo vivo e em constante transformação. Para que isto fosse possível, o uso da metodologia da História Oral – basicamente entrevistas, depoimentos, histórias de vida, estudos de trajetória e registros visuais -, tem sido a ferramenta adequada para a compreensão deste universo de pesquisa. Foi por meio das entrevistas que os laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam os grupos sociais receberam uma interpretação além da ótica do Direito Positivo, existente nos processos criminais. A História Oral não busca nos depoimentos o que é real ou falso, mas sim quais as representações do real feitas por um depoente. O *passado* ganha interpretação a partir do olhar do *presente*. À luz de suas contribuições, é que se torna possível compreender como os indivíduos são coagidos pelas instituições sociais e como transcendem a esta coação. É pensar na vida social (no subjetivo) como algo muito além de

simples reflexos da sociedade, das instituições pré-existentes. É uma das primeiras vertentes sociológicas (e aqui podemos também citar o interacionismo simbólico) que pensam na consciência, na mente e no eu (*self*) como interações sociais e processos formadores da conduta humana.

Assim, cada indivíduo, de acordo com a sua subjetividade, adota significados e referências diferentes aos elementos em sua volta, mas que só surgem a partir de uma interação entre atores e instituições sociais, ou seja, a partir do Outro, do que está “do lado de fora”. Fundamentadas nesta metodologia, e impossibilitadas de trabalhar com os processos criminais, deixamos em segundo plano a variável *criminalidade* para darmos maior ênfase às relações existentes entre os guaribenses (“nativos”) e os migrantes (os “de fora”), não raro permeadas por *estigmas*, *atitudes blasé* e *violência simbólica*, questões que buscamos revelar neste estudo. Para isto foram entrevistados, em um primeiro momento e informalmente (sem a utilização de gravador), representantes da comunidade guaribense, como estudantes, policiais e outros formadores do aparato judiciário (escreventes, advogados e juiz). Em seguida, saltamos do macro (a cidade) para o micro (o bairro, as casas), quando diversas pensões e cortiços que alojam migrantes temporários nas periferias guaribenses foram visitados. Destas visitas, nasceram expressivos e interessantes registros visuais e entrevistas gravadas, além de uma nova consciência em mim que, embora de forma passiva, compreendo hoje o que significa ser migrante, pobre, negro e bóia-fria em nosso país.

Voltamos para o macro quando, utilizando o gravador e a câmera fotográfica, ouvimos antigos moradores do centro de Guariba (comerciantes, funcionários públicos, aposentados e etc.) e de suas vilas (os migrantes permanentes e seus descendentes, majoritariamente relacionados aos serviços das usinas de cana-de-açúcar). Neste momento, achamos conveniente aplicar um novo material de pesquisa, os *mapas afetivos*. Através de desenhos de depoentes que figuram sua cidade, seu bairro ou sua casa, buscamos

compreender como este entrevistado é *afetado* pelo Outro, e por isto a utilização do mapa *afetivo*. Apreendemos, assim, as posições sociais dos depoentes em relação aos seus espaços geográficos de forma subjetiva: a partir dos seus próprios desenhos e impressões do mundo.

Para que a variável criminalidade não ficasse absolutamente desvinculada às análises deste estudo, já que está presente de forma muito significativa e espontânea na fala de homens e mulheres ouvidos ao longo da pesquisa, optamos por um enfoque quantitativo. Com o objetivo de localizar os processos criminais, quando estes ainda faziam parte da pesquisa, tivemos acesso a dados quantitativos daqueles que foram arquivados a partir de outubro de 1986. Estes dados estão disponíveis em livros chamados “Registros de Feitos” (com diversos volumes), e em maio de 1999 passaram a ser arquivados em computador. Os dados de cada processo são: nome do réu, RG, sexo, cor, estado civil, nacionalidade, naturalidade, data de nascimento, profissão, nome do pai e da mãe e tipo de crime (código penal). Destes livros, pudemos elaborar uma rica e detalhada planilha de dados dos processos criminais da década de 90 em que os réus são migrantes. Com a planilha organizada, pudemos analisar a porcentagem de processos em que os réus são migrantes em relação ao número total de processos criminais de Guariba, e os resultados são surpreendentes. Foi uma importante fase da pesquisa que possibilitou refutar ou provar muitos dos nossos objetivos e hipóteses.

Esta intensa trajetória de pesquisa possibilitou a realização de vinte e três entrevistas gravadas (e diversas outras informais), sete mapas afetivos, mais de cem fotos que registram o centro e as vilas guaribenses e o registro de dados quantitativos de pelo menos mil trezentos e cinquenta processos criminais, além de diversos diários de campo e consultas a artigos de jornal referentes ao tema.

No primeiro capítulo, o contexto histórico de Guariba foi recontado, enfatizando a transição da economia cafeeira para a sucroalcooleira, o surgimento e a criação dos bairros e vilas periféricas guaribenses, como também destacando importantes aspectos da

Greve de 84, buscando compreender a sua significância na história guaribense e em tudo aquilo que ela passou a ser após a existência deste importante momento político, histórico e social.

No segundo capítulo, chamamos a atenção para as falas de homens e mulheres moradores do centro da cidade, que incorporaram em seus modos de vida uma “ideologia nativa” que perpassa todas as relações sociais, culturais e econômicas de Guariba. O alto poder de coesão deste grupo dominante possibilitou a criação, como também a afirmação, de uma relação nativos/os “de fora” que é parte constituinte da figuração social guaribense. Ademais, atentamos para as suas memórias, tantas vezes seletivas, e a reprodução de seus espaços e tempos em seus mapas afetivos. Foi também ao longo deste capítulo que encontramos o momento oportuno para a apresentação de algumas discussões referentes à criminalidade da cidade, já que os dados empíricos dos processos criminais denunciam uma dupla discriminação referente à cidade de Guariba e que muitas vezes surgiu nas falas dos depoentes nativos: a cidade não é tão violenta quanto as outras cidades e moradores da região acreditam, como também sua criminalidade não está relacionada aos seus grupos migrantes.

No terceiro capítulo, homens e mulheres migrantes foram ouvidos, com o intuito de trazer à tona suas inquietações, seus projetos de vida, seus meios de sociabilidade e, sobretudo, a maneira que lidam com a constante violência simbólica, atitudes *blasé* e estigmas a que estão submetidos. São homens e mulheres que, de acordo com suas múltiplas características e identidades, nem sempre se sentem parte de um único e coeso grupo, como também preferem evitar os estereótipos advindos do grupo nativo do que enfrentá-los.

Para o quarto capítulo, reservamos as fotos dos migrantes temporários e suas pensões, dos migrantes estabelecidos e as ruas e casas dos bairros periféricos da cidade, além das ruas e casas do centro de Guariba. A partir das análises feitas sobre as representações da

fotografia, este é o momento de reflexão e apreciação dos detalhes existentes nos registros visuais, que nem sempre se revelam apenas com as palavras escritas.

Por fim, é necessário mencionar que procurei escrever esta dissertação de modo semelhante ao processo de realização da pesquisa, em que o rigor, sempre presente, não impediu o “vôo”, os novos questionamentos, o envolvimento entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa. De certa forma, muito da minha identidade se preserva e se recria neste estudo. Da maneira que ela foi escrita, gostaria que fosse lida.

Contextualizando Guariba: a cidade das contradições

CAP. I – Contextualizando Guariba: a cidade das contradições

A 50 km de Ribeirão Preto – SP, ilhada por um incontável número de plantações de cana-de-açúcar, encontra-se Guariba, uma dentre várias outras pequenas cidades, conhecidas como “cidades-dormitórios”, existentes no interior paulista². Uma precária rodovia de pista simples, não raro interdita por treminhões que cruzam a pista ou andam lentamente sobre ela, é o principal acesso à cidade. Há importantes usinas de cana-de-açúcar em volta de Guariba, como a São Martinho, a Bonfim e a São Carlos. Após morosa viagem, entramos enfim na pequena cidade que, para um visitante menos atento, em nada difere de tantas outras.

No entanto, há algo nela que, logo que entramos, nos chama a atenção. “Guariba tem uma entrada feia, né?”, ouvi de uma moradora quando pela primeira vez entrei na cidade. Ela referia-se a um de seus bairros periféricos, uma espécie de “cartão de visitas”, já que se encontra em seu principal acesso. É, afinal, um indesejado cartão de visitas, pois denuncia aos olhos de quaisquer visitantes uma pobreza *relativa*, ou seja, uma desigualdade social, existente na cidade.

Referimo-nos a uma pobreza *relativa* porque Guariba não é uma cidade pobre, e sim uma cidade desigual. Após sete ou oito quadras deste primeiro acesso, já estamos no centro guaribense, que congloera dos mais variados tamanhos e tipos de lojas de seu desenvolvido comércio. Há também neste centro uma extensa praça arborizada, sua prefeitura, a delegacia e o Fórum, além da igreja matriz de traços modernos. Mais ao sul, há um bairro muito nobre, de grandes e luxuosas casas pertencentes às classes média e alta da cidade. Carros importados dividem ruas com algumas carroças. Guariba é, assim, um universo mergulhado em luxo e miséria, em pacato interiorano e correria moderna paulista.

² Guariba tem em torno de 31.085 habitantes, de acordo com o Censo IBGE (2000).

1.1 A Cidade do Café

A oeste do Vale do Rio Mogi Guaçu, por volta do ano de 1870, Guariba era constituída de poucas e pequenas famílias mineiras, que ocuparam as então sesmarias e ali implementaram culturas de subsistência e criação de gado. Em torno de 1875, a região recebeu as primeiras plantações de café. Dez anos depois, numerosos grupos de baianos chegaram à região para trabalharem no plantio de mais meio milhão de mudas. Nesta área de poucos habitantes, já em tempos de República (1889), Guariba se consolidou com bases em uma “economia da terra roxa” (Martins, 1996), de força de trabalho imigrante e mudanças do capital. Nesse contexto, as relações de trabalho baseavam-se no sistema de colonato, em que, basicamente, o empregado era cultivador livre em terras pertencentes aos cafeicultores. Neste contrato estava previsto o cultivo de culturas intercalares ao café, em especial em áreas baixas e outros tipos de terrenos não apropriados para o cultivo do mesmo. Com este contrato, o colono tinha a oportunidade de produzir outros gêneros alimentícios que garantiam, na maior parte das vezes, a subsistência de sua família.

Um surto urbano e comercial, decorrente da inovadora economia cafeeira, mudou os traços da paisagem local, sobretudo pelas estradas de ferro que chegaram a Jaboticabal em 5 de maio de 1893 (Martins, 1996: 8). A partir desta data, um expressivo contingente italiano avançou para as então novas plantações de café, tanto os que recém desembarcaram no Porto de Santos, como os que estavam insatisfeitos com seus contratos e condições de trabalho em outras regiões brasileiras. Aos poucos, os primeiros habitantes da região, de origens mineira e baiana, passaram a compartilhar seus espaços com as levas italianas, que chegavam em busca de melhorias de condições de vida.

Desta forma, em fins do século XIX, quando o Brasil dominou sem maiores concorrentes o mercado mundial do café, surge o povoado de Guariba³, de trajetória singular. “A tradicional seqüência: café, patrimônio religioso, surgimento da vila e chegada dos trilhos, altera-se nessa boca de sertão. Do cafezal surge a estação; dela advém o patrimônio religioso, a freguesia, o distrito, a futura cidade” (Martins, 1996: 27). Trabalhadores das fazendas existentes a seu redor (como as fazendas Santa Isabel, Santa Cruz e São Martinho) participaram da construção e consolidação da cidade, projetando nos espaços urbanos novas expectativas e modos de vida. Campo e cidade, já nesta época, interagem com intensidade, em especial porque tal interação é estimulada pela passagem do trem, que liga os dois universos e leva aos vilarejos os comerciantes e outros profissionais diversos. Em 1895, Guariba era constituída de 80 casas de moradia, o casarão da Estação, uma capela, uma hospedaria improvisada que recebia os imigrantes, uma casa comercial e o cemitério local; ultrapassando seu núcleo urbano, cafezais a perder de vista. As atividades do campo determinavam o cotidiano do vilarejo, aonde os colonos recém chegados circulavam apenas aos domingos, para a missa na capela. Além disso, muitas atividades comerciais eram realizadas no interior das fazendas; poucas eram realizadas nas regiões já urbanizadas.

Guariba consolida-se enquanto cidade em altos e baixos nos preços do café, tornando-a vulnerável a subseqüentes crises econômicas e sociais em meados de 1890. Proprietários de café eram impossibilitados de manter a produção com a queda de preços e não saldavam seus compromissos com os funcionários. Os colonos, insatisfeitos, viviam em tempos de insegurança e incerteza do pagamento de seus salários. Tais instabilidades suscitaram em constantes disputas e reações violentas, como tocaias contra os proprietários de terras, organizadas por homens armados, em busca de “justiça sumária” (Martins, 1996: 34). Com o intuito de amenizar tais atos violentos existentes no núcleo urbano e em toda a área

³ “Guariba” é o nome destinado a um grupo de primatas da família *cebidae*, habitantes da Mata Atlântica e Floresta Amazônica. Sua presença era comum na região e facilmente percebida nas paragens da recém construída Estação de ferro da Companhia Paulista. Acabou dando nome à estação e, posteriormente, à cidade.

cafeicultora, foi criado em 1897 o *Distrito Policial de Guariba*. Já na época, desemprego, subemprego e instabilidade econômica eram variáveis determinantes para o desencadeamento da violência.

Aos poucos e não raro em meio a novas crises, Guariba recebeu outros serviços e comércios, como médicos, farmácias, armazéns, um cinema e duas escolas, que propiciaram, em novembro de 1917, a criação do Município de Guariba, desmembrado de Jaboticabal. A alta do preço do café, após 1918, possibilitou um prolongado desenvolvimento⁴, que só foi abatido em 1929. A queda da bolsa de Nova York e a depressão econômica advinda dela, aliadas a uma oferta excessiva do café suscitada pelo aumento do plantio na década de 20, afetaram as exportações do produto no Brasil e, conseqüentemente, a economia guaribense, até então em alta expansão. A monocultura, ou seja, a economia que vivia absolutamente em função do setor cafeeiro, impediu a criação de soluções imediatas⁵. A venda das propriedades foi a decisão de boa parte dos fazendeiros, que irremediavelmente quebraram com a crise. Pequenos lotes das terras foram vendidos para ex-colonos, que adotaram a policultura e deram início, posteriormente, à cultura da cana-de-açúcar. Era ainda uma cultura de pequena escala, que produzia mais aguardente que açúcar. Ainda assim, são os ex-colonos os pioneiros da indústria açucareira na região de Guariba.

A produção de café na cidade cada vez mais passa por um intenso declínio. O Censo aponta para um encerramento definitivo do período cafeeiro em Guariba em 1950. “A dissolução do complexo cafeeiro significou a progressiva decomposição da célula cafeeira autárquica, ou seja, a desagregação do núcleo social das fazendas” (Mendes, 1997: 40). A diminuição da população rural era inevitável, e a divisão de trabalho entre cidade e campo

⁴ Em 1922, Guariba já dispunha de iluminação elétrica, rede telefônica e telegráfica. Neste ano é construída a Santa Casa de Misericórdia. Há também outros importantes serviços, tais como um jornal, médicos, dentistas, hotéis, cinemas, banda de música, a *Sociedade Italiana de Mútuo Socorro*, campo de futebol, *Caixa de Crédito Agrícola* e escolas estaduais e municipais que atendiam 320 alunos (Martins, 1996: 70).

⁵ A população de Guariba neste período era em torno de 10.500 habitantes, sendo que apenas 2.100 viviam no núcleo urbano. A crise adiou algumas obras que seriam feitas na cidade, como a canalização da água e o calçamento das ruas (Martins, 1996: 115).

ficou mais perceptível. De acordo com Mendes (1997: 41), algumas atividades secundárias e terciárias, localizadas no interior das fazendas cafeeiras, desapareceram com o retrocesso da população rural e transferiram-se para os núcleos urbanos. Com o processo de modernização agrária no final da década de 60, a “civilização” cafeeira perde definitivamente seu espaço para a “civilização” da usina. Neste período, “houve uma reestruturação espacial tanto em relação ao campo como em relação às cidades. Reestruturação não entendida somente a partir do despovoamento do campo e povoamento das cidades, mas também nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais” (Moraes Silva, 1993: 31).

1.2 A Cidade da Cana-de-Açúcar

O primeiro impulso da produção canavieira ocorreu em meados das décadas de 30 e 40, quando entre 1933 e 1937, o preço do açúcar subiu 140%, oferecendo novos caminhos de investimento. As primeiras fazendas foram a Bonfim e a São Carlos, esta última utilizando maquinaria trazida de uma velha usina nordestina. Em seguida, foi construída a usina São Martinho, que é atualmente a segunda maior usina do Brasil, superada apenas pela usina da Barra⁶. Iniciativas particulares, de ex-colonos e ex-proprietários do café, deram início a uma profunda alteração histórica e sócio-econômica na região. Em tempos de pós-guerra e industrialização, a estagnação sofrida por todo o interior paulista ganhou novo ritmo empreendedor.

A introdução da cultura da cana, aliada à próspera conjuntura nacional da década de 50, transformou rapidamente a paisagem urbana, que ganhou traços modernos. Em 1975, o *Programa Nacional do Álcool* (o *Próalcool*), intensificou a produção das usinas, que passaram a ocupar mais terras e estimular a vinda de trabalhadores de outras regiões do Brasil para o corte da cana em Guariba. Há neste momento um duplo processo de apropriação: o

⁶ A usina São Martinho foi desmembrada de Guariba, em 1959, quando da elevação de Pradópolis a município. No entanto, é certo que sua produção afeta ainda hoje a economia guaribense.

primeiro afeta os pequenos proprietários de terras circundantes, que perdem seus espaços, já que a modernização agrária expulsa estes pequenos agricultores do campo. São homens e mulheres que não raro passam a terceirizar seu trabalho, no corte da cana, em terras que antes eram suas, e que lhes foram tiradas por simples arrancar de cercas ou, ainda, pela detetização da cana ao redor que matava qualquer outro tipo de plantação (Mendes, 1997: 63). O segundo processo de apropriação afeta os “bóias-frias”, tipo de trabalho conveniente porque é um meio que os proprietários das usinas têm de fugir aos compromissos trabalhistas, uma vez que trabalhadores diaristas não têm maiores vínculos empregatícios com as fazendas. O bóia-fria substituiu um sistema de exploração da força de trabalho antes baseado em colonos, parceiros e arrendatários, nas fazendas de café. O bóia-fria é ainda mais conveniente, pois suas atividades são *sazonais*, ou seja, são divididas entre a *safrá* (entre maio e novembro, período em que a planta está boa para a colheita) e a *entressafrá* da cana (de dezembro a abril). Além disso, para boa parte dos migrantes, advinda em geral de estados nordestinos e do Vale do Jequitinhonha – MG, o período de entressafrá significa a volta para casa. Ou seja, esta parcela da população deixa de ser um ônus para a cidade, já que permanece nela apenas no período de exploração do trabalho.

Mas o quê significa ser “bóia-fria”? A expressão indica que este trabalhador mora nas periferias das cidades já urbanizadas, mas exerce seu trabalho no campo. Perdedores na luta pela terra e na luta pelo emprego urbano, os bóias-frias têm sua história de vida traçada pela busca de emprego e sua identidade definida pela consciência de que são trabalhadores “sem profissão”, obrigados a aceitar condições de trabalho subumanas (D’Incao, 1983). Quando migrante, o bóia-fria passa por um processo ainda mais profundo de redefinição de sua identidade, que é o de *desenraizamento*, efeito devastador sobre a vida do migrante, que rompe laços familiares e expressa a miséria e a impossibilidade da sobrevivência econômica em pequenos lotes agrícolas. A vida nômade o desmoraliza e o

empobrece. O trabalho contínuo durante a safra exercido pelos migrantes sazonais corresponde à ruptura com o tempo cíclico camponês existente em seus locais de origem. Em seu novo tempo cíclico, as estações do ano são substituídas pela safra e a entressafra da cana. O tempo, redefinido, vira dinheiro e é comprado e vendido (Costa, 1993). O processo de intensa ruptura só pode ser concertado com o dinheiro, o ganho acima das necessidades cotidianas, que estimula a vinda destes trabalhadores. Muitos acabam se estabelecendo nas terras em que migram, constituindo família e jamais voltando para os seus locais de origem. Em Guariba, existem migrantes que ali chegaram há apenas três meses, outros que também são migrantes, mas já estão na cidade há mais de 20 anos, e há os que nem migrantes são, e sim seus descendentes⁷. Isto porque o fluxo migratório em Guariba teve seu ápice em meados da década de 80 e, embora seja intenso o processo de mecanização na produção de cana-de-açúcar, que vem diminuindo drasticamente o número de empregos nos últimos dez anos⁸, a cada ano centenas de trabalhadores chegam à cidade, mesmo sem a certeza de encontrarem trabalho. Não raro, estes regressam aos seus locais de origem embarcando no próprio ônibus que os trouxeram. Outros resistem às dificuldades e procuram trabalho para a sobrevivência, em tempos de diminuição constante da oferta de emprego e aumento do contingente de excedentes. É perceptível o crescimento demográfico na cidade, acarretado pelas expressivas transformações urbanas. Em 1980, Guariba tinha 18.893 habitantes. Passou a ter, em 1990, 28.743 (Censo Demográfico IBGE, 1991). Atualmente tem 31.085 habitantes (Censo Demográfico IBGE, 2000). Certamente este aumento populacional teve reflexos na estrutura espacial do núcleo urbano.

A urbanização de Guariba envolve, portanto, dois fluxos migratórios distintos.

O primeiro é o fluxo de colonos, parceiros e sitiantes, cujas condições de trabalho foram

⁷ Informações colhidas a partir do resultado de uma pesquisa de campo realizada no dia 01/05/2003.

⁸ Muitos trabalhos procuram compreender quais os efeitos desta drástica redução de ofertas de emprego acarretada pela mecanização do trabalho no campo e por outras transformações nos trabalhos rurais e urbanos. Para um maior aprofundamento, ver ANTUNES, R. & MORAES SILVA, M. A., (orgs.) *O Avesso do Trabalho*. São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2004.

suprimidas e que se transformaram em assalariados rurais e habitantes do urbano. O segundo é o fluxo de migrantes inter-regionais, atraídos pela oferta local de empregos. Há aqui uma superpopulação relativa, marginalizada e engendrada pela lógica da acumulação capitalista, mecanização dos processos produtivos, instabilidade e sazonalidade.

Com a expansão do espaço urbano,ilhado em um número cada vez maior de plantações de cana-de-açúcar, aparecem os primeiros cinturões periféricos de miséria em Guariba. Na década de 50, há um primeiro cinturão, um transbordamento significativo dos limites históricos da cidade do café. Nesta década, os primeiros migrantes nordestinos chegaram à cidade, força de trabalho para a nascente economia canavieira. Guido Garavello, empreiteiro e proprietário em Guariba, abriu um novo loteamento, o Bairro Alto, mais conhecido como João-de-Barro, porque a grande maioria de suas casas foi construída pelos próprios migrantes residentes no loteamento, não da maneira tradicionalmente paulista (ou seja, “moderna”), mas com lajotas de barro, comum nos estados nordestinos. “O loteamento oferecia terrenos baratos, exageradamente parcelados e menores que os padrões vigentes. O objetivo estratégico do loteador era o de evitar a desvalorização da Vila Garavello que resultaria de uma ocupação dos terrenos adjacentes pelos migrantes nordestinos” (Mendes, 1997: 143). Localizado na principal entrada da cidade, o Bairro Alto é o “cartão de visitas” mencionado no início do capítulo, representante das desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar.

Na década de 60, um segundo cinturão periférico foi a consequência de um deslanche canavieiro na primeira metade da década. O afluxo de migrantes, sitiantes e parceiros da região, expropriados pela especialização canavieira, tomou grandes proporções e se estendeu até a década de 70. Neste período, o Bairro Alto e outros ao seu redor, como o Jd. Monte Alegre, foram totalmente ocupados pelos novos habitantes de Guariba. Estes lotes, que

já foram considerados favelas pela prefeitura⁹, atualmente (em 2001) receberam asfaltamento em suas ruas. As poucas casas de barro que ainda existem já não são mais perceptíveis, pois foram revestidas de argamassa, adequando-se ao “estilo paulista” de construção das casas. De acordo com os dados por setores censitários do IBGE (2000), 30% dos domicílios do Bairro Alto e seus arredores (Princesa Isabel, COHAB I, Jd. São Bento, Jd. Hortência e Jd. Monte Alegre) abrigam de cinco a nove moradores. Em pelo menos seis casas do bairro não há água canalizada. Em três delas não existe nenhum tipo de banheiro ou sanitário; sete escoam seus esgotos em fossa rudimentar; 20% dos moradores com cinco anos de idade ou mais são analfabetos. Estes dados seriam ainda mais agravantes se o Censo incluísse na pesquisa os migrantes que vivem há menos de um ano na cidade, como também as pensões que os abrigam. São ao todo 885 pessoas residentes neste complexo, uma média de quatro pessoas por domicílio. É importante ressaltar que não só estes lotes, localizados na entrada da cidade, recebem as levas migratórias. A Vila Jordão, do outro lado da cidade, surge também na década de 60 e é, nos dias de hoje, constituída essencialmente de pensões para migrantes sazonais. Juntamente com o Bairro Alto e seus arredores, forma um “U” periférico que abraça todo o centro da cidade.

Na década de 80, um terceiro cinturão periférico foi produto do *Próalcool*. Destaca-se pelos seus paradoxos, já que propiciou o surgimento de uma vila operária, um conjunto habitacional de médio padrão e um loteamento de alto padrão. São as diferentes vias de expansão do segmento urbano associadas às transformações em curso na economia rural. É nesta mesma década, mais especificamente em 1984, que Guariba foi palco de um movimento que mudou drasticamente a cidade e seu papel no estado de São Paulo e em todo o país. A

⁹ Como é possível perceber no seguinte trecho, retirado do livro que comemora o centenário da cidade e que foi organizado pela prefeitura: “a imigração nordestina em busca do trabalho nas lavouras de cana trouxe significativo contingente de famílias despossuídas em busca de moradia, explodindo a formação de uma grande favela, a *Vila João-de-Barro* ou *Bairro Alto*, nome alusivo à moradia de suas modestas casas com paredes de pau-a-pique, carentes de água, esgoto, luz, alinhamentos de calçadas e sarjetas” (in: Martins, 1996: 198). Outros trabalhos chamam a atenção para a mesma situação, como o de Moraes Silva (1993).

greve dos trabalhadores rurais de Guariba é, sem dúvidas, um marco histórico e sem precedentes.

1.3 A Greve

Metade da população de Guariba, em 1984, constituía-se de empregados nos canaviais, sendo que sua grande maioria era advinda de estados nordestinos e de Minas Gerais (Martins, 1996: 184). Nesta ocasião, trabalhadores do setor sucroalcooleiro, espontaneamente¹⁰, levantaram-se contra as precárias condições de vida a que eram submetidos, em um regime que poderia ser considerado de semi-escravidão. Na madrugada do dia 15 de maio de 1984, em torno de 5.000 trabalhadores não subiram nos paus-de-arara em direção ao campo. No Bairro Alto, começaram as suas manifestações e, aos poucos e em volumosos grupos, marcharam para o centro da cidade riscando seus facões no asfalto, e permaneceram na praça da igreja matriz por toda a manhã. Concomitantemente, depredaram o escritório da Sabesp (Serviço de Abastecimento de Água do Estado de São Paulo), atearam fogo em seus carros e invadiram um supermercado, de onde levaram diversos produtos alimentícios e eletrodomésticos. O aumento repentino das contas de água recém entregues pela Sabesp e os preços abusivos cobrados pelo supermercado, que não mais abria contas para os trabalhadores rurais, foram as justificativas dadas para estas ações. No entanto, a principal causa da greve foi a alteração do sistema de colheita da cana, que passou de cinco para sete ruas, o que tornaria a lida diária ainda mais penosa. Além disso, as condições dos alojamentos e do transporte eram bastante deficientes, mantendo tensas as relações entre os trabalhadores e os usineiros e seus empreiteiros. As revoltas e conflitos foram constantes, e houve a intervenção da Tropa de Choque do governo do Estado de São Paulo, como também de policiais provenientes de várias cidades vizinhas (Novaes & Alves, 2002a). É o dia de maior

¹⁰ Em princípio sem nenhuma intervenção de sindicatos rurais, partidos políticos ou outras instituições.

violência da greve: a Tropa de Choque foi acionada, a água e a luz do Bairro Alto foram cortadas, trinta homens foram feridos e um aposentado de sessenta anos, que apenas observava os acontecimentos de longe, foi morto por uma bala perdida. Já na noite deste dia, o sistema de corte da cana passa para cinco ruas. No dia 17 do mesmo mês, a greve tem fim, com um acordo que contemplou quase todas as reivindicações dos trabalhadores.

Em janeiro de 1985, uma nova greve paralisou os trabalhadores de Guariba e região. Em um momento de entressafra, em que boa parte dos trabalhadores do corte da cana estava desempregada e, conseqüentemente, instável economicamente, a *fome* foi um precioso elemento mobilizador. No entanto, esta segunda paralisação teve um caráter mais orgânico, já que houve o envolvimento de agentes políticos e de entidades sindicais. No dia 12 de janeiro de 1985, centenas de policiais militares deram fim aos piquetes de Guariba e região. Enquanto em Barrinha - SP¹¹ os desmontes não tiveram choques violentos, em Guariba houve uma verdadeira “operação de guerra”. Policiais militares foram recebidos a pedradas no Bairro Alto, ao mesmo tempo em que espancaram todos que estavam nas ruas, inclusive mulheres e idosos (Novaes & Alves, 2002b).

Pela sua abrangência, relevância e, como não poderia deixar de ser, pelo seu caráter violento, a greve de Guariba teve repercussão não só nacional, mas mundial. Também foi objeto de pesquisa de inúmeras dissertações e teses, das mais diversas áreas¹². Dentre esses trabalhos, destacamos a dissertação de Mestrado de Barone (1996), que traçou uma linha que conecta as manifestações de Guariba e o conceito de *economia moral*, do historiador inglês E. P. Thompson.

¹¹ Cidade-dormitório localizada a 30 km de Guariba, que também recebe expressivo número de migrantes anualmente.

¹² Foram consultados os seguintes trabalhos: BARONE, L. A. *Revolta, Conquista e Solidariedade: a economia rural dos trabalhadores rurais em três tempos*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Unesp – Araraquara. 1996; DANCINE E. A. *Tempo, Memórias e Utopias: cortadores de cana em Guariba e Barrinha*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PUC, São Paulo. 1989; MAGNOLI, D. *Agroindústria e Urbanização: o caso de Guariba*. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFCLH, USP, São Paulo. 1990; PENTEADO, M. A. G. *Estratégia da Fome: trabalhadores e trabalhadoras da cana, maio de 1984*. Dissertação (Mestrado em História). Unicamp. 1995 e MENDES A. M. *O Conflito Social de Guariba 1984-1985*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 1997.

Thompson (1998) descreve uma Inglaterra ainda rural, no séc. XVIII, e que passa por momentos de transformação e transição de um tipo de sociedade (tradicional e camponesa) para outra (moderna, pós-iluminismo). Destaca as estratégias de luta e de revolta dos camponeses, que nem sempre nascem ou se proliferam enquanto grandes revoluções, mas enquanto pequenas resistências, diluídas no cotidiano. São as micro-revoluções, a revolta costumeira e dos espaços pequenos, que contradizem as vertentes teóricas marxistas em busca das grandes e decisivas Revoluções Socialistas. A economia moral é, portanto, a revolta cotidiana do preço justo, da solidariedade na relação patrão-empregado e de tantas outras reivindicações do dia-a-dia nas relações trabalhistas.

É certo que a economia moral também está presente na contemporaneidade, e Barone é o primeiro a relacioná-la com a greve de Guariba. Sua militância o fez perceber que existia, por parte dos trabalhadores, uma cobrança sobre as lideranças, no sentido delas serem fortes, paternalistas e mantenedoras de relações clientelistas. Os liderados normalmente obtinham vantagens, mesmo que não materiais¹³. Isto é parte de um mundo simbólico e de representações sociais existentes entre os trabalhadores rurais, e Barone, a partir desta constatação, objetiva perceber o tradicional e a forma com que este interfere no comportamento político existente em seu universo analítico.

No entanto, como o tradicionalismo das populações camponesas pode ser mobilizado para uma mudança, muitas vezes de caráter estrutural, como as revoluções de pequenas e médias proporções (ressaltando a greve de Guariba)? Para responder a esta pergunta, é necessário revelar que a própria tentativa do camponês médio de se conservar *tradicional* é que o torna *revolucionário* (Wolf. In: Barone, 1996). Não obstante, a greve de Guariba tem bases em uma economia moral, em um conjunto de idéias tradicionais das normas e obrigações sociais de cada segmento da sociedade. Códigos que, apesar de não

¹³ É necessário destacar que Barone não só estudou a greve de Guariba, mas também os assentamentos rurais da região e a relação dos assentados com lideranças políticas e sindicais.

escritos, orientam estes agentes sociais em suas avaliações e condutas entre si e os outros estratos sociais, que aqui são entendidos como os proprietários de terras (donos das usinas e seus empreiteiros), a Prefeitura (representada pela Sabesp) e o comércio local (supermercado). Barone critica os estudos que pensam a greve de Guariba mais ao nível das relações capital-trabalho, tão porque as relações trabalhistas na época eram bastante informais, moldadas por uma grande exploração da força de trabalho¹⁴. Nos acontecimentos de Guariba, estão presentes os códigos de re-conhecimento social, baseados em uma economia moral, que orientam as ações dos trabalhadores (inclusive as ações conflituosas). Destacando que “re-conhecimento social” é “a (auto) identificação social, bem como explicita um elemento fundante nas relações sociais tradicionais: a reciprocidade, a obrigatoriedade de retribuição, a gratidão” (Barone, 1996: 153).

À luz dos fatos empíricos, a economia moral se identifica na reciprocidade existente entre os trabalhadores rurais no enfrentamento às adversidades materiais. É também perceptível na revolta destes mesmos agentes sociais diante da negativa por parte da sociedade em atender seus clamores. Está na *identidade* adotada pelos grevistas, que não se reconheceram enquanto tal levando apenas em conta condições econômicas, mas se perceberam nos espaços em comum de sociabilidade, representados pelas ruas do Bairro Alto. Está na espontaneidade dos piquetes: “a percepção de que a reciprocidade não mais funciona e as autoridades não cumprem seu papel de serem generosas para com os pobres só gera mais indignação e ira moral, combustível da revolta” (Barone, 1996: 55). Outro dado importante é o de que apenas um incêndio foi registrado em regiões canavieiras: as ações objetivaram a cidade e sua “economia” pouco solidária. A falta de comida (supermercado) e de água (Sabesp) rompem com um contrato social implícito, ou pelo menos assim entendido pelos grevistas. Além disso, é necessário ressaltar as condições de Cláudio Amorim, dono do

¹⁴ Os bóias-frias não tinham na época, por exemplo, carteira de trabalho assinada. Para maiores detalhes sobre as condições de trabalho na época, consultar MORAES SILVA, M, A. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo, Ed. Unesp, 1999.

supermercado saqueado, um migrante mineiro que ascendeu econômica e socialmente após tornar-se empreiteiro de uma usina de cana (um “gato”, que deriva da palavra “gatuno”, figura odiada porque se apropria do trabalho dos cortadores de cana). Em 1984, não só era proprietário do supermercado, como também de diversos outros terrenos localizados mais ao centro de Guariba (sendo que atualmente existe um bairro na cidade chamado “Vila Amorim”, uma alusão ao seu nome). Ou seja, alterou de forma drástica sua identidade e reconhecimento social, ignorando totalmente suas “raízes”. Em entrevista dada ao Jornal Folha de São Paulo¹⁵, Cláudio Amorim rememora o dia em que seu supermercado foi saqueado, vinte anos após o ocorrido:

“Foi a maior pancada da minha vida. Naquele dia, tinha recebido 600 calças jeans. Eles levaram tudo [...] A Sabesp também foi destruída, mas ela é uma companhia, eu era sozinho no negócio [...] *Eu não tinha nada a ver com o problema deles*. Fechei as portas quando vi aquele monte de gente se aproximar e acho que foi pior. Quebraram as portas com pedaços de ferro e não fiz nada para impedir que eles levassem as coisas porque era muita gente” [grifos meus].

Nesta mesma matéria, o então prefeito da cidade, senhor Hermínio de Laurentiz Netto, manifestou-se da seguinte forma:

“Essa é uma realidade que não gostamos de lembrar. *É uma vergonha para a cidade*. Algo bonito terminou em catástrofe, parecia uma guerra civil” [grifos meus].

De fato, nenhum *espaço*, nenhum *lugar* na cidade rememora a greve. Nem mesmo nas escolas guaribenses há algum tipo de discussão ou comentário sobre o assunto¹⁶. Passados vinte e um anos, vestígios da greve apenas são encontrados em algumas conversas entre amigos numa esquina, ou num bar, na praça da igreja matriz, quase que aos sussurros. Vestígios encontrados em alguma sala de TV, quando a morte violenta de alguém é televisionada, e isto resgata uma memória abandonada do guaribense que, por poucos

¹⁵ Em reportagem que lembra os vinte anos do levante, publicada na Folha Ribeirão, 9 de maio de 2004, página G1.

¹⁶ De acordo com a mesma matéria publicada na Folha Ribeirão. Na época, a secretária da Educação de Guariba não quis se manifestar sobre a ausência do levante no currículo das escolas (p. G1).

instantes, revive a famosa e esquecida greve, a para sempre maldita greve que, de acordo com o comentário popular, dificultou a conquista de emprego do guaribense e estigmatizou a cidade para sempre.

Os trabalhadores rurais em Guariba, migrantes ou não, também pouco lembram da manifestação. Timidamente, destacam as melhorias das condições trabalhistas conquistadas por ela, e nada mais¹⁷. Por outro lado, sabem que as tais condições de trabalho deveriam, e poderiam, ser muito melhores, mas paradoxalmente, não se consideram capazes de organizar uma greve como a de 1984, em que tantas reivindicações foram ouvidas. Talvez porque a reciprocidade horizontal, que há vinte e um anos atrás, baseada em códigos de reconhecimento social e da economia moral, os impulsionou para a greve, esteja abalada e enfraquecida. O contemporâneo trabalhador rural representa muito mais a racionalidade do operariado moderno do que outros tipos de racionalidade operacionados por códigos morais e tradicionais. Isto é ainda mais perceptível na segunda geração de migrantes, que não conviveu diretamente com o modo de vida camponês de seus pais e que, portanto, não estabeleceu sociabilidades e interdependências horizontais típicas destes grupos mais tradicionais. A sociabilidade deste “novo camponês” dificulta a formação de grupos solidários em busca de melhorias salariais: o medo do desemprego e do estigma que uma greve tem parecem mais fortes. E a perda de sua identidade tradicional intimida a capacidade do trabalhador rural de “micro-revolucionar”¹⁸. Muitas vezes, o “esquecimento”, ou mesmo o silêncio, são formas de resistência encontradas por estes homens e mulheres (Pollak, 1989).

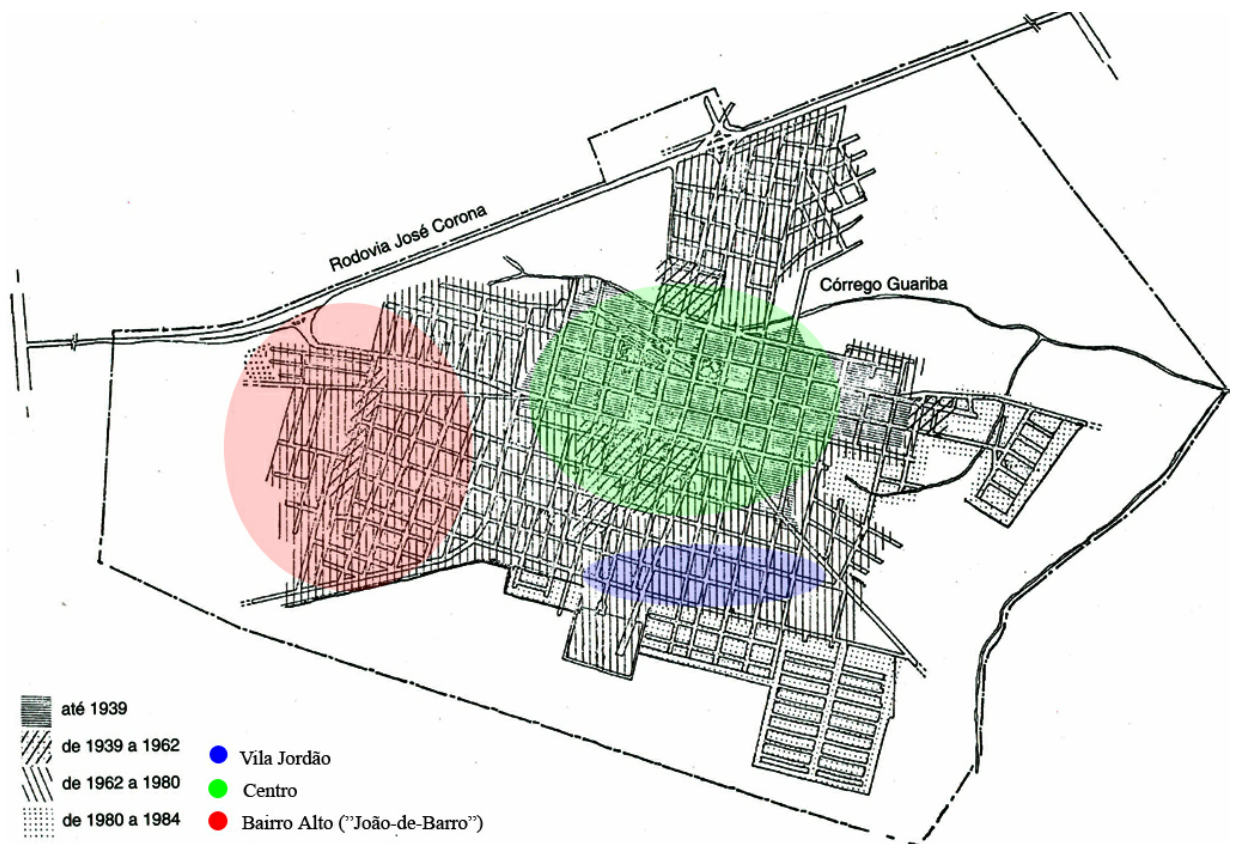
Após 1984, Guariba passou a ser reconhecida como cidade violenta e conflituosa. Uma complexa e multifacetada relação entre os “nativos” (guaribenses brancos

¹⁷ Dentre as melhorias, destacamos: transporte gratuito até o trabalho; fornecimento de ferramentas pelos empregadores (facão, luvas e tornozeleiras); pagamento dos dias em que não trabalham por imprevistos (como chuva); carteira assinada.

¹⁸ Ainda assim, “micro-revoluções” estão presentes no setor sucroalcooleiro, em especial em 2005, ano em que foram registradas mais de 30 greves de pequeno porte organizadas pelos trabalhadores rurais (de acordo com a Pastoral do Migrante).

moradores do centro e bairros nobres da cidade) e os “de fora” (bóias-frias negros e pardos moradores do Bairro Alto) ganhou força ímpar. E ser “de fora” significa muito mais que ser migrante: ser “de fora” significa, como analisaremos no próximo capítulo, não possuir lugar algum.

Mapa 1 - Expansão da Mancha Urbana da Cidade de Guariba (1939 a 1984)



Fonte: Martins, A. L. *Guariba 100 Anos*. São Paulo: Prefeitura de Guariba, 1996. Adaptações: VETTORASSI, BRENO.

CAP. II – A Ideologia Nativa

Cotidianamente, atentamos nossos olhares para pessoas, casas, ruas e demais objetos que estão ao nosso redor e que, juntos, compõem espaços sociais em comum. Não obstante, memorizamos e rememoramos os espaços e, a partir destas memórias e pensamentos, criamos laços que unem ou separam os indivíduos, tecem grupos ou os hierarquizam, de acordo com a forma que construímos nossas memórias e a força coercitiva que elas têm. Desta premissa, podemos constatar que a memória tem papel fundamental na sociedade, que pode ser considerada um conjunto de pensamentos dos grupos que a constitui. Nossas impressões são tão importantes que, de acordo com a mitologia grega, Cérbero é o cão que guarda o portal do inferno e que, com cada uma de suas três cabeças, engole a *memória*, a *existência* e o *dever* daquele que atravessa o portão, o anulando completamente.

Em uma abordagem durkheimiana, a memória coletiva, que é compartilhada e reproduzida entre os indivíduos que formam uma sociedade, ganha força institucional. A continuidade e a estabilidade destes pensamentos coletivos são fatos sociais entendidos como *coisas*, ou seja, como se tivessem vida própria além das vontades humanas e estão ali para garantir uma coesão social. Os fatos sociais são coisas porque estão assimilados ao mundo da realidade natural, na medida em que as suas propriedades, tais como as dos objetos da natureza, não podem ser imediatamente conhecidas por intuição direta, nem ser modificadas pela vontade humana, porque são exteriores ao homem em dois sentidos: primeiro, todo homem nasce numa sociedade já constituída, dotada de uma organização ou estrutura bem definida, e é esta estrutura que condiciona a personalidade individual. Segundo, os fatos sociais são exteriores no sentido de que o indivíduo não passa de um *elemento* da totalidade de relações que constituem uma sociedade. De acordo com Durkheim (1999), essas relações não foram criadas por um único indivíduo, sendo antes o fruto das interações múltiplas entre

todos os indivíduos. Por exemplo, a linguagem, ou ainda o sistema monetário, funcionam independente do indivíduo.

Pollak (1989), sociólogo austríaco contemporâneo, nos leva a uma perspectiva mais construtivista, que não lida com os fatos sociais como se estes fossem coisas. Seu interesse é em analisar *como* os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Com o uso da história oral, privilegia e analisa os excluídos, os marginalizados e as minorias, ressaltando a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à “memória oficial”, aquela que é reproduzida pelos grupos dominantes.

O dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, são os extremos que separam uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil de uma memória coletiva organizada que o Estado, ou uma sociedade majoritária, desejam impor. Quando a memória coletiva opõe-se à memória oficial, as lembranças são transmitidas no quadro familiar e em outras redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Ou simplesmente essas lembranças não são ditas, não são reproduzidas ou transmitidas, por uma série de fatores: o constrangimento, o comprometimento, ou ainda o medo que se sobrepõe às palavras e mantém o silêncio. No entanto, é importante reconhecer que o “não-dito”, e o que Pollak chama de “inconsciente coletivo”, não estão estancados. Nem sempre a memória oficial tem credibilidade, tornando-se precária e frágil. O “não-dito” pode tornar-se, assim que aproveita uma ocasião, uma contestação ou reivindicação.

Guariba e a sua população estão imbricadas de “não-ditos”. Ainda hoje a greve e suas conseqüências são um constrangimento para toda a comunidade, seja entre os nativos ou entre os “de fora”. Mas *quem* é nativo, *quem* é de fora e *como* essas relações são construídas? Entre lembranças subterrâneas e outras espontaneamente jogadas para fora, à luz da História Oral, podemos traçar uma linha que identifica e relaciona estes dois extremos e

determina novas *di-visões* entre as duas pontas. Ou seja, há os nativos, há os “de fora”, mas há também uma série de sub-grupos que permeiam estas relações e que fazem parte da figuração social de Guariba (sua malha social que relaciona os diversos grupos), ainda mais tencionada à formação destes conjuntos por conta de sua greve. Nossas reflexões sociológicas, baseadas na metodologia da história oral, têm como eixo teórico autores como Bourdieu (e seus poderes e violências simbólicos), Elias & Scotson (e a relação estabelecidos/outsideiros) e ainda Marx & Engels (e a definição de ideologia). Os diversos tópicos deste capítulo apontam para possibilidades latentes de abordagem e reflexão. A “sociologia” dos autores citados, suas reflexões e anseios, remetem às condições e ao cotidiano dos nativos de Guariba, seja no âmbito de suas identidades pessoais, seja em suas relações com os outros grupos sociais. Este capítulo se propõe, portanto, em expor estes “sentimentos nativos”¹⁹.

2.1 “Assim Guariba ficou, pura cana...”²⁰

Dona Tereza é uma senhora de 92 completos, os quais carrega com muito orgulho. Embora não caminhe com facilidade, por conta de uma osteoporose avançada, é extremamente lúcida. Mora sozinha e cuida de sua própria casa. Deixa o portão aberto porque ele é muito baixinho, e se alguém quisesse invadir sua casa, simplesmente o pularia! Acha ruim que tantas pessoas construam muros nas casas, porque elas deixaram de ser bonitas como eram antigamente. Dona Tereza nasceu em Jaboticabal, na fazenda de seus pais, e aos nove anos mudou-se para a cidade, que tinha apenas quatro ruas, junto com os seus nove irmãos:

Dona Tereza - Bom... Eu vim pra cá quando meu pai montou uma fazendinha, próxima daqui. Era negócio da cana, fazer... melado, rapadura, pinga. Depois cresceu tudo a família... em nove filhos. E foi assim que a gente cresceu. Aí meu pai vendeu a fazenda e se mudou pra cidade [...] e fomos tocando a vida. Só que Guariba era um miolo. As família que tinha parecia tudo parente.

¹⁹ Os nomes dos entrevistados foram modificados para que suas identidades sejam preservadas.

²⁰ Palavras de Dona Tereza, 92 anos.

Se visitava... Vinha um visitar o outro. Então era uma família, uma cidade pequena, mas com amizade²¹.

Nesta época, a cidade mantinha relações estreitas com o rural, com as fazendas e plantações existentes ao seu redor, assim como com as pequenas famílias e comunidades que ali se preservavam. Dona Tereza é branca de olhos azuis, filha de ex-colonos que, assim que tiveram oportunidade, no início da década de XX, compraram pequenos lotes de terra e montaram um negócio próprio. Coincidentemente, o “negócio da cana”, como retrata Dona Tereza, que continua expondo sua infância apontando para os novos aspectos econômicos da cidade que ela, ao longo da vida, presenciou:

Dona Tereza - Só que então [a cidade] foi aumentando, aumentando... O que tinha aqui era gado, café... Até se falava do rei do café, né? Depois é que foi plantando cana, que nem meu pai, pra fazer... essa garapa, pinga, essas coisas... Depois ela foi estendendo e então veio os fazendeiros fortes, que eram de café, de gado... Aí depois eles foram vendendo tudo isso pra usina, pra plantar cana... e assim Guariba ficou, pura cana.

Dona Tereza se lembra dos reis do café, fazendeiros fortes e de status entre a sociedade guaribense, mas que, bruscamente, foram esquecidos e substituídos pelas “usinas”, que não têm rosto, não têm importância ou status entre a “gente comum”. As mudanças econômicas suscitaram mudanças sociais e culturais, na medida em que desapareceram com a figura do “rei do café”, fazendeiros de reconhecimento ímpar em todas as pequenas cidades paulistas. A usina, enquanto objeto (e não pessoa), transforma as relações hierárquicas da cidade, que não mais dependem do mundo rural e se estreitam no mundo urbano, que por sua vez também se altera em muitos aspectos. Entre os mais idosos, lembranças do período de transição da economia cafeeira para a açucareira permanecem vivas. Carlos, de 69 anos, branco, que mora no Jardim Boa Vista (bairro nobre da cidade) em uma casa cheia de cercas

²¹ Depoimento colhido no dia 14 de junho de 2005, na casa da entrevistada.

elétricas, é um advogado conhecido e respeitado na cidade e descreve de que forma a Crise de 29 afetou sua família e a cidade:

Carlos - O meu avô, ele teve um grande armazém de pinga desde o começo do século, eu poderia dizer desde o século XIX. E era grande, era no centro, no ponto melhor da cidade ele tinha um armazém com onze portas. Ah! E neste armazém trabalhavam os filhos. Meu pai era solteiro, né? E em 1929 com a quebra e a crise do café, Nova York... então, aqui em Guariba perdeu-se muito do que tinha. Todo aquele desenvolvimento do começo do século, né? Perdeu-se tudo. E meu avô também perdeu, pior do que isto, ele perdeu o patrimônio dele. Quer dizer, muitos fazendeiros aqui não pagaram a conta para ele.²²

É perceptível nas entrevistas que todas as famílias, sejam elas mais antigas ou recentes na cidade, têm ligação direta ou indireta com a economia rural da região. No caso do senhor Carlos, sua família de comerciantes foi prejudicada no período de recessão da economia cafeeira e posterior ascensão da economia açucareira. Em geral, filhos, netos, sobrinhos ou irmãos das famílias guaribenses trabalham nas usinas de cana-de-açúcar, em cargos às vezes mais, às vezes menos privilegiados, como é também o caso de Dona Tereza, que conta a história de seu único filho vivo:

Dona Tereza – [Meu filho] trabalha e mora aqui. Mas sabe que ele está meio doente, porque ele trabalhou na usina Bonfim, ou melhor, São Martinho, até se aposentar. Ele era mecânico. Aposentou, ele perdeu a voz. E já levaram ele até pra São Paulo, tudo, e os médicos falam que não tem cura! Mas dizem que é problema de cabeça e eu falo: se é problema de cabeça, ele não podia dirigir, né? E ele dirige! Dirige bem, faz compra direitinho... Só que ele não pronuncia direito as palavras. Conforme o dia, a gente não entende direito o que ele fala. Se não tivesse trabalhado tanto acho que não tinha ficado doente, né?

A indignação silenciosa de Dona Tereza não encontra culpados para o “problema de cabeça” de seu filho, a não ser o fato deste ter trabalhado muito até ficar doente. Este é o destino de muitos trabalhadores guaribenses, que não têm maiores opções de trabalho que não as relacionadas ao setor sucroalcooleiro, e acabam submetendo-se a trabalhos cansativos e degradantes dentro das usinas. Esta ligação é também freqüente no comércio

²² Depoimento colhido no dia 16 de junho de 2005, na casa do entrevistado.

local, que depende diretamente das safras e entressafras da cana, das usinas e de seus trabalhadores:

E a senhora acha que a cidade, quando os migrantes estão aqui, durante a safra, a cidade muda?

Dona Tereza - Ah, muda. O movimento da rua é repleto, não tem dia da semana. O comércio é grande... O comércio hoje é forte assim com esse povo que vem. Porque de começo não tinha um comércio tão forte assim, era um movimento fraco.

No depoimento do senhor Vítor e sua filha Leila, de 60 e 43 anos respectivamente, donos de uma loja na principal rua de comércio da cidade onde consertam aparelhos eletrônicos, esta dependência fica bastante evidente:

Pra vocês que estão no comércio, deve haver alguma diferença [entre o período de safra e entressafra da cana]...

Leila – Muita, muita.

Quais são essas diferenças?

Senhor Vítor – Bom, aí... Já aumenta mais as venda, né?

Leila – É, na safra, né?

Senhor Vítor – Isso, na safra, na entressafra fica ruim... Pra vir buscar os aparelhos...

Leila – Na parada, né? Na parada... Fica muita gente desempregada, muita gente não trabalha... Que é contrato, aí termina o contrato... Fica desempregado até abrir de novo o emprego. Então, o pessoal fica sem dinheiro...²³

Leila e o senhor Vítor nasceram em Guariba e são descendentes de colonos italianos. Por isto, se consideram “nativos”, representantes das famílias *tradicionais* guaribenses, sendo que a expressão “tradicional”, neste momento, significa ter acompanhado a história de Guariba e os seus costumes, hábitos, enfim, suas *tradições*. Neste trecho de suas entrevistas, estão se referindo aos bóias-frias, que não são exatamente para eles e outros “nativos” entrevistados, um grupo tradicional da cidade, mesmo que a representem e façam parte de sua figuração social há décadas. São trabalhadores rurais que perdem seus contratos trabalhistas no período de entressafra e que, portanto, ficam desempregados e sem condições de gastar, no comércio, o pouco dinheiro que é economizado para manter as despesas

²³ Depoimento colhido no dia 15 de junho de 2005, na loja de comércio dos entrevistados.

domésticas nestes períodos. É importante salientar que estes são os trabalhadores *estabelecidos*, que vivem na cidade há mais tempo ou nasceram nela, e não os temporários, que voltam para suas terras de origem neste período de entressafra, e não raro retornam para Guariba e outras cidades-dormitórios de São Paulo no ano seguinte. Ambos os grupos (os que se estabeleceram na cidade e os temporários) são fundamentais para o comércio local, em uma relação de venda e compra que sustenta parte da economia local. No entanto, o migrante estabelecido se torna mais indesejado, na medida em que, na entressafra, é incapaz de circular seu dinheiro no comércio, ao mesmo tempo em que traz despesas públicas para os serviços locais. Concomitantemente, temporários ou os que estão na cidade há mais tempo são também indesejados no período da safra porque, em especial quando são pagos, circulam pelas ruas do centro da cidade e são “vistos”, saem das periferias escondidas (ou ao menos esquecidas) e, enfim, se relacionam com a comunidade local. É o momento em que os dois grupos se percebem e se evitam mutuamente²⁴, como é perceptível no depoimento de Dona Laura, 77 anos, branca, e de sua filha Carla, 42 anos, branca:

E as senhoras acham que a cidade muda no período de safra?

Carla – Ah, muda assim... a gente vê mais gente transitando, né mãe?

Dona Laura – É.

Carla – A gente anda por aqui e minha mãe fala “nossa, de onde saiu tanta gente?”. É bastante gente, e em dia de pagamento, então, é um sai e entra... em loja, em certas lojas também. Quando chega mais próximo do pagamento, você nota uma diferença maior.

E isso, pras senhoras, é bom ou é ruim?

Carla – Pra mim não incomoda em nada. A senhora se incomoda, mãe?

Dona Laura – Pra mim também não. A gente só fica com um pouco de medo, né? Por que eles passam aqui na frente... vai que esse povo tá assaltando...

Carla – É, a gente fica com medo, né?²⁵

Dona Laura se mudou com seu marido para Guariba na década de 60, para que este exercesse sua profissão de médico na cidade. Carla também não nasceu em Guariba, mas desde muito pequena vive ali e jamais saiu dela. Moram no centro da cidade, e podem ser consideradas “nativas” porque assim se percebem e interagem com os outros. Ser nativo é,

²⁴ As reações dos “de fora” (migrantes) serão explicitadas no capítulo III.

²⁵ Depoimento colhido no dia 15 de junho de 2005, na casa das entrevistadas.

afinal, estar à parte de uma tradição que vai muito além de nascer em Guariba. É se perceber enquanto “de dentro” e se comportar desta forma, expondo na corporalidade, na identidade e na memória o verdadeiro grupo a que pertence.

2.2 “Amizade agora é assim, só quando mora perto...”²⁶

“Tradição” é algo que Dona Tereza procura manter porque se sente parte da história, da cultura e dos hábitos da comunidade guaribense. Ao longo de seus 92 anos, presenciou transformações, ora bruscas, ora brandas em sua vida, porque nasceu e cresceu em um tempo em que Guariba era apenas quatro ruas de terra. Relata com intensidade as mudanças presenciadas no mundo rural, o qual fez diretamente parte na sua infância; logo em seguida, fala das alterações no mundo urbano:

Dona Tereza - Depois foi estendendo a rede de cana. Aí Guariba ficou dependendo só da cana. E não tinha muita família que vinha! Como começou a estender a rede de cana, aí começou a vir uma leva assim de dez, doze... Arrumavam um salão, assim, e ficavam até o corte da cana. Acabavam de cortar cana e aí vinham embora. Mas aí os primeiros que vieram, uns foram casando, outros formando uma família aqui... E foi aí que Guariba se estendeu só de gente estranha. E agora é assim, muito difícil manter uma amizade. Amizade agora é assim, só quando mora perto, assim como a D. Maria, que eu tenho amizade bastante.

E essas pessoas que a senhora disse que chegaram? Elas vieram de onde?

Dona Tereza - Ah... Devo te falar que a maior parte é tudo nortista! Nesses morro grande, a maior parte é nortista! Agora não sei dizer de que cidade exatamente eles vêm. Mas eu sei que é do norte. Inclusive já tem tudo família grande, distribuído aí pela vila...

Espontaneamente, Dona Tereza denuncia a presença de uma “gente estranha” que, aos poucos, se estabelece na cidade e modifica seus aspectos cotidianos. Para Dona Tereza, Guariba não é mais uma cidade de amizade, como no início de seu depoimento, mas sim uma cidade estranha, mesmo que estes “estranhos” estejam em Guariba há mais de trinta anos. Não obstante, Dona Maria, mencionada no depoimento de Dona Tereza, é sua vizinha e

²⁶ Palavras de Dona Tereza, 92 anos.

mora na cidade há vinte e oito anos. Isto significa que Dona Maria não é propriamente uma “nativa”, no sentido de ser uma guaribense nata. Porém, ela é nativa para Dona Tereza, e digna de uma verdadeira amizade, porque é branca e mora no centro da cidade, mesmo que não more nela há mais tempo que um trabalhador rural nordestino, negro e morador do Bairro Alto. Neste sentido, chamamos a atenção para um primeiro sub-grupo inerente à relação dialética nativos e os “de fora”: ser branco e morador do centro da cidade é o suficiente para ser identificado enquanto nativo, ou, pelo menos, é o suficiente para ser um indivíduo livre de estigmas.

Quando pensamos na relação dialética nativos/os “de fora”, perceptível em Guariba, correlacionamos à semelhante relação estabelecidos/outsideers, estudada por Elias & Scotson (2000). Seus indicadores sociológicos demonstravam que Winston Parva, cidade inglesa que foi objeto de pesquisa dos autores, tinha aspectos bastante homogêneos, já que seus moradores não tinham nenhum tipo de diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, cor ou raça e classe social; a única diferença, que hierarquizou e dividiu a cidade em dois grupos, era a de que um grupo constituía-se de antigos residentes (duas ou três gerações) e o outro de recém-chegados. Os estabelecidos (antigos moradores) tinham o poder de diminuir e ridicularizar os outsideers (recém-chegados) porque entre eles havia um alto grau de *coesão*, reproduzido e fortificado entre os meios de sociabilidade existentes entre os “iguais”.

Em Guariba, não temos exatamente grupos homogêneos. Nativos e “de fora” se diferenciam em diversos aspectos: o primeiro grupo é constituído de brancos, o outro de negros e pardos; o primeiro é morador do centro, o outro do Bairro Alto; o primeiro é de classe média e classe média alta, o outro é de classe baixa. Todos estes elementos são resumidos em poucas palavras detentoras de estigmas: “de fora”, estranho, migrante, nordestino. O curioso é que, justamente este resumido estigma não condiz à realidade, já que muitos “nativos” não nasceram em Guariba e muitos “de fora” são guaribenses.

Se os aspectos econômicos, sociais e culturais não são homogêneos em Guariba, qual é a sua similaridade com a relação dialética de Winston Parva? Os dados indicam que é justamente o poder de *coesão* dos “nativos” guaribenses. Quando Dona Tereza tece laços de amizade com Dona Maria, estabelece com ela um alto potencial de coesão capaz de estigmatizar, ignorar ou diminuir o Outro, o “de fora”, que nem sempre faz parte de um grupo coeso. Muitas vezes depende do nativo no seu cotidiano, mesmo que evite tal dependência²⁷.

Os “de fora” são, para os nativos, responsáveis pelas indesejadas transformações urbanas. Ruas do centro cheias em dia de pagamento é apenas um dos inconvenientes relatados pelos nativos. Aumento da área urbana de forma desregulada, periferias sujas à vista de todos, serviços públicos e sociais procurados em demasia e, enfim, a greve e a violência (que para os nativos é cada vez maior na cidade), são outros tipos de problemas causados ou agravados pelas levadas migratórias. Dona Tereza continua seu depoimento descrevendo de que forma surgiu e cresceu o Bairro Alto, o primeiro a receber os trabalhadores rurais migrantes e que, em 1984, foi palco da Greve de Guariba:

E como é que este bairro surgiu?

Dona Tereza - De pessoas que moram no quintal... O pai tem a casa na frente, casa o filho que não tem terreno, então vão dando os lotes nas casas. Por isso que surgem tudo estes bairros que estão por aí, entregues... E tem as duas Cohab's, tem a primeira e a segunda. Mas já tá tudo povoado aquela parte dali. Mas é tudo gente que veio de fora, não é gente daqui. Família daqui tem bem pouca, viu? Do tempo que a gente conheceu...

E são pessoas que vieram do norte?

Dona Tereza - É, tudo. A maior parte veio tudo de fora! Então... E gente daqui, tem muita gente daqui que já se mudou, pra Jaboticabal, pra Ribeirão... Porque acham que aqui não estão tendo ambiente.

Dona Tereza não foi a única a relatar que o incômodo que os nativos têm com as levadas migratórias é tão grande que foi capaz de expelir “boas” e “tradicionais” famílias em

²⁷ Este ponto será melhor discutido no capítulo III, quando os depoimentos dos migrantes serão analisados.

busca de um “melhor ambiente”. Carla e Dona Laura também destacam esta situação, o que leva a crer que ela realmente acontece:

Carla - Mas eu sei que [a cidade] mudou bastante. Tem muita gente hoje que a gente não conhece.

Dona Laura – Ah, é claro. Mudou.

Carla – Muita gente que era antigo morador se mudou de Guariba. Os mais antigos, os filhos dos mais antigos... que formaram e foram pra outras cidades. Então hoje em dia é mais um... É um pessoal um pouco estranho, né? Em vista do que era.

Estas famílias nativas lamentam que parte significativa de seu grupo tenha deixado Guariba, enquanto que os indesejados grupos “de fora” continuem ocupando expressivamente os bairros mais afastados da cidade. Relacionam a *ida* de um grupo com a *vinda* do outro grupo, como se a emigração dos nativos só ocorresse porque a imigração dos “de fora” permanece ativa. Esta relação não é necessariamente verdadeira. Como Carla relatou, muitos “filhos dos mais antigos” se formam e por isto se mudam para outras cidades da região, como Ribeirão Preto - SP, em busca de melhores condições de emprego, uma vez que Guariba, como já foi mencionado, tem sua economia exclusivamente baseada no setor sucroalcooleiro, inclusive seu comércio, totalmente dependente deste setor. Sem indústrias, universidades ou setores terciários, se estabelecer na cidade sem trabalhar nas usinas ou em outros serviços relacionados a ela é praticamente impossível. Mas nada disso é mencionado. Torna-se conveniente culpar o grupo “de fora” por um atraso econômico na cidade²⁸ que se agrava ainda mais quando grupos capacitados, que não querem trabalhar no setor sucroalcooleiro ou dependerem dele, simplesmente migram.

O atraso econômico que a cidade enfrenta é um problema que, de acordo com a ideologia nativa, justifica-se a partir da intensa imigração nordestina, que requer constante assistência social e esgota os serviços públicos. Mas há um ponto ainda mais mencionado em

²⁸ De acordo com o IPRS (Índice Paulista de Responsabilidade Social), Guariba está no grupo de municípios de baixo desenvolvimento econômico e em transição social. O IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) em Guariba é de 0,756, abaixo do estado de São Paulo, que é de 0,814 (o ideal é 1). Dados colhidos da Folha Ribeirão do dia 9 de maio de 2004, página G1.

todas as entrevistas com os nativos: a violência, a criminalidade existente na cidade. Espontaneamente, os nativos mencionam uma Guariba tencionada a uma criminalidade cada vez mais presente, perceptível em especial a partir de 1984, após o fim da assustadora e violenta greve dos trabalhadores rurais. De fato, Guariba é reconhecida enquanto cidade violenta e criminosa não apenas entre seus moradores, mas também entre os moradores das outras cidades que a circundam e perpetuam estas marcas profundas. O senhor João, que tem uma carroça e faz transporte de carga, conversou algum tempo comigo em frente ao Fórum de Guariba, na praça da igreja matriz. Disse que até seus bisavôs já moravam na cidade, que é muito boa, mas que já foi melhor, porque hoje é muito violenta, e que essa gente que “vem de fora”, meio “escurinha”, sem emprego e sem cultura, acaba trazendo problemas à cidade. Que às vezes eles saem das suas terras só para vingar a morte de um colega ou fazer acerto de contas.

Perguntei sobre a greve. O senhor João contou que estava na rua quando tudo ocorreu. Quando ouviu o tiroteio, correu “como um tiro” para casa, pois estava há um quarteirão de distância do aglomerado de grevistas. Algum tempo após a greve, o senhor João foi com a filha e o genro passear no shopping de Ribeirão Preto - SP. Duas senhoras no estacionamento viram o carro com a placa de Guariba e uma disse à outra: “Vamos embora logo que essa gente é de Guariba!”. O senhor João conta esta história rindo, mas em seguida se entristece com a lembrança tão subterrânea que a nossa conversa trouxe à tona, e fala que o povo de Guariba sofreu muito, e que até hoje sofre, pois tem dificuldades para trabalhar nas usinas que não contratam guaribenses, os relacionando à greve. Guariba é, afinal de contas, uma cidade estigmatizada em todos os aspectos. Sua greve, sua pobreza relativa, sua economia exclusivamente sucroalcooleira e suas periferias expostas aos olhos visitantes fazem com que Guariba seja mal vista e mal quista nas cidades circundantes, que em geral apenas a conhecem pelos seus altos índices de violência, sempre comentados e difundidos.

Sabíamos desde o início da pesquisa que Guariba é uma “cidade violenta”. Ainda assim, nos surpreendemos com o número de vezes em que a variável criminalidade surgiu nos depoimentos tanto dos nativos quanto dos “de fora”, na maior parte das vezes sem a necessidade, por parte da entrevistadora, de inserir o tema ao longo da entrevista. A partir destas observações, consideramos conveniente pesquisar dados referentes aos processos criminais da comarca de Guariba, com o intuito de compreender de forma mais nítida os “conhecidos” índices de criminalidade da cidade. Nesta etapa da pesquisa, os “Registros de Feitos”, que contém relevantes dados quantitativos dos processos criminais da comarca e que estão localizados no Fórum de Guariba foram, em um primeiro momento, consultados, para que então aqueles que continham réus migrantes pudessem ser organizados e arquivados em um banco de dados construído para a pesquisa²⁹. Embora esta fase da pesquisa tenha sempre alcançado um caráter secundário ao longo do estudo, os dados quantitativos que com ela foram possíveis levantar (como também as entrevistas realizadas em especial com os migrantes do Bairro Alto) trouxeram à luz resultados (e questionamentos) quanto à relação nativos/os “de fora” e os tipos de crime em que os migrantes e seus descendentes estão envolvidos.

Percebemos com esta pesquisa que o número total de processos criminais da década de 90 *não justifica* a fama de violenta que a cidade já recebia na época:

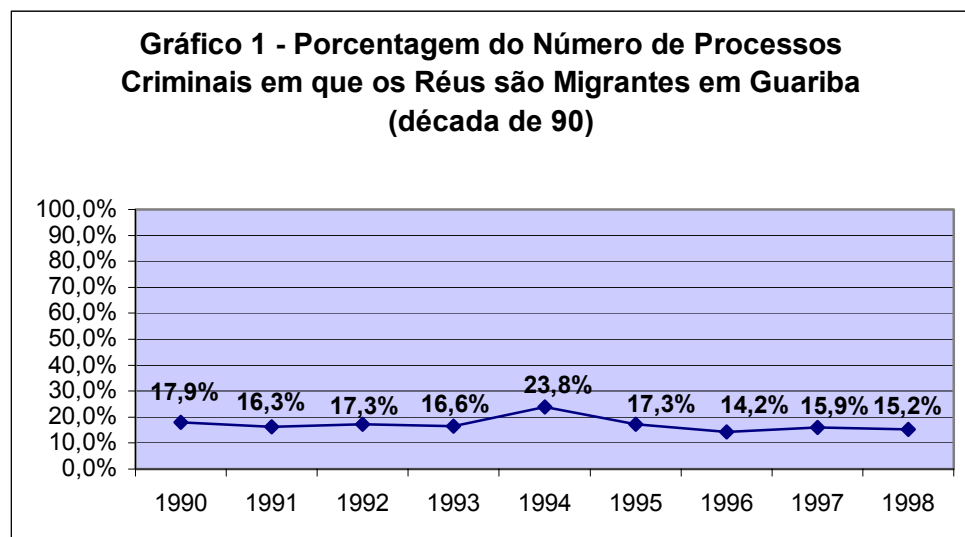
Quadro 1: Número Total de Processos Criminais Ocorridos em Guariba entre os anos de 1990 e 1998

<u>1990</u>	<u>1991</u>	<u>1992</u>	<u>1993</u>	<u>1994</u>	<u>1995</u>	<u>1996</u>	<u>1997</u>	<u>1998</u>
571	790	1194	1011	802	775	500	673	957

Fonte: Registros de Feitos do Fórum de Guariba.

²⁹ Parte do banco de dados encontra-se no apêndice da dissertação.

No ano de 1990, foram registrados 571 processos criminais, um número baixo para os padrões de uma cidade com o porte de Guariba³⁰. Do total neste ano, apenas 48 processos têm como réus *migrantes trabalhadores rurais ou desempregados*, um número muito menor do que o estimado pelos funcionários do Fórum (150 processos por ano envolvendo migrantes lavradores), o que indica um viés discriminatório. Ou seja, os nativos encarnam os valores da tradição e da boa sociedade, enquanto os “de fora” estão rotineiramente relacionados à anomia, delinqüência, violência e desintegração, numa espécie de “fantasia coletiva” perpetuada pelo alto potencial de *coesão* dos estabelecidos e, no caso de Guariba, pelo preconceito de cor e classe que denomina “migrantes” todos aqueles que são negros e pobres. O gráfico a seguir indica a porcentagem do número total de processos criminais em que os réus são migrantes em relação ao número total de processos criminais da comarca de Guariba:



Fonte: Pesquisa de Campo.

Como o gráfico revela, não só a imagem de violenta que a cidade carrega não tem fundamento empírico, como também a responsabilidade dada aos migrantes para os

³⁰ No mês de julho de 2004, foram registrados na delegacia da cidade 120 termos circunstanciados (crimes de “menor potencial excessivo”, como xingamentos, por exemplo). Em Monte Alto, cidade com 10.000 habitantes a mais que Guariba e sua vizinha, foram registrados no mesmo período 174 termos circunstanciados. Destes termos, poucos se tornam inquéritos e é ainda menor o número dos que se tornam processos criminais.

índices de criminalidade, sejam eles migrantes estabelecidos ou temporários, ainda mais levando-se em conta que este grupo representa mais da metade do total da população guaribense (Martins, 1996). A idéia de que Guariba é uma cidade violenta está relacionada à greve de 1984. Além disso, os dados empíricos demonstram que a conexão migração-criminalidade é apenas parte da ideologia nativa e de toda violência simbólica reproduzida e perpetuada por este grupo.

A partir dos dados da pesquisa quantitativa, foi possível determinar o número total de processos envolvendo *migrantes* porque as fichas dos réus informam sua naturalidade. No entanto, não informam a naturalidade dos pais, impossibilitando o acesso aos processos em que os réus são *filhos* de migrantes. É provável que, levando em consideração este tipo de processos, alcancemos o número estimado pelos funcionários do Fórum, que era o de 150 processos por ano envolvendo migrantes. Isto porque, como já foi discutido acima, para os moradores mais antigos da cidade todos aqueles que são negros, pobres e/ou moradores do Bairro Alto são também “migrantes”, terminologia usada para mascarar seus preconceitos, como também para hierarquizar e homogeneizar os grupos sociais. No que tange à participação da segunda geração dos migrantes nos crimes ocorridos em Guariba, de acordo com os moradores do Bairro Alto³¹, estes estão mais envolvidos no tráfico de drogas, crime tipicamente urbano entre os que são verdadeiros “sobrantes” em todo o processo de mecanização do trabalho rural e que jamais tiveram um modo de vida camponês como o de seus pais, que passaram boa parte da vida no meio rural dos estados nordestinos.

Segundo Elias & Scotson (2000: 37), as crianças são suscetíveis à humilhação, já que seus pais e todo seu grupo (sua imagem e valor) constituem uma parte vital de sua auto-imagem, sua identidade individual e sua auto-avaliação (o mesmo que ocorre com os descendentes de Guariba). As experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são

³¹ Em pesquisa realizada no dia 20 de junho de 2004.

arbitrárias; têm uma estrutura e dinâmica próprias. Num estágio primitivo da vida (infância), podem influenciar profundamente a moldagem dos afetos e a conduta em etapas posteriores. A criança não é só afetada pela experiência dos pais, mas também pelo que os *outros* pensam e dizem sobre seus pais. Ou seja, a violência simbólica e os estigmas atribuídos aos migrantes por uma ideologia nativa podem estar ocasionando uma real violência entre a segunda e a terceira geração de migrantes, já guaribenses natos, no entanto marginalizados pela sociedade guaribense “nativa”.³²

A 1ª geração de migrantes, sazonais ou não e com modos de vida tipicamente camponeses, dificilmente se envolve em crimes urbanos como o tráfico de drogas. O trabalho contínuo durante a safra da cana exercido por estes migrantes corresponde à ruptura com o tempo cíclico camponês existente em seus locais de origem. Em seu novo tempo cíclico, as estações do ano são a safra e a entressafra da cana. O tempo vira dinheiro, e é comprado e vendido. Neste contexto, o *espaço* e o *tempo* em que ocorrem os atos de violência estudados em uma amostra de processos criminais não estão relacionados com o centro de Guariba e seus nativos. As relações conflituosas são horizontais e correspondem a crimes entre os iguais.

Mesmo com baixos índices de violência, dentre os quais os migrantes não são os maiores responsáveis, Guariba continua invariavelmente sendo vítima de um estigma existente tanto dentro dos seus limites como fora deles. Em contrapartida, a comunidade guaribense, a partir de uma *memória coletiva* (Pollak, 1989) produzida e compartilhada entre

³² No dia 16 de agosto de 2004, morreu em Guariba o lavrador Marcos Roberto de Souza, 22 anos. De acordo com a polícia civil, esta é a oitava vítima do 1º semestre de 2004 de uma briga de gangues relacionadas ao tráfico de drogas do Bairro Alto. Guariba, na época, recebeu a quarta colocação no “ranking de homicídios” da região de Ribeirão Preto, atrás apenas de grandes cidades (Ribeirão Preto, Araraquara e Franca). As oito vítimas eram bastante jovens, tinham entre 16 e 22 anos (Folha de São Paulo, Caderno Ribeirão, 17 de agosto de 2004, p. C6). No mesmo período de 2003, apenas um homicídio foi cometido em Guariba, um baixo índice que a cidade vinha conquistando há pelo menos 10 anos (de acordo com as planilhas do Fórum de Guariba). Em 2005, os índices novamente caíram, tendo ocorrido ao longo do ano apenas três homicídios (de acordo com a Delegacia de Polícia de Guariba). É necessário investigar o porquê deste significativo aumento de homicídios no ano de 2004, como também o que levou estas denominadas “gangues” ao enfrentamento (e até que ponto os migrantes e seus descendentes estão realmente envolvidos nestes crimes).

seus iguais, determina que seu atraso econômico e sua “alta criminalidade” estão exclusivamente relacionados aos “de fora”, aos grupos migrantes, verdadeiros estorvos para a cidade. Perguntei para Dona Tereza por que os antigos moradores não “estão tendo ambiente” em Guariba, e ela me respondeu:

Dona Tereza: Sei lá, porque acham que esse povo aí não entrosa amizade com a gente, de verdade. Não é como a gente, que pega amizade, que é sincero, parece tudo meio assustado, não sei se chegam assustado das terras deles. E a gente acha que eles são meio afastados. E ainda por cima a maior parte é nortista...

Este trecho torna ainda mais perceptível o alto poder de coesão que o grupo nativo construiu em prol de sua identidade enquanto igual, bom e amigo e contra a existência do Outro, que nem ao menos é sincero ou “entrosa amizade”³³. Conseqüentemente, um grupo que não é “amigo” ou “bom”, facilmente está relacionado aos males da sociedade, em especial à criminalidade:

E a senhora acha que Guariba é uma cidade violenta?

Dona Tereza - Ah, aquele bairro lá em cima é! Essa parte nossa aqui, não. Mas esses morador que mora tudo pra lá... tem semana que mata dois, três! Mas é tudo gente que vem de fora. E matam assim, em pleno dia! É, aquela parte é violenta, sim. É mais aquela parte ali do João-de-Barro, não sei se você já andou por lá. Acho que não né?

Assim como Carla e Dona Laura, Dona Tereza ativa seu sentimento de estranhamento quando percebe os “de fora” nas ruas do centro, no comércio da cidade, ou recebendo seus salários e fazendo pagamentos:

E quando a safra acaba e eles [os “nortistas”] vão embora? Tem alguma diferença pra senhora?

Dona Tereza – Tem, tem diferença pro comércio.

Em quê?

Dona Tereza - Porque diminui o movimento deles, né? Então... Quer dizer, geralmente agora não é tanto porque eles já estão tudo estabilizados aqui, mas até uns quatro, cinco anos atrás fazia diferença porque diminuía o comércio, né? Mas agora não. Agora a semana inteira na rua da frente, lá, é movimentada. Aumentou muito o comércio, aqui, com esse povo.

³³ Para a definição de identidade, eu (*self*) e Outro, vide GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985. Os conceitos da psicologia social de Goffman são fundamentais para a compreensão da relação nativos/os “de fora”.

E isso pra senhora é bom ou é ruim?

Dona Tereza - Ah, pra gente é bom porque a cidade cresce, né? E também, esse povo mais isolado, assim, fica mais de fora... Não fica por aqui, no centro. Vem, faz compra e vão embora pra lá. Mas que o centro melhorou, melhorou sim. E abriu muita loja depois disso, viu? De roupa assim, abriu bastante, sim.

Mas então é melhor que eles venham, façam as compras e vão embora?

Dona Tereza - É, eles fazem a compra e vão embora. Mas tem aqueles que ficam por aí à noite, que quebram os vidros das casas... Tanto é que tinha casa com muito vidro à mostra, já taparam com tijolo que é pra não ter perigo de quebrar mais, né?

Este é, afinal, o momento de re-conhecimento e de estranhamento de ambos os grupos. Mesmo que Dona Tereza saiba a importância que os “de fora” têm para o comércio local, prefere que estes freqüentem as ruas do centro, consumam, e imediatamente voltem para as periferias pobres. Caso isto não ocorra, um conflito e/ou um ato de vandalismo são eminentes. Ou ao menos é o que acredita Dona Tereza que, paradoxalmente, jamais foi vítima de nenhum caso de violência ou vandalismo na cidade, e deixa o pequeno portão da frente de sua casa aberto mesmo de madrugada. Dona Tereza nos prova que grupos “de fora”, quando inseridos nos espaços nativos, são facilmente percebidos e indesejados. Como isto ocorre, uma vez que em seus rostos não estão estampadas as suas naturalidades? Carla responde:

Carla - Ah, eles são mais morenos, né? Geralmente mais pra cor parda. Nem moreno muito escuro, nem branco assim, mais da cor parda. Geralmente são assim, magros, mas magros de um peso bom. Têm uns que têm feição de nordestino, têm outros que não, são normal, [sic] entendeu? Mas uns chegam, são super simpáticos, não sabem o quê fazer pra te agradar. Mas é o que te falei, é uma porcentagem que vem de fora e forma as gangues e bagunçam, entendeu?

Nesta fala, é perceptível que, de uma certa forma, rostos podem estampar suas naturalidades, ou ao menos a que grupo pertencem: ser negro ou pardo é impreterivelmente ser “de fora”, com todos os estigmas que ser “de fora” em Guariba possui. A palavra “moreno” é utilizada por Carla para escamotear um forte preconceito racial existente contra o *negro*. Assim, há uma qualidade comum (ser negro ou pardo) compartilhada com os “de fora” que os identifica desta forma; sua corporalidade projeta uma impressão para os nativos que torna possível uma dialética e discriminatória relação entre os dois grupos. Utilizando-se da expressão *migrante*, o nativo mascara um preconceito de cor e de raça muito mais evidente e

forte que o de naturalidade. Munido de seu alto poder de coesão, o nativo atribui ao “de fora” (migrante e, principalmente, negro ou pardo) todos os males de sua sociedade:

Carla – Ah, aqui é só vidro fechado. Tranca janela, porta, tudo. Antigamente, quando você podia dormir com as janelas abertas... Antigamente eu quero dizer uns vinte anos atrás... A gente deixava janela aberta, deixava cadeira lá na área. Ficava no quintal à noite e era normal... Se você quisesse até dormir com a porta aberta, não tinha problema nenhum. Mas depois que começou esta migração... foi aí que começou este problema, tá um perigo. Aqui, uma hora, duas horas da tarde, você já tem que trancar tudo. Que eles não escolhem mais horário pra entrar na sua casa. Tanto faz se é de dia, de noite... E isso é geral, não é só aqui no centro. Nos outros bairros também. É geral.

Outros moradores destacam os mesmos problemas:

E o senhor acha que os migrantes são mais violentos?

Senhor Vítor - É, não, eu acho que são tudo esses nortista. A gente vê, quem dá tiro lá, quem morre, é tudo nortista!

Leila – É, é mesmo.

Senhor Vítor – Daqui mesmo, não.

Mas por que será?

Senhor Vítor - Ah, não sei. Mas eu acho que deve ser cultura, viu? Tem muita falta de educação praqueles lados...

Leila – É, praqueles lados de cima, lá, ainda mais pro sertão, não tem lei, né? Não tinha lei lá... Então eles mata e pronto, né?

Senhor Vítor – Manda matar...

Leila - Manda matar, né? Que nem no tempo do Lampião. Continua a lenda... Quando é crime é isso aí, “é morador de tal lugar”. Nunca é morador daqui.

Senhor Vítor – No meu tempo, meu pai deixava a porta aberta da minha casa, não tinha roubo...

O senhor Vítor se lembra de um tempo em que os moradores de Guariba, inclusive seu pai, deixavam as portas das casas abertas porque não tinham medo de roubo ou de nenhum outro tipo de violência. Acredita que os problemas atuais que a cidade enfrenta podem ser atribuídos à cultura migrante, ou à falta de cultura e educação entre o grupo migrante, que “manda matar e pronto”. Leila cita o tempo do Lampião, figura nordestina que sempre determinou e utilizou as suas próprias leis e que, de acordo com a entrevistada, inspira um comportamento anômico entre os moradores de Guariba advindos de estados nordestinos. É curioso observar que Leila fala de um criminoso que “nunca é morador daqui”. As expressões que utiliza evidenciam um sentimento que Leila tem de total *não pertencimento* do

grupo “de fora”: o migrante nem ao menos é *morador* de Guariba, estando absolutamente despreendido da cultura nativa. A cultura é, portanto, uma nova *di-visão* entre os dois grupos:

Carla – Bom, eu acho que onde eles moram não deve existir uma lei muito rigorosa. Porque eles vêm aqui e fazem a lei deles. Que nem eles falam lá em cima... o morro, né? Lá pra cima, com aquele pessoal lá, se você olhou torto, tá marcado! Você não pode discutir, você não pode questionar... você não pode fazer nada. Então, primeiro que a maioria não tem a menor cultura, né? Acho que a cultura faz muita falta, a instrução, né? E depois que eles tão tudo acostumado, porque eles moravam lá no sertão, onde ainda deve reinar aquele tipo de lei, de coronel, essas coisas, então aqui, dependendo da pessoa lá em cima, se você falar alguma coisa, você tá marcado. E eles se pegam mesmo. Sem dó. Então você tem que saber como lidar com esse povo. Não todos, mas uma parte.

Carla cita uma quarta *di-visão* que marca a relação nativos/os “de fora”, que é o espaço geográfico. Ela fala de um “morro” onde a violência e a criminalidade estão mais presentes que em quaisquer outros espaços de Guariba. Este “morro” é o Bairro Alto, indiscutivelmente o mais conhecido bairro de migrantes da cidade, por uma série de fatores já apresentados: foi o primeiro bairro que surgiu, na década de 50, para receber os pioneiros grupos de trabalhadores mineiros e baianos para o corte da cana; foi também o palco da greve de 84, tendo saído dali os levantes grevistas em direção ao centro da cidade; está localizado na entrada da cidade, à vista de todos os moradores e visitantes; é o bairro mais populoso de migrantes, que não só concentra inúmeros “becos”³⁴ e pensões de migrantes temporários, como também as casas dos migrantes permanentes e seus filhos, representantes da 2ª geração.

Mas o Bairro Alto não é o único que recebe os migrantes, em especial os temporários. Estes grupos estão localizados em diversos outros pontos da cidade, como a Vila Rocca, a Vila Jordão e a Vila Amorim. No entanto, estes bairros nem ao menos são mencionados pelos entrevistados. Quando questionados sobre a Vila Jordão, alguns nativos relatam que não existem migrantes neste espaço, sendo que este é o segundo maior bairro de migrantes da cidade. Talvez por ser um bairro antigo, que também é ocupado por famílias

³⁴ “Becos” são estreitas ruas sem saída, em geral não asfaltadas, que concentram inúmeras casas em minúsculos e pouco arejados espaços. Essas casinhas compartilham um só banheiro e um portão de entrada, e têm difícil acesso.

mais antigas e tradicionais de Guariba, não seja compreendido enquanto bairro de migrantes. O Bairro Alto é, portanto, o mais conhecido e estigmatizado pelas características expostas acima, como reconhece Carla:

Na Vila Jordão também tem migrante, ou não?

Carla – Ah, tem, essa gente tá espalhada na cidade inteira.

Não é só lá pra cima?

Carla – Não, não. Lá pra cima [Bairro Alto] a gente tá acostumado a falar porque tem, a maioria dos escopos de migrantes que tem moram tudo pra lá. Então eles vêm, ficam, outros vão embora, outros ficam tudo solto... mas na cidade inteira, Vila Rocca... Acho que menos aqui mais perto do centro ou no bairro mais perto do hospital [Jardim Boa Vista], que é um bairro mais nobre, né? Acho que por ali não deve ter, mas de resto... Essas novas vilas que estão se formando, Paulistano, Monte Belo... A maioria é tudo do pessoal que veio de fora.

Ser “de fora” é, fundamentalmente, ser migrante, ser negro ou pardo, pobre economicamente (cortador de cana) e culturalmente (ter baixo nível de escolaridade e/ou estar relacionado aos valores culturais nordestinos) e ser morador do Bairro Alto. Mas basta ter uma das características acima para ser rejeitado e estigmatizado pelo grupo nativo, detentor de uma violência simbólica “que se exerce pelo poder das palavras que negam, oprimem e destroem psicologicamente o outro” (Zaluar & Leal, 2001: 148). Segundo Bourdieu (1989), a violência simbólica é operada pelos mandatários do Estado, que possui o monopólio de uma violência simbólica legítima, o que inclui a Justiça, instituição na maior parte das vezes inacessível aos migrantes e seus descendentes. No entanto, a sociedade civil também demonstra sua capacidade de violentar simbolicamente o outro, como fazem os nativos de Guariba. Nos “de fora” é atribuída a estigmatização do “marginal”, e a tese de que a miséria sempre gera criminalidade legitima uma violência simbólica multifacetada, que se transpõe para o mundo da violência *real*. O nativo utiliza as *di-visões* acima (de classe, cor/raça, naturalidade e etc.) para justificar a criminalidade existente na cidade e que é conhecida por todas as cidades vizinhas de Guariba. Ou seja, os nativos tomam consciência de suas posições no mundo social quando mantêm relações de força com os “de fora”, quando classificam e nomeiam o outro de acordo com o seu capital simbólico (Bourdieu, 1989), que nada mais é

que as diversas propriedades que os agentes constroem para determinarem suas posições nos espaços sociais e que só é significativo quando conhecido e reconhecido pelos outros agentes. De acordo com Bourdieu (1989: 140), quando *categorizamos* o outro (elogiamos, congratulamos, louvamos, insultamos, criticamos, censuramos ou acusamos), estamos determinando e reconhecendo nossas próprias posições sociais. Conclui que na verdade temos uma “inconsciência de classe”, já que as representações dos agentes estão em constante transformação. Apenas reconhecemos a posição que ocupamos no espaço social na prática, nas relações sociais que mantemos com os outros grupos sociais e que nunca é estática ou unilateral. Assim, o nativo transfere para o “de fora” os pontos negativos existentes em sua comunidade (pobreza, criminalidade, etc.), com o intuito de preservar sua auto identidade (*self*); é uma forma de defesa, que se baseia no ataque.

2.3 Os Lugares da Memória e os Mapas Afetivos

Nesta seção objetivamos, não apenas com as falas dos depoentes, mas utilizando como recurso um novo material de pesquisa que são os mapas afetivos, demonstrar *como* se revelam as lembranças dos depoentes nativos e de que forma elas são transportadas para o papel. No entanto, é necessário destacar que os desenhos (os mapas afetivos) vêm recebendo inéditas reflexões e abordagens sociológicas³⁵, mas já foram amplamente usados em estudos nas áreas da psicologia, psiquiatria e terapia ocupacional. Destacamos dois excepcionais trabalhos, que estão correlacionados: os dos psiquiatras Carl Gustav Jung e Nise da Silveira (2001), que acreditavam que os desenhos e pinturas de seus pacientes representavam a totalidade de um Self compartilhado. As imagens revelavam o interior dos

³⁵ Teses, dissertações e pesquisas de outras naturezas, relacionados ao LMS (Laboratório de Memória e Sociedade), coordenado pela Profª. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva, vêm aplicando este novo recurso metodológico em suas pesquisas de campo, à luz da História Oral. Destacamos os seguintes trabalhos: COVEZZI, M. *Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UNESP, Araraquara – SP. 2000 e ANDRIOLLI, C. S. *Nas Entrelinhas da História, Memória e Gênero: lembranças da antiga fazenda Jatahy (1925 - 1959)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFSCar – São Carlos. 2006.

indivíduos que as produziam, e a análise destas imagens trazia à luz dimensões e mistérios dos processos do inconsciente.

Sob uma perspectiva sociológica, Halbwachs (1990) e suas reflexões fortalecem as análises sobre os mapas afetivos, já que, desde o início do século XX, este autor foi contra a oposição indivíduo/sociedade e passou a analisar intensamente a importância da memória e seus aspectos nas sociedades modernas. A sociedade, longe de uniformizar os indivíduos, diferencia-os, pois na medida em que os homens “multiplicam suas relações (...), cada um deles toma cada vez mais consciência de sua individualidade” (Alexandre. In: Halbwachs, 1990: 22). Halbwachs entende que a sociologia é a análise da consciência que temos da sociedade e que existe na sociedade. É pensar como as condições sociais – a linguagem, as instituições, as tradições, dentre outras – tornam possível a consciência de cada indivíduo. A sociedade é, essencialmente, *consciência*, e por isto a memória é fundamentalmente importante entre os grupos sociais (1990: 21). No foco destas reflexões, os mapas afetivos são significativos quando revelam as lembranças e os aspectos da vida cotidiana mais presentes nas memórias daqueles que os construíram, ou seja, sugerem quais consciências cada indivíduo tem de seu grupo.

Nas falas e desenhos dos depoentes, muitos são os *lugares da memória* preservados em suas lembranças. De acordo com Nora (In: Pollak, 1989: 4), lugares da memória são os patrimônios arquitetônicos, os monumentos e seus estilos, que nos acompanham por toda a vida. Os lugares da memória são também as tradições e costumes, as regras de interação, o folclore e a música e até mesmo as tradições culinárias, contanto que todos estes elementos contenham a *vontade* de memória entre aqueles que os experimentaram. Sem a intenção de lembrança, os lugares da memória tornam-se lugares de História, que não são lembrados pelos indivíduos e identificados pelos seus grupos. Ou seja, os lugares da

memória são os diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que se inserem na memória da coletividade a que pertencemos:

Dona Tereza - Depois que a cidade foi melhorando um pouquinho, foi dando algum tempo assim, e aí veio o asfalto... Ah, primeiro veio a água encanada! Mas só em uma parte da cidade... essas vila tudo, não tinha nada! Era só cana. E passava um trem aqui, bem pertinho de casa. Foi em uma época que construíram aí uma construção e foi então que passou o trem. Agora já faz trinta anos que tirou o trem, mas passava. O café ia pra Santos todo levado de trem. Agora é só caminhão, né? Mas ele passava com passageiro, dois carros que iam pra São Paulo, e dois que iam de retorno.

Como é possível observar, um depoimento não tem sentido sem uma relação com o grupo do qual o depoente faz parte, pois supõe um acontecimento real vivido em comum. A memória individual existe, mas situa-se “em uma encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados” (Duvignaud. In: Halbwachs, 1990: 14). A lembrança é um ponto de referência em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica, em especial dentro de períodos de tensão e crise. Por isso temos diversas formas de memória e lugares de memória, com diferentes objetivos. O trem, embora desativado há trinta anos, sem dúvidas é um lugar da memória porque, na lembrança dos moradores, ainda atravessa a cidade e corta sua principal praça em direção à cidade de Jaboticabal - SP. É um lugar da memória porque revoluciona Guariba, antes pacata e ilhada e, depois do trem, com ligação direta à capital:

Quais lembranças da cidade mais marcaram o senhor?

Senhor Vítor - [Silêncio] as que me marcaram mais? [silêncio] O que me marcou mais foi a saída... a saída da estrada de ferro daqui de Guariba. Isso aí foi o que me marcou mais. Não deviam ter parado com isso daí. Naquele tempo era muito bom. Pra qualquer outra cidade nós ia de trem.

Como era de se esperar, os migrantes não estabeleceram espaços de memória para os nativos. No máximo, os “de fora” têm na memória destes nativos espaços periféricos, quando são associados à urbanização desregrada dos anos 70 e à posterior violência dos anos 80 e 90. Isto porque, como foi exposto acima, os lugares da memória apenas são preenchidos

com a intenção da lembrança, com a vontade de rememorar aqueles que são considerados os aspectos bons da cidade e sua história. O senhor Carlos lembra-se da imigração italiana, a qual é descendente, com particular carinho:

Senhor Carlos - No Centro de Imigração Italiana, era ali que a gente fazia os bailes, as brincadeiras, o carnaval... [...] Antes a cidade era pequena, e era quase que totalmente dominada pelas famílias originárias dos imigrantes italianos.

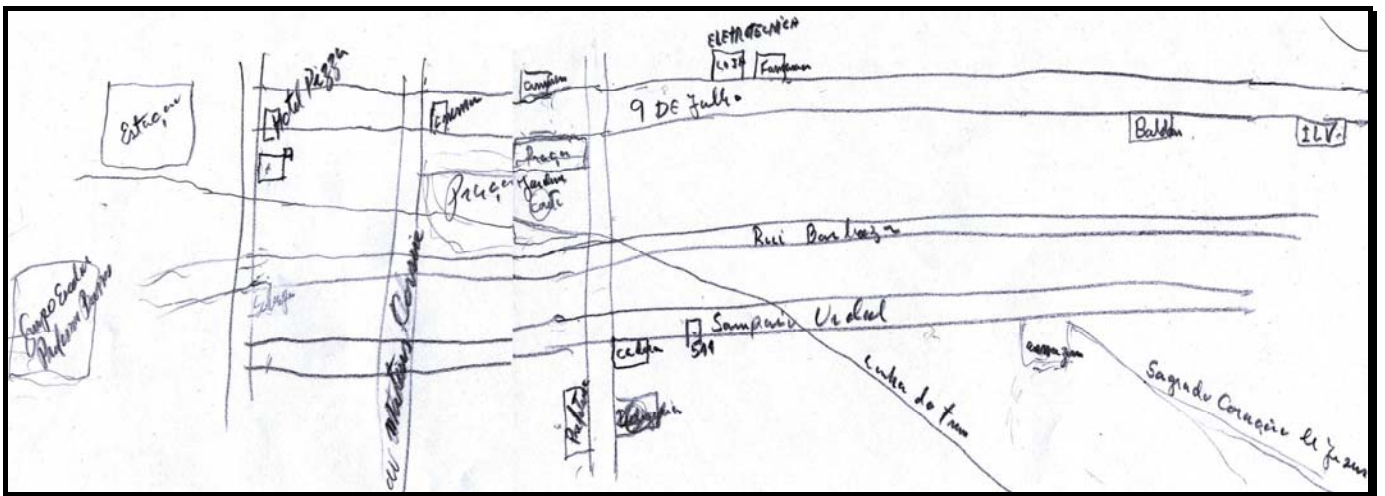
Ressalta a cultura, a música, a culinária, as associações, ou seja, os diversos lugares da memória construídos e trazidos por este povo. No entanto, fala da migração nordestina com forte desprezo e termos pejorativos. Ressalta a “cultura do pé no chão”, o que para ele significa ser “preto, pobre e sujo”. É como se até hoje os migrantes não fizessem parte do grupo, não fizessem parte da *memória coletiva* deste grupo (Halbwachs, 1990), a não ser quando são responsabilizados pelos fatores negativos da cidade.

Os mapas afetivos evidenciam com ainda mais intensidade os lugares da memória daqueles que os constroem. Para todos os depoentes, pedi que “desenhassem a cidade”. Quando queriam maiores explicações, esclarecia que eles deveriam desenhar os pontos que mais os marcavam na cidade. Em frente a eles deixei, à disposição, folhas em branco e uma caixa de lápis de cor.

O senhor Vítor utilizou apenas o lápis de cor preta e, na folha branca, foi traçando as principais ruas do comércio da cidade, como a Rua Nove de Julho, a Rui Barbosa e a Sampaio Vidal. Em seguida, com um único traço marcou a linha do trem. Fez duas delegacias, onde ela era antigamente (na década de 50) e onde é atualmente, assim como duas prefeituras, sendo que uma ele apagou quando percebeu o equívoco. Também fez um hotel, dois cinemas e uma escola que já não mais existem desde a década de 70. Em meio a estas lembranças passadas, desenhou sua contemporânea loja de eletrodomésticos. Contrastando tempos e espaços diversos em seu mapa afetivo, o senhor Vítor demonstra que ambos (tempo e espaço) se apresentam instavelmente quando relacionados à memória. Isto porque o tempo

não é um meio estável, como uma linha reta e exata, onde se desdobram todos os fenômenos humanos. Ademais, os espaços contêm, além de físicos, muitos lugares simbólicos, onde as lembranças mais profundas se recriam constantemente. A partir da instabilidade presente no tempo e no espaço, é que a memória não segue a cronologia da História porque possui e evidencia marcas profundamente pessoais (Halbwachs, 1990).

Mapa Afetivo do Senhor Vítor (2005)

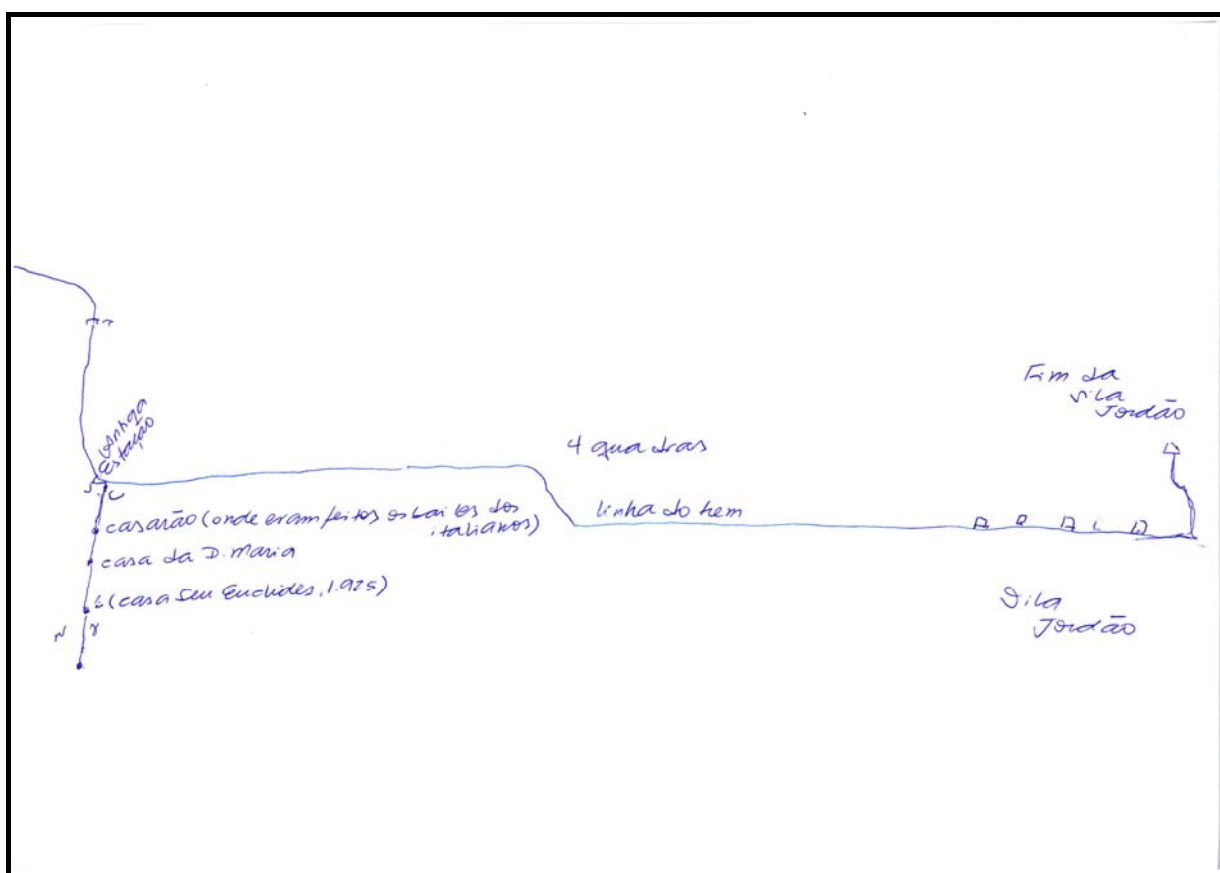


O senhor Samuel³⁶, 67 anos, branco, funcionário público aposentado, também desenhou o centro da cidade, e não quis lápis de cor, mas uma caneta esferográfica. Poucos e tremidos traços representam sua casa, a casa de sua vizinha, um antigo casarão onde eram feitos os bailes dos colonos italianos e a linha do trem, que termina em sua antiga estação. Em seu mapa afetivo, há um curioso distanciamento entre o ponto que representa a sua casa e a periférica Vila Jordão: sua casa está em um extremo do papel e a vila no outro extremo, sendo que, na realidade, esta distância é de apenas quatro quarteirões. A distância entre a sua casa e outras casinhas que ele desenhou bem próximas à sua é também de quatro quarteirões, evidenciando uma desproporcionalidade dos espaços representados. Mais uma vez, os espaços se apresentam instavelmente, neste caso deixando claro que os indivíduos se caracterizam essencialmente pelo grau de integração existente no tecido das relações sociais (Halbwachs,

³⁶ O depoimento do senhor Samuel foi colhido no dia 14 de junho de 2005, em sua casa, mas não foi gravado a pedido do entrevistado.

1990). O senhor Samuel rememorou as experiências vividas e compartilhadas entre aqueles que ele considera seus vizinhos. Como nunca estabeleceu nenhum grau de integração com os moradores da Vila Jordão, os “marginalizou” em um extremo do papel, denunciando com os espaços físicos da memória quais tipos de relações mantém com os diversos grupos sociais de Guariba.

Mapa Afetivo do Senhor Samuel (2005)



Quando percebeu a curiosidade que tive, em nossa conversa, sobre a greve de 84, o senhor Samuel fez um novo mapa afetivo, o qual representa as ruas do Bairro Alto tomadas pelas Tropas de Choque que vieram de cidades como Barretos – SP, Ribeirão Preto – SP e Jaboticabal – SP. Nestes traços, identifica a posição dos grevistas no desenho, que são homens e mulheres moradores de Guariba. No entanto, o senhor Samuel me pede para escrever em cima “invasores”, uma impressão dos grevistas que é compartilhada por todo o grupo nativo. As lembranças são sempre coletivas porque, em realidade, nunca estamos sós.

História, estão contidas as próprias experiências, definidas pelas marcas pessoais dos depoentes (Halbwachs, 1990). Nestas marcas, há a distinção de classe social, raça/etnia, etc. Nos mapas afetivos, uma das marcas mais evidentes foi a referente ao gênero. Ao contrário dos mapas afetivos masculinos, o desenho de Dona Tereza tem apenas três ruas de terra, ou seja, não é um mapa aéreo como os do senhor Vítor e do senhor Samuel, sendo mais introspectivo. Estas três ruas representam o centro da cidade no início do século XX, quando Dona Tereza era ainda uma criança e vivia na fazenda:

E onde que está a casa da senhora?

Dona Tereza - Ah, mas eu não fiz minha casa, porque eu não tinha casa aqui ainda. Eu ainda morava com a minha família. Aqui eu desenhei quando eu ainda morava na fazenda, com a minha família.

Ah, tá. E essas casinhas eram então de quem?

Dona Tereza - Essa aqui era de uma velhinha que morava, essa aqui era outra... E antigamente isso aqui era de barro, depois de um tempo é que fizeram de tijolo.

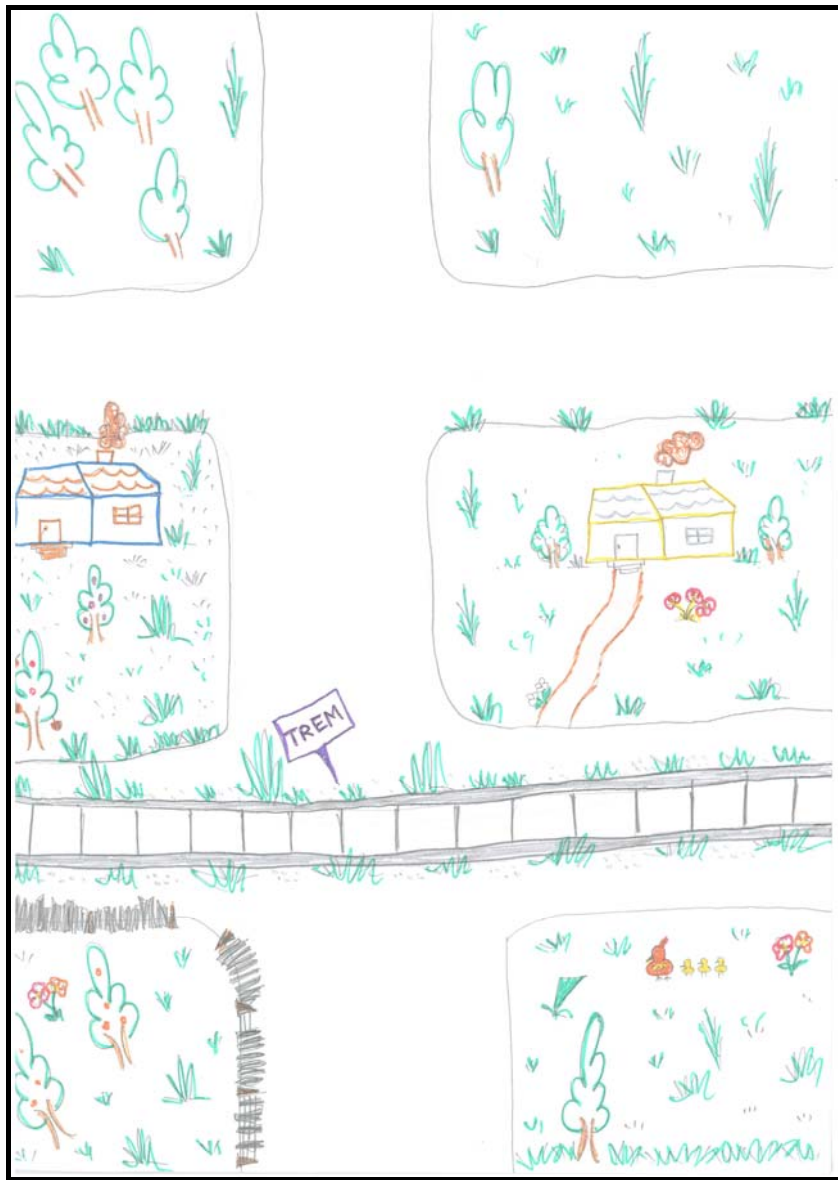
Ah, era de barro?

Dona Tereza - De barro!

Aqui no centro?

Dona Tereza - Que centro? Antigamente não tinha centro! [risos]

O “barro” que estigmatiza o Outro não é o mesmo “barro” quando se trata de seu tradicional grupo nativo no início do século XX. É importante observar que as representações sociais são cambiantes: interesses e valores mudam segundo as diferentes “ópticas” e “posições” dos sujeitos ao longo de suas trajetórias. Além das casinhas de barro, Dona Tereza desenha os trilhos do trem, galinhas e hortas, cercas de madeira que representam as fazendas e a mata ainda nativa na parte de cima da cidade. Esta é, enfim, a Guariba que Dona Tereza não se esquece.

Mapa Afetivo de Dona Tereza (2005)

A memória coletiva tem força e duração porque tem por suporte um conjunto de homens e mulheres. No entanto, estes homens e mulheres são indivíduos, que se lembram enquanto membros do grupo. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. “A lembrança aparece pelo efeito de várias séries de pensamentos coletivos em emaranhadas, e que não podemos atribuí-la exclusivamente a nenhuma dentre elas” (Halbwachs, 1990: 52).

Enfim, há uma ligação muito estreita entre memória e sentimento de identidade. Identidade no sentido da imagem de si, para si e para os outros. “Ninguém pode construir uma imagem de si isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. [...] Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (Pollak, 1989: 204). Já que a memória e a identidade são avaliadas pelo Outro e estão em constante transformação, estas podem ser disputadas em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente conflitos que opõem grupos políticos diversos. Em Guariba, estes grupos diversos se destacam nos mapas, que só poderiam ser afetivos porque revelam as marcas que mais afetam e afetaram a vida dos depoentes que os construíram. A memória é seletiva e tem uma base espacial (Halbwachs, 1990). Ou seja, o tempo rememorado é construído de acordo com os espaços, que são singulares para cada indivíduo e revelados nos mapas afetivos. A casa, a rua, o multicolorido ou o monocromático, são as essências imediatas das pessoas e dos grupos a que elas pertencem.

2.4 A Árvore e o Machado

“A árvore, quando está sendo cortada, observa com tristeza que o cabo do machado é de madeira”.
(Provérbio Árabe)

Nas formas de sociabilidade intergrupos, íntimas e familiares, ou mesmo públicas, como nas esquinas das ruas centrais da cidade, ou no jogo de damas entre os amigos na praça, é que a coesão se estabelece e a identidade do grupo se preserva. Não obstante, é o espaço e o momento de ataque ao Outro. Nada que se relacione ao grupo “de fora” pode ser bom ou vantajoso à sociedade guaribense; muito menos a greve, verdadeira divisora de águas, que não tem espaço na memória coletiva da cidade e de seus moradores. É, assim, um ponto

indesejado na história guaribense, não rememorado, não debatido em especial entre as novas gerações, que nem ao menos a presenciaram e nada sabem sobre ela.

Entre os entrevistados, a greve só foi comentada quando foram questionados sobre ela. Em geral, as respostas destacam seu caráter violento e justificam todas as denúncias feitas anteriormente contra o grupo “de fora”, como se quisessem dizer “vejam só como tenho razão”. Destacamos algumas delas:

E a senhora tem alguma lembrança da época da greve que teve aqui?

Dona Tereza - Da greve? Foi um padre que fez, não é?

Que padre?

Dona Tereza - Eu não me lembro... Acho que era o padre Celso, parece que foi... Não me lembro direito. Não... eu não me lembro o nome dele. E foi ele que fez a greve aqui. Eu estava em São Paulo quando aconteceu a greve aqui.

Ah, é? Depois que a senhora ficou sabendo?

Dona Tereza - É, o pessoal daqui ligou lá em São Paulo pra contar o que estava acontecendo.

Então a senhora não estava aqui, não viu?

Dona Tereza - Não, não vi. Na greve, eles mataram um coitado que estava ali na esquina, ali perto da Sabesp. Só que eu não estava aqui.

E o quê a senhora achou da greve?

Dona Tereza - Ah, pra falar a verdade eu achei tudo errado porque destrói muita coisa, né? Até mataram um moço, que tava assistindo ali perto do supermercado do Cláudio Amorim. E entraram lá dentro, levaram as coisas da lojinha dele. Eu acho que greve não dá camisa pra ninguém, não.

Dona Tereza tem poucas lembranças da greve e destaca seus pontos negativos, como a morte de um homem e os saques ao supermercado. Outros depoentes têm lembranças muito semelhantes:

Eu ouvi falar de uma greve que teve aqui. A senhora já estava aqui?

[Dona Laura não responde e Carla procura ajudá-la na resposta]

Carla – A greve da Sabesp, lembra mãe? Que morreu um moço lá no campo...

[silêncio]

Carla – A greve, mãe!

Dona Laura – Ah, devo saber, mas não lembro, né?

Carla – Uma greve, mãe, que puseram fogo nos canaviais, tudo... Repercutiu até no mundo inteiro, as imagens tudo... Quebraram a Sabesp na época, o escritório... uma irmã minha trabalhava na Sabesp nesta época. E puseram fogo, aí veio a tropa de choque... Ih, era por causa de pagamento, né? Mas é um acontecimento marcado, que marcou a história de Guariba.

E sobre a greve que teve, há alguns anos atrás? O senhor se lembra?

Senhor Vítor – Ah, é, aquela greve de Guariba, dos trabalhador...

Leila – É, foi feia, foi muito feia... Foi em 82?
 Senhor Vítor – Foi!
 Leila – É, 82! Ou foi 84? [longo silêncio]. É, aquele dia foi horrível.
 Senhor Vítor – É, o que teve de tiro! Morreu inclusive um conhecido meu. Sentou ali na porta do campo, mas só pra assistir o ocorrido. E aquela correria, tudo... Levou um tiro no peito. E era uma bala perdida. Ah, marcou a cidade, viu? O que vi de gente com enxidão, essas coisas... Arrebentaram com facão as portas do supermercado do tal do Amorim.
 Leila – Puseram fogo numas peruas lá, que tinha, umas Kombi...
 Senhor Vítor – É, puseram fogo. Vixe! O que você via de gente passar com ventilador, com saco de arroz, saco de tudo...
 Leila – Ai, credo!
 Senhor Vítor – Assaltaram, mas limparam o supermercado mesmo!
 Leila – Mas o povo aproveita pra fazer isso, né? Não tem nada a ver o povo ficar roubando o supermercado, com a greve, né? Eles se aproveitam!
E o quê vocês acham disso? Eles estavam certos de fazer greve?
 Senhor Vítor – Tavam nada!
 Leila – Pra terem feito do jeito que fez, não! Não precisava ter sido daquele jeito, não!
 Senhor Vítor – Isso aí foi um absurdo.

Freqüentemente, a memória em comum passa por um trabalho de *enquadramento*, que tem a finalidade de manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum (Pollak, 1989). A memória enquadrada, muitas vezes conscienciosamente, evita certas lembranças e passados, como se uma ferida não estivesse totalmente cicatrizada e, por um descuido, pudesse ser novamente aberta. Os nativos de Guariba sabem, mesmo que evitem pensar nisso, que o grupo “de fora” sofre, há décadas, os desastres de uma pobreza relativa e de estigmas culturais e sociais. Sabem também que a greve foi, de uma certa forma, a “reviravolta”, o momento que a revolta vinda “de fora” atingiu diretamente o cotidiano da vida nativa e, enfim, se fez perceber. O grupo nativo quer que o “de fora” volte para seus locais de origem (que, na ideologia nativa, nunca é Guariba) ou que, pelo menos, se preserve nas periferias pobres e invisíveis e evite qualquer contato. Por isso, uma greve é sempre catastrófica, e apenas seus pontos negativos são destacados.

O contato com Severino, um aposentado de 60 anos, foi feito através de seu filho, um advogado que trabalha em Guariba e que contou que seu pai era policial militar e esteve na greve de 84. Na época, houve uma suspeita de que da arma dele teria saído o tiro que matou o metalúrgico aposentado Amaral Vaz Melone durante as manifestações. O próprio

Severino acreditou nesta possibilidade, uma vez que deu vários tiros para cima durante o piquete. No entanto, um inquérito policial concluiu na época que não foi da arma dele que o tiro saiu, já que Severino usava um revólver calibre 38, e o tiro que matou o metalúrgico saiu de uma pistola. Quando conversamos por telefone, com o objetivo de marcarmos uma entrevista, descobri que Severino é pernambucano, e na sua entrevista esclareceu que migrou na década de 60 para trabalhar nas usinas de cana-de-açúcar. Foi taxativo em dizer que não falaria sobre a greve, pois o passado acabou e não significava mais nada em sua vida e lembranças. Enfatizei, durante a conversa, a importância da memória e das lembranças, pouco valorizadas neste primeiro contato. Mas sua entrevista mostra que nem sempre as lembranças não são dotadas de valorização. Quando pensa em sua mãe e na vida em Pernambuco, o pensamento voa, e então Severino *rememora*. “Como é bom lembrar”, disse, e começa seu depoimento explicando porque migrou para Guariba:

Severino - Eu tinha um irmão que na época trabalhava aqui na usina Bonfim, e isso é natural, a pessoa, o nordestino, ele ..., sempre..., porque a região que eu nasci é muito desprovida de indústria, né? E eu, um jovem, ele sempre pensa em um dia ir pra São Paulo porque..., hoje não, mas antigamente tinha uma visão assim, no nordeste, que São Paulo era um lugar, que, é..., tinha muito trabalho e que melhorava de vida, né, a gente via as pessoas que vinha daqui pra lá chegava sempre bem vestido, e me dava a impressão que a pessoa chegava aqui e que melhorava de vida, e então, sabe como é que é, né? E então, assim como a pessoa sai daqui pra melhorar de vida em outro país, nós também. Meu irmão estava aqui na usina Bonfim, e eu fiz 18 anos..., não eu fiz 20 anos, até fiz na estrada, viajando. Mas já faz 40 anos que eu moro aqui.³⁷

Este é um ponto em comum nas falas dos migrantes, que justificam suas vindas destas formas: melhoria de vida, ter dinheiro, ter trabalho, poder se vestir melhor. Severino trabalhou na usina Bonfim por dez anos, como auxiliar de destilaria. Conheceu a sua atual esposa, que é guaribense, já na década de 70, e com ela montou uma pensão que servia almoço para os bóias-frias. Foi ascendendo economicamente e, ainda na década de 70, prestou concurso público para policial militar. Hoje está aposentado, tem três filhos e um grande carinho por Guariba:

³⁷ Entrevista realizada no dia 28 de março de 2005, na casa do depoente, no centro da cidade.

Severino - Guariba sempre foi uma cidade acolhedora, tá? Aqui tem gente de toda a parte do Brasil. Principalmente mineiro. E eu gostei... Eu vim com 20 anos, que fiz na estrada, hoje... Eu tô aposentado, como funcionário público, né? Meus filhos tudo formado, minha esposa tá também aposentada. Então eu só posso falar bem, muito ótimo. Não tenho nada a falar mal de Guariba.

Falou muito sobre a sua família, sobre a sua cidade de origem e a sua mãe, que ele procura visitar em Pernambuco todos os anos. Mas, como já havia me alertado, pouco falou sobre a greve:

Severino - Parece que houve... é, eu não me lembro bem, mas parece que a turma queria um certo número de ruas... é, a gente houve falar qualquer coisa, né? Mas, atualmente tá tudo bem.

Como insisti, Severino rememorou, com alguma dificuldade e com o tom de voz bem mais baixo, outros acontecimentos da greve:

Severino - O pessoal começou bem pacato. Na época eu tava trabalhando à noite e eu que deflagrei. Aí levei pro conhecimento do meu comandante e... ele tomou as providências.

Neste momento que eles saquearam [o supermercado]?

Severino - Não, porque começou uma cinco horas da manhã o povo fazendo piquete pra ninguém ir trabalhar. E o negócio foi começar a acontecer lá pra umas dez horas, mais ou menos. Mas, essa história todo mundo conhece, né?

Marcou muito a cidade, né?

Severino - É, naquela época houve uma marcação, mas hoje o povo esqueceu porque a cidade melhorou, muita gente boa, bons prefeitos...

Mas o senhor acha que o migrante hoje recebe algum tipo de preconceito, alguma coisa assim? Por causa dessa greve?

Severino - Não, eu acho que não. Que Guariba hoje não tem preconceito. Então é outra cidade mesmo.

Nem de grevista e nem de migrante?

Severino - Não, vê lá! Eu acho que não! Eu tenho certeza que a cidade não tem nada... que aquilo foi um tufão que já passou.

Embora também seja um migrante nordestino, Severino incorporou os valores nativos e salienta que a greve é “um tufão que já passou”. Não mencionou em nenhum momento da entrevista a acusação que recebeu de ter matado o metalúrgico aposentado, mesmo que este fato já tenha sido esclarecido. Aqui o “não-dito” é facilmente percebido, já

que Severino se silencia diante de um constrangimento imbricado de estigmas (Pollak, 1989).

E fala de uma Guariba hospitaleira, que o acolheu e definiu os rumos de sua vida:

Severino – [...] você veja aqui minha esposa, quando ela era moça, ela não podia nem ouvir falar de nordestino porque ela tinha medo. Ela achava que nordestino era... ela ouvia falar dos filhos de Lampião, e não é nada disso. Hoje eu não sofro mais nada disso.

Por estar livre das fortes marcas que um dia já sofreu (mas que procura não se lembrar), é que Severino se sente hoje parte do grupo nativo e da *ideologia* que este grupo possui. Uma ideologia que, baseada em uma definição mais generalizada, pode ser considerada um conjunto de convicções compartilhadas por um grupo, que tem por finalidade explicar fenômenos sociais complexos, objetivando *simplificar* e *orientar* as escolhas (políticas, culturais ou sociais) que se apresentam aos indivíduos que pertencem ao determinado grupo, a uma sociedade (Gould, 1987). De acordo com Stoppino (In: Konder, 2002), este é o significado *fraco* da ideologia, quando esta apenas designa sistemas de crenças políticas, conjuntos de idéias e valores que orientam comportamentos coletivos relativos à ordem pública.

Mas ideologia pode ser muito mais que isso. Ela também tem um significado *forte*, que é aquele em que o termo se refere, desde Marx & Engels, a uma distorção do conhecimento, presente nas condições atuais da divisão social do trabalho. Marx & Engels (1984) conferiram ao termo uma vinculação à “falsa consciência”: As ideologias são formas de consciência falsas, que podem estar baseadas em ilusões. Ela é, portanto, um conceito crítico e negativo.

Ou seja, o conjunto de convicções de um grupo é normalmente constituído de idéias distorcidas e/ou enganadoras. No entanto, nem sempre a ideologia é em si mesma uma ilusão. Ela é uma construção teórica distorcida, porém ligada a uma *situação histórica*

ensejada de distorção. É por isto que a ideologia está necessariamente relacionada às condições históricas e também, de certa forma, à alienação.

Para compreender melhor o conceito, assim como a sua relação com a alienação, é necessário descobrir em qual contexto ele foi construído por Marx. Esta idéia surgiu a partir de discussões acerca do Estado que, embora construído pelos homens, transpunha para os mesmos muitos sentimentos de estranhamento e conseqüente alienação: “os próprios criadores [do Estado] tropeçam em mil dificuldades e não se reconhecem, efetivamente, no que criaram” (Konder, 2002: 31). A partir desta primeira constatação, Marx revela inúmeras outras situações em que o homem e os objetos criados por ele mantêm relações alienadas, já que o indivíduo típico da sociedade burguesa não consegue compreender-se enquanto ser humano universal. Os indivíduos se estranham uns aos outros, se distanciam uns dos outros e são incapazes de compreenderem uns aos outros como um *conjunto* dentro de um *quadro histórico*.

A ideologia é um dos conceitos fundamentais da filosofia marxiana porque foi a partir das premissas acima que Marx passou a compreender o proletariado enquanto arma *material* da filosofia e a filosofia enquanto arma *espiritual* do proletariado. Unida ao movimento operário, a filosofia poderia tornar-se uma alternativa revolucionária à sociedade hegemônica pela burguesia. “Pela sua inserção na nova ação histórica transformadora, o pensamento podia alcançar uma compreensão da realidade que reagiria às distorções *ideológicas* e fortaleceria as ações desalienadoras no mundo alienado” (Konder, 2002: 35).

No entanto, o capitalismo altamente desenvolvido e o *dinheiro* enquanto centro da dinâmica da sociedade capitalista tornaram-se, cada vez mais, elementos essenciais no funcionamento de um “mundo invertido”, onde as distorções da ideologia se agravam enormemente. As sociedades modernas abriram espaço para o fortalecimento de uma ideologia individualista, que induzia as pessoas a minimizarem a interdependência existente

entre elas, como se o indivíduo estivesse descontextualizado, fora da história. Ademais, a distorção ideológica deriva da fragmentação da comunidade humana, do fato de os homens não atuarem juntos. Sem a coletividade, a atividade do homem torna-se (para o próprio homem) um poder estranho, como é o Estado, por exemplo. Um dos pressupostos essenciais dos fenômenos ideológicos é a “convicção de que os seres humanos elaboram até agora falsas representações a respeito deles mesmos, do que são ou deveriam ser” (Konder, 2002: 39).

A partir das primeiras reflexões acerca da ideologia, desenvolvidas por Marx, muitos outros pensadores, nas mais diversas áreas, trataram de citar, discutir e ampliar este mesmo conceito, dotado atualmente de uma gama de significados diferentes. No Brasil, Roberto Schwarz (In: Konder, 2002: 138) entende que a ideologia hegemônica reflete os limites dos horizontes burgueses, distorce a realidade, porém acompanha seu movimento e dá conta de algumas de suas “verdades”. Marilena Chauí (In: Konder, 2002) atenta ao fato de que, na concepção de Marx, a ideologia está ligada à divisão social do trabalho, à luta de classes, à separação entre trabalho intelectual e trabalho material. “A ideologia nasce combinando tarefas de construção do conhecimento com a missão de dissimular as tensões e divisões que marcam a sociedade em que ela se desenvolve” (Chauí. In: Konder, 2002: 144). A ideologia incorpora tudo aquilo que já perdeu sua força inaugural e tornou-se algo já *instituído*.

Direcionamos nosso olhar à ideologia nativa existente em Guariba, que compreende que o “de fora” nunca será “nós”, e facilmente correlacionamos à noção de ideologia de Marx. Isto porque, de um certo ponto de vista, o “de fora” sempre foi “de dentro”. No primeiro capítulo, vimos que as primeiras famílias existentes na cidade, muito antes da ascensão da economia cafeeira na região, eram mineiras; no fim do século XIX e início do século XX, todas as casinhas do centro da cidade eram de barro; já com o avanço da economia sucroalcooleira, as primeiras máquinas trazidas para as usinas da região vieram do

nordeste, em especial da Bahia, juntamente com intensa mão-de-obra nordestina; Cláudio Amorim, Severino e tantos outros migrantes são parte intrínseca da história guaribense (tanto que já são considerados “nativos” quando transpostos para a relação dicotômica nativos/os “de fora”); além disso, inúmeras famílias migrantes já se estabeleceram na cidade há anos, e ali tiveram seus filhos e netos que são, afinal de contas, *guaribenses*.

Mas a ideologia nativa não reconsidera suas convicções porque inúmeros pré-conceitos estão em jogo. Como vimos, a classe e a raça/etnia estão fundamentalmente presentes na relação nativos/os “de fora”. A classe e a raça são os substratos responsáveis pelas discriminações existentes. No entanto, as nomeações utilizadas pelos nativos camuflam tais categorias, substituindo-as por “nortista”, “moreno”, “gente de fora” e “gente estranha”, linguagens carregadas de distorções ideológicas. Trata-se de uma sociedade profundamente desigual, onde uma linha divisória necessariamente perpassa as categorias raça e classe. Além disso, alguém precisa ser responsabilizado pelo atraso social e econômico que a cidade enfrenta, e é conveniente culpar um grupo *anacrônico*, que nunca fez ou fará parte do tempo e do espaço guaribenses. *Este machado, quando corta a árvore, não se dá conta que seu cabo foi feito de madeira.*

No cotidiano de todos os homens e mulheres, há uma predominância da “lei do menor esforço” (Konder, 2002). Um sujeito em seu cotidiano tende a se adaptar passivamente às circunstâncias, adquire e conserva hábitos, tende à imitação e à repetição. As crenças e convicções são simplificadas e ocupam grande espaço na percepção da realidade. É por isto que na consciência cotidiana há uma fértil proliferação de preconceitos e de distorções ideológicas. Não obstante, nem tudo na consciência cotidiana é alienado, nem tudo é ideologicamente distorcido. “A dimensão ideológica surge quando a ultrageneralização [no cotidiano] se liga a alguma tendência histórica real, às motivações de algum grupo que pode

tirar proveito de determinado preconceito porventura embutido na generalização desmesurada” (Konder, 2002: 240).

Por outro lado, a consciência cotidiana apresenta possibilidades de resistência aos processos da ideologia. Ela pode questioná-la e conter elementos que contribuam para estimular a busca de alternativas para o quadro atual constituído. No próximo capítulo, veremos como os migrantes de Guariba, em seus cotidianos, convivem e resistem aos processos da ideologia nativa.

Partindo para a Cidade Garantida e Proibida

CAP. III – Partindo para a Cidade Garantida e Proibida

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...] Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (Debord, 1997: 13-14)

Ser moderno ou parecer moderno é o que muitos de nós almejamos. O mundo moderno constantemente nos despeja mudanças, contradições e ambigüidades. Conscientemente ou não, aprendemos a incorporar este turbilhão de novas idéias, novos valores e representações que diariamente invadem nossas cidades, ruas e janelas.

De acordo com Berman (1986), nossas identidades no mundo moderno são constituídas a partir da internacionalização da vida cotidiana, como também da fidelidade a determinados grupos. No entanto, nem sempre a vida moderna é cotidiana, e os grupos pelos quais nos identificamos são muitas vezes paradoxais. Qual o nosso papel no mundo moderno? Quem somos em sociedades mediadas por imagens, e não por essências? E, principalmente, o que é ser moderno em sociedades como a nossa, em que o mundo tradicional ainda é parte constituinte de nossas identidades, em que o moderno e o global são importados e chegam de formas heterogêneas?

O encontro de culturas tradicionais e modernas é algo intrigante. As comunidades, pensamentos e valores que surgem a partir deste hibridismo são muitas vezes inesperados e surpreendentes, e este encontro é perceptível em Guariba. Como vimos, a ideologia nativa procura, munida de seu alto poder de coesão, manter o seu modo de vida “tradicional”, representante da história oficial guaribense e de todos os seus aspectos positivos. Para isto, desqualifica e acusa o Outro, o “de fora”, responsável por todos os aspectos negativos dessa mesma história, que atualmente enfrenta problemas sociais e econômicos. É como se o grupo “de fora” não tivesse seu lugar nem seu tempo na história oficial guaribense e nos padrões por ela estabelecidos, sendo, portanto, um grupo anacrônico,

inclusive porque, para a ideologia nativa, não se adapta aos “modernos” padrões de vida paulista. No entanto, certamente não existe na relação nativos/os “de fora” uma disputa dialética entre o tradicional e o moderno. Estes extremos se relacionam, se misturam e se confundem todo o tempo: é certo, por exemplo, que as famílias “tradicionais” guaribenses censuram o que consideram um “tradicional atrasado” existente nos migrantes que vivem na cidade, chegando até mesmo a dar noções diferentes aos mesmos elementos, como as casinhas de barro, que recebem diversos significados de acordo com seu tempo e seu espaço na história da cidade. É tênue a linha que separa os extremos tradicional e moderno, em especial quando os meios de sociabilidade da cidade são observados, e muitas vezes são representantes de universos tão singulares.

Buscando compreender de que forma os homens e mulheres migrantes de Guariba se relacionam entre seus próprios vínculos de sociabilidade, como também entre os outros grupos que pertencem à figuração social da cidade em um contexto que está, no mesmo espaço e tempo, relacionado ao moderno e ao tradicional, visitamos, em um primeiro momento, pensões e becos que abrigam os migrantes temporários, que se estabelecem na cidade por alguns meses para o trabalho no corte da cana³⁸. Estas pensões estão localizadas em diversos pontos e bairros, mas estão mais concentradas no Bairro Alto. Priorizamos este bairro e também a Vila Jordão, que se localiza no outro extremo de Guariba³⁹. Estes bairros têm algumas características divergentes, já que o primeiro é exclusivamente composto por famílias migrantes e seus descendentes, e o segundo, mais próximo ao centro da cidade, agrupa famílias nativas, e mais recentemente vem recebendo grupos de migrantes temporários para as pensões que ali foram construídas. Em um segundo momento da pesquisa, visitamos as casas das famílias migrantes estabelecidos, onde estes vivem com seus filhos e não raro netos, que nasceram em Guariba. Estas casas estão exclusivamente localizadas no Bairro Alto,

³⁸ Agentes da Pastoral do Migrante me acompanharam nestas visitas, para que o acesso fosse mais fácil.

³⁹ Os bairros estão representados no mapa do primeiro capítulo desta dissertação.

salvo algumas exceções como a de Severino que, pela ascensão econômica que passou, mora mais ao centro da cidade.

Os migrantes estabelecidos são, na maior parte das vezes, mineiros e baianos. O tempo em que estão em Guariba oscila entre dez e quarenta anos. Alguns têm a sua casa própria, outros vivem em casas alugadas que, em casos como o de Dona Cipriana, comporta nos fundos alguns quartinhos que servem de pensões para os migrantes temporários. Estes, por sua vez, raramente são mineiros ou baianos, sendo em sua grande maioria maranhenses ou piauienses, o que nos leva a crer que as levas migratórias são circulares, jamais foram ou são estáticas. Os temporários preferem migrar sozinhos, deixando nas terras de origem esposas e filhos. Organizam-se nas pensões de acordo com suas naturalidades, já que existem as pensões dos piauienses, as pensões dos maranhenses, e assim por diante. As pensões tornam-se micro-universos dentro das cidades, pois muitas vezes são o único contato humano desses trabalhadores fora dos corredores de cana em que trabalham. Alguns, talvez temendo esta difícil convivência, trazem as suas esposas, que raramente saem das pensões enquanto seus maridos estão nas lavouras, e apenas mantêm vínculos de sociabilidade entre as outras mulheres migrantes, as quais dividem espaços em comum dentro das pensões como a cozinha, o banheiro e o tanque de lavar roupa⁴⁰.

Conversando com estes homens e mulheres migrantes, estabelecidos ou temporários, compreendemos alguns dos motivos que os fizeram e os fazem migrar, as transformações sociais que sofrem entre o ir e vir de suas terras de origem e cidades-dormitórios, e as formas de defesa que encontram para o enfrentamento dos estigmas que carregam. Pretendemos aqui identificar características do moderno neste universo empírico mergulhado em um contexto que, ao nosso ver, é absolutamente moderno: o da migração. Chamamos a atenção para a fala destes migrantes que, em pleno século XXI, em uma pequena

⁴⁰ Fotos no quarto capítulo ilustram estas formas de sociabilidade.

cidade do interior paulista, continuam reproduzindo relações sociais já previstas por Marx & Engels (1984, 1998) e Simmel (1987) há pelo menos um século, e que também foram discutidas pelos autores contemporâneos Elias & Scotson (2000), Berman (1986) e Debord (1997). Esta é a modernidade: *contraditória*, que muda para não ser necessário mudar; que nas suas transformações diárias torna possíveis as relações sociais existentes há mais de um século.

3.1 Migrantes Temporários: sobre a migração de um novo homem simples

*“Eu vou partir pra cidade garantida proibida
Arranjar meio de vida, Margarida
Pra você gostar de mim
Essas feridas da vida, Margarida
Essas feridas da vida, amarga vida
Pra você gostar de mim”
(Vital Farias, 1984)*

Em uma esquina da Vila Jordão, próxima a bairros mais centrais da cidade, avistamos já de longe dois trabalhadores rurais que em frente a uma casa conversavam. Esta casa era a pensão em que viviam com outros oito trabalhadores rurais, todos maranhenses que possuíam algum vínculo de parentesco. São irmãos, cunhados, tios e sobrinhos trabalhando no mesmo setor, mas em usinas diferentes, vivendo debaixo do mesmo teto, mas em mundos distintos, pois cada espaço da casa contém universos particulares a seus moradores. Em uma primeira visita, Fogoso e Toninho Branco foram entrevistados em frente à pensão, em uma tarde de segunda-feira, em que não trabalharam porque sofreram acidentes na lida, muito comuns no trabalho de corte da cana⁴¹. Visitamos a mesma pensão em um segundo momento, quase um mês após a primeira visita, e como chegamos à noite, tivemos a oportunidade de conhecer e conversar com todos os dez trabalhadores que ali viveram ao longo de nove meses.

⁴¹ Toninho Branco estava com a mão cortada e Fogoso tinha câimbras e dores no peito. As entrevistas foram realizadas nos dias 15 de novembro (os trabalhadores rurais não têm licença nos feriados) e 9 de dezembro de 2004. Os entrevistados, neste capítulo, serão citados de acordo com seus apelidos ou primeiro nome.

Estavam extremamente cansados, em especial porque já era fim de ano e desejavam voltar para Morro Branco, pequena comunidade no interior do Maranhão. Ainda assim nos abriram suas portas, expondo seus modos de vida em seus cotidianos, seja através dos cômodos e objetos pertencentes àquele pequeno universo, seja ainda a partir de seus depoimentos. A mesma cena se repetiu em outras pensões, que se diferenciavam quanto às suas localizações, quanto à presença ou não de esposas dos trabalhadores rurais, mas assemelhavam-se em suas hospitalidades, como também em uma certa desconfiança e curiosidade sempre presentes.

Aspectos importantes puderam ser observados, em especial no que tange aos diferentes papéis sociais que estes trabalhadores exercem nas cidades que os recebem e em sua terra natal. O imigrante para a terra que o recebe é também emigrante para a terra natal que deixa, em uma relação dialética que é parte do cotidiano do migrante temporal, em seu constante “ir e vir”, em uma verdadeira “migração temporária permanente”⁴². Qual seu papel social nestes dois mundos tão diferentes, mediados pelo tradicional e pelo moderno?

Berman já citava o caráter moderno dos fluxos migratórios: “O capital se concentra cada vez mais nas mãos de poucos. Camponeses e artesãos independentes não podem competir com a produção de massa capitalista e são forçados a abandonar suas terras e fechar seus estabelecimentos” (1986: 104). Em Guariba, encontramos situações semelhantes. Quando questionados sobre o porquê de migrarem para o interior paulista, os trabalhadores maranhenses são idênticos em suas respostas:

“Fogoso”, trabalhador maranhense, negro, 39 anos - Falta de emprego, né. Porque se a gente tivesse emprego, nós não estaria aqui. Cê tem o serviço mas não tem o dinheiro. É o que faz nós vim pra cá, é isso aí.

⁴² Termo da Profª. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva, em diversos artigos e palestras.

Fogoso, assim como outros 40.000 migrantes sazonais do interior paulista (Moraes Silva, 1999a)⁴³, trabalha durante nove meses nas lavouras de cana-de-açúcar. Depois, volta para sua casa, no interior do Maranhão, e ali permanece durante os outros três meses do ano (a entressafra da cana), onde cuida de sua família e de sua plantação de subsistência, em geral arroz, mandioca e milho. Embora lavrador nas duas cidades, Fogoso reconhece as diferenças do seu trabalho:

E qual a sua profissão atualmente?

Fogoso - Rural, rural... Lá [em Morro Branco - MA, cidade de origem] é rural, agora aqui é quatro anos que corto cana direto, né? Vou pra casa, mas todo ano volto direto. Nós têm tudo lá, inclusive criação, a gente cria, tem roça, que assim, nós vamos embora agora em novembro pra dezembro, nós vamos fazer outra lavoura lá, que é uma despesa, né? Aí tá no ponto, a gente deixa lá e nós vêm pra cá pra fazer outra. Nós faz duas safras no correr do ano. Aqui é a do dinheiro, e a de lá é a despesa da casa. Nós não pára, continua, né?

Fogoso faz um discernimento entre o trabalho que exerce em sua cidade de origem e em Guariba, mesmo que os dois trabalhos sejam rurais. Em Morro Branco, não há monoculturas, e Fogoso trabalha apenas em terras que são suas. Mesmo sendo dois trabalhos rurais, um representa o modo de vida tradicional e camponês dos migrantes, quando ainda estão em suas terras de origem. O outro, nas imensas lavouras de cana-de-açúcar, é parte constituinte do mundo moderno, “paulista”, da mecanização do trabalho rural, como também do trabalho *assalariado*, e não apenas de subsistência. O trabalho contínuo durante a safra, exercido pelos migrantes sazonais, corresponde à ruptura com o tempo cíclico camponês existente em seus locais de origem. Em seu novo tempo cíclico, as estações do ano são a safra (maio a novembro) e a entressafra da cana, e o tempo é medido pelo dinheiro, pelas relações capitalistas (Costa, 1993). Ou seja, existe aí uma relação dialética não só entre os *espaços* (a terra de origem e a terra que os recebe), mas também entre o *tempo* e as *identidades*, ambos

⁴³ Em 2005, de acordo com Moraes Silva e a Pastoral do Migrante, 210.000 trabalhadores migraram para o corte de cana e colheita da laranja do interior paulista.

mediados pelas condições de um mundo que é tradicional (do camponês) e de outro que é moderno (do assalariado)⁴⁴.

Assim como no trabalho, Fogoso e outros trabalhadores maranhenses de Guariba percebem seus diferentes papéis sociais nos locais de origem e nos locais que os acolhem. Ao voltar para as terras de origem, o migrante, quando bem sucedido nas lavouras de cana do interior paulista, recebe um novo status, uma diferenciação social e cultural. Destaca-se em seu mundo tradicional quando se apropria do moderno a partir de bens simbólicos e materiais⁴⁵:

E quando vocês voltam, como é a chegada [em Morro Branco - MA], como as pessoas da cidade te vêem?

Fogoso - A chegada pra nós é maravilhosa, porque nós vai chegando na nossa terra, é uma beleza...

E quando dá pra juntar um dinheirinho aqui [em Guariba]...

Fogoso - Então, é aí onde tá o mistério, nós vêm pra cá, a gente chega com um trocado, né? Dinheiro não, trocado. Aí o pessoal que já tem a vontade de vir, aí vê aquilo ali, é doido pra vir também. Termina vindo, né? [...]

E por que o senhor acha que eles vêm, que vocês influenciaram os outros a vir?

Fogoso - Ah, às vezes não é nem influenciar, é porque chega com um bom dinheiro, tem vontade de comprar uma coisa, a gente vai e compra, aí você sabe como é que é, né? [...] Eu venho também um pouco por causa disso, né? Aí eles acabam vindo.

Então o senhor considera que quando tá no Maranhão é mais bem visto, você é mais importante lá?

Fogoso - É, você chega daqui, o cara tem outro critério, né? “Olha, o cara chegou cheio do troco, né?” (risos).

Severino, ao relatar sua história de vida e a necessidade que teve de migrar há quarenta anos atrás, relembra sentimentos muito semelhantes, o que nos leva a crer que a decisão de migrar, e o impulso que o dinheiro dá a esta necessidade, já existem em Pernambuco há décadas:

⁴⁴ Nos fundos da pensão, Fogoso e os outros moradores plantaram, em um pequeno quintal de terra, alguns pés de milho. Esta foi talvez a forma que encontraram de manter vínculos com seu modo de vida rural, camponês, a partir do cultivo de roças de subsistências (vide fotos no quarto capítulo).

⁴⁵ Quando, por exemplo, voltam de boné, “ray-ban” e celular, bens materiais típicos do modo de vida paulista e, portanto, do “moderno”.

Porque o senhor me falou que vocês tinham a impressão em Pernambuco, que as pessoas que voltavam de São Paulo voltavam melhor...

Severino - É. Não sei se é isso. Assim, não voltavam muito rico, mas, assim, voltavam bastante, é... Com bastante dinheiro, vamos dizer assim. Pra despesa, né? Principalmente na época, que voltava bastante moço, lá. Assim, chegava aqueles moço, bem arrumado, né? Naquela época a turma se exibia mais quando voltava, agora, hoje não, hoje é comum as pessoa vim de lá pra cá...

Ainda no “mundo moderno” em que migrou, a relação é inversa. Os aspectos do cotidiano do migrante não estão absolutamente desprendidos do modo de vida de sua terra natal (portanto, um modo de vida tradicional e camponês). A relação “vertical” (com os guaribenses) é tensa, e é por isto que o migrante sazonal torna-se introspectivo, mantendo apenas no dia-a-dia relações “horizontais” (com o seu próximo e semelhante), seja a partir de laços de confiança e obrigações mútuas, seja nas brincadeiras ou, ainda, nas relações conflituosas, de violência, na disputa de território e espaço no trabalho, na verdadeira malha social construída e reproduzida nos corredores de cana e dentro das cidades-dormitórios:

E como você é visto aqui em Guariba, você tem contato com os guaribenses, com as pessoas que moram aqui em Guariba? Você vai muito ao centro?

Fogoso - É, acho que o contato aqui é pouco, porque a gente mesmo não sai, né? Chega do trabalho, às vezes já de noite, cansado, e vai se acomodar. A não ser fazer alguma comprinha no mercado [...] Às vezes nós dorme dez horas, onze horas, depende de alguma coisa que tiver passando em alguma televisão aí...

Cioneide, 23 anos, maranhense, esposa de trabalhador rural, parda – Mas sabe que quando tô por lá [no centro da cidade], sou tratada igual este poste que cê tá vendo aqui na minha frente!

[...] Mas se é tão cansativo [cortar cana], por que você volta?

Francisco, 19 anos, trabalhador maranhense, negro – Ah, porque “o cara” acha bom o dinheiro! [E relata sua vida em Morro Branco, que é bom voltar, porque tem seus amigos, já que lá pode “brincar”, que significa ir às festas, encontrar as meninas, às vezes arranjar uma namorada, etc.].

Lá é mais fácil arranjar namoradas?

Francisco – É. Tudo fica mais fácil lá. Chega lá com dinheiro, né?

E aqui, também?

Francisco – Aqui... Parece que as mulher de Guariba não quer maranhense!..

E pra um moço novo como você, tem coisa legal pra fazer aqui, ou não?

Francisco – Aqui, não (silêncio). Aqui normalmente não tem nada, né? Só do serviço mesmo pra casa.

Como é perceptível nestes trechos, o migrante evita o contato com a comunidade nativa, não só pelo pouco tempo vago que tem, mas também pelo estranhamento que sente quando está em uma cidade paulista que muito pouco lembra sua terra de origem. Francisco tem apenas 19 anos, e influenciado pela constante migração de seu pai, Fogoso, há dois anos preserva o mesmo destino. Por ser jovem, percebe com mais destreza em seu cotidiano a relação nativos/os “de fora” que em Guariba se estabelece. Procura não sair de casa em suas horas de folga porque sente, nas relações de gênero, que não é bem vindo na cidade. Não fumava, mas assim que percebeu que os botecos, localizados em boa parte das esquinas dos bairros periféricos guaribenses, são seu único meio de sociabilidade, passou a fumar para ser aceito neste meio. Não obstante, sabe que quando volta para casa “tudo fica mais fácil”. Observando tais diferenças, decidiu não mais morar com seus pais na pequena vila de Morro Branco, mas com a sua avó em Codó - MA, uma cidade maior, onde Francisco tem maiores oportunidades:

E como é que é a casa de sua avó?

Francisco – Ah, ela construiu no ano passado, né? É feito de tijolo, de telha... Quatro quartos, duas salas, pia dentro de casa, banheiro, tudo que ela construiu. Quando eu cheguei lá, já tava tudo construído.

E a casa de sua mãe, como é?

Francisco – Cê quer dizer a do meu pai?

É, a do seu pai.

Francisco – É igual, é feita de tijolo também, né? Agora só falta cobrir ela, botar as porta e passar o piso.

No entanto Fogoso, seu pai, descreve sua casa de forma diferente:

Como é que é a sua [casa]?

Fogoso – Ah, a minha é coberta de palha.

Coberta de palha?

Fogoso – É.

Mas e as paredes?

Fogoso – É tudo parede de taipa.

E tem banheiro?

Fogoso - Não não não não.

Francisco, conhecendo novos modos de vida a partir da migração, procura desvencilhar-se do aspecto tradicional e camponês do modo de vida do seu pai. Neste contexto, o trabalhador migra pelo fetiche e status que a mercadoria e o papel moeda oferecem, desenvolvendo desta forma uma *contra-ideologia* camponesa. No entanto, quando percebe a relação nativos/os “de fora” a que está submetido, não se sente parte integrante do “mundo moderno”, sendo tomado pelo estranhamento e saudade de sua terra natal. Assim, de acordo com Berman (1986), o migrante vai se integrando (em uma posição de desvantagem) à sociedade moderna: ser moderno é viver em uma vida de paradoxos e contradições. A sensibilidade moderna é incongruente, é uma explosão de sentimentos e vontades, como os sentimentos e vontades do migrante, que não sente ser parte de lugar algum. A atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna é composta por agitação e turbulência, por expansão das possibilidades de experiência, mas também por destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais e por uma *autodesordem* assustadora (Berman, 1986: 18).

Berman, analisando outros aspectos da vida moderna como os expostos acima, demonstra que as obras de Marx nos revelam muitas características da modernidade, além de Marx ser o primeiro autor a construir uma visão da vida moderna como um todo. “O *Manifesto* expressa algumas das mais profundas percepções da cultura modernista e, ao mesmo tempo, dramatiza algumas de suas mais profundas contradições internas” (Berman, 1986:103). A concepção da cultura moderna da época, que se expressa no *Manifesto*, traz à tona as primeiras discussões acerca de um mercado já mundial e de uma tímida, porém sólida, globalização dos meios de comunicação. Berman ressalta uma exaltação que Marx faz ao mundo burguês, ao mesmo tempo em que o critica, sendo Marx também tomado pelas contradições de um mundo que já era intensamente moderno. O mais intrigante das obras de Marx é a possibilidade de trazerem à luz, mais de um século depois, relações de trabalho do

modo de produção capitalista que ainda são vistas na contemporaneidade, tais como a alienação do trabalho, o fetichismo da mercadoria e o exército industrial de reserva.

Um duplo fetichismo da mercadoria pode ser observado nas relações sociais, culturais e econômicas dos migrantes de Guariba. Existe uma desvalorização da força de trabalho do migrante, que é percebido tanto pela comunidade guaribense, quanto pelos modos de produção capitalista como um todo, como um trabalho desqualificado. Há aí um primeiro “fetichismo da mercadoria”: voltamos os olhos para o produto final e para todas as oportunidades que o setor sucroalcooleiro oferecem, como por exemplo, o desenvolvimento de um comércio já bem consolidado na cidade de Guariba. No entanto, o bóia-fria, quando percebido, é estigmatizado e indesejado, mesmo sendo mão-de-obra fundamental nas lavouras de cana-de-açúcar.

Neste contexto, o bóia-fria é vítima de um fetichismo existente nos nativos, que acham conveniente que este compre no comércio local, mas desejam, ao mesmo tempo, que o bóia-fria se mantenha invisível nas periferias pobres a que pertence. É a partir desta ausência de reconhecimento da importância da força de trabalho migrante que a relação nativos/os “de fora” encontra terreno fértil para ser cultivada. No entanto, o migrante é também detentor de um segundo “fetichismo da mercadoria”: sente a necessidade de adquirir o *papel moeda* e as mercadorias que este oferece, mesmo que para isto seja necessário migrar e submeter-se ao trabalho maçante e pouco valorizado do setor sucroalcooleiro⁴⁶. “A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos” (Debord, 1997: 20):

Vocês tinham galinha, então [em Codó, no Maranhão]?

⁴⁶ Um trabalhador rural, atualmente, corta dez toneladas de cana *por dia* e ganha, em média, 600 reais por mês (dados adquiridos a partir das entrevistas com os trabalhadores rurais).

Maria, esposa de trabalhador rural, maranhense, 23 anos, parda – É. A criação mesmo que tem.

Mas então vocês nunca passaram fome lá no Maranhão?

Maria – Não. Fome não. Graças a Deus que não, né?

Mas faltava dinheiro?

Maria – Ah, dinheiro com certeza que faltava, né? Às vezes eu queria comprar uma roupa, um remédio pro menino [seu filho] e já não tinha. Tinha que vender um arroz às vezes, né? [...] Também nunca chegou o dia de dizer assim que meu filho ficou doente e eu não tenho condição de comprar o remédio. Graças a Deus. Disso eu não posso me reclamar, né? Eu poderia não ter pra comprar uma roupa, uma sandália... Bom, isso aí eu não tinha mesmo não, mas o menino caía doente, tava com febre, um carço, qualquer coisa, já corria logo pro médico particular.

E você considera que a sua situação hoje é melhor ou pior do que antes de vir pra cá?

Maria – Ah, é melhor.

Por que, Maria?

Maria – Ah, porque lá no Maranhão tem uma vantagem, porque a gente não paga água, não paga luz e nem aluguel, porque a gente mora na choça [casa feita de madeira e barro típica do Maranhão], na fazenda, né? Mas só que não é tudo que a gente quer comer que a gente tem, não tem dinheiro pra comprar uma roupa, uma coisa, né, assim. Então eu acho melhor aqui. Aqui é ruim assim [...] porque a gente fica muito longe dos parentes da gente. No tempo do frio também é ruim, né, mas além, outra coisa não.

Maria jamais passou fome, tinha uma roça de subsistência e criação de animais no Maranhão, e pode, quando necessário, comprar remédios para seu filho. No entanto, migrou com o marido pelas oportunidades que o dinheiro oferece, porque sonham juntos em comprar uma casa (e não uma “choça”, que muitas vezes não é vista como casa), além de uma moto⁴⁷ para que o marido possa trabalhar como office-boy. Seu marido volta constantemente com dores e câimbras, e com alguma frequência não volta para casa porque da lavoura é levado imediatamente ao posto de saúde da cidade. No entanto, Maria sente que a migração valeu a pena, que o casal está investindo no futuro, e que seu marido é bem pago pelo seu trabalho (ver nota 8). Este é o fetiche da mercadoria de um mundo moderno, em que a alienação do trabalho e a mais-valia são possíveis porque, uma vez que o trabalhador rural reclama as condições de seu trabalho, é facilmente substituído por um incontável exército industrial de reserva, ou seja, por novos migrantes à espera de um trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, como reconhece a “nativa” Carla:

Carla - Porque na usina é assim. Se você falar “ó, eu vou sair”, tem 500 pra por no seu lugar. Então eles pagam aquilo que eles querem, porque mão-de-obra tá sobrando. Se fizesse um pacto com os usineiros “olha paga um salário mais justo porque não tá sobrando gente, tá faltando”, seria bem melhor, mas...

⁴⁷ A moto é um dos maiores fetiches entre os trabalhadores rurais, um sonho para a grande maioria deles, como foi publicado em uma longa matéria da Folha Ribeirão, de 9 de janeiro de 2005 (pp. G1-G5).

O que o migrante produz é uma força independente, não o constitui. “Com a acumulação de seus produtos alienados, o tempo e o espaço de seu mundo se tornam estranhos para ele” (Debord, 1997: 24). Por isto migrar, para estes trabalhadores, é um ato cotidiano e permanente.

Debord, ao pensar as sociedades modernas como sociedades de espetáculos, cita a alienação do trabalho, indiscutivelmente presente no mundo moderno. Quanto mais o homem separa sua vida de seu produto, mais se separa da própria vida para tornar-se apenas o que produz, apenas o seu produto, sem essência. “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997: 25). É também o momento em que a mercadoria ocupou totalmente, e de forma descomunal, a vida social, as vontades, perspectivas e projetos dos indivíduos que constituem o mundo moderno:

Você pretende voltar [para Guariba]?

Toninho Branco, 21 anos, trabalhador rural, maranhense, pardo – É, a gente vai ver no final do ano, quando a gente chegar... Vai ver se volta ou não. Mas não tava mais querendo voltar, não, aí a gente chega lá, vê os outros vindo pra cá e aí volta de novo. Mas não tava com vontade de vir mais, não.

É? Quer que seja a última?

Toninho Branco - Ah, eu quero que seja. Eu não sei se é a última, mas eu quero que seja.

Toninho Branco, ao longo de seu depoimento, demonstra nas suas expressões, no seu olhar e em tudo o que fala, as saudades que tem de Morro Branco – MA e o desejo constante de não mais ser necessário migrar. Não guarda aspectos positivos de Guariba, citando inclusive a violência existente na cidade, que jamais presenciou em sua terra de origem ou mesmo em Pradópolis – SP, pequena cidade próxima à Guariba onde Toninho Branco havia migrado no ano anterior:

Toninho Branco – Lá [em Pradópolis - SP] é mais sossegado do que aqui, não tem muita violência que nem aqui tem. Cê pode sair à noite... Aqui não, aqui pro cara sair...

Ah, é? E você acha muito violento aqui?

Toninho Branco – Eu acho.

Mas quem que tá aprontando esses crimes aí?

Toninho Branco – E quem é que sabe? É, o certo é a gente ficar só. Qualquer coisa pra gente que pode acontecer lá fora é melhor ficar no barraco da gente, que tá mais sossegado.

É? Aqui no bairro [Vila Jordão] mesmo, tem muita [violência]?

Toninho Branco – Não, nesse aqui, não.

Onde mais tá tendo?

Toninho Branco – Lá pra cima, no João-de-Barro.

Toninho Branco justifica a sua introspecção e a opção de “ficar no barraco da gente”, sem andar pelos outros bairros, citando a violência que percebe na cidade e a insegurança que tem diante dela. Não está falando de uma violência simbólica (Bourdieu, 1989), presente entre os nativos e os “de fora” e que é constantemente sentida pelo seu grupo, mas sim de uma violência real, uma criminalidade que nota em Guariba, ou que ao menos incorporou da fala dos outros habitantes da cidade. Como no discurso nativo, culpa os moradores do Bairro Alto (ou João-de-Barro) que, obviamente, representam um grupo que Toninho Branco não sente *fazer parte*. Ao contrário dos nativos, munidos de um alto potencial de coesão tecido entre os meios de sociabilidade, os “de fora” não são coesos, não são pertencentes a um grupo em comum. Os “de fora” são iguais apenas para a ideologia nativa, que não os diferencia em suas características. No entanto, para o “de fora” Toninho Branco, as diferenças são inúmeras: são maranhenses, ou piauienses, ou baianos, ou mineiros; são migrantes estabelecidos na cidade ou temporários; são moradores da respeitosa Vila Jordão ou do violento Bairro Alto. São, enfim, múltiplos em suas identidades. A falta de coesão entre o grupo “de fora” (que nem ao menos sente, em seu cotidiano, que é parte de um grupo) e a absoluta interação coesa veiculada entre os meios de sociabilidade do grupo nativo, permitem que o nativo *domine* o “de fora” e, mais do que isso, tenha forças para *impor* sua ideologia, que foi incorporada por Toninho Branco, já que Guariba não é tão violenta quanto ele acredita, como vimos com a análise dos dados quantitativos.

É necessário ressaltar que a teoria de Elias & Scotson, utilizada para compreender a relação nativos/os “de fora” presente em Guariba e o potencial de coesão de seus grupos, apresenta uma rica abordagem de *estática* e *dinâmica* como novas categorias

sociológicas. A relação intra e intergrupos está constantemente em movimento; é um processo contínuo de renovação, nascimento ou extinção das interações sociais, que permitem que sempre exista algo vivo e em processo. É possível constatar que a “malha social” que liga os diversos atores sociais de Guariba jamais foi ou é estática. E que os “de fora” não necessariamente compartilham das idéias que os nativos fazem deles. No entanto, não têm poder de *coesão* e *persuasão* para minimizar os estigmas que carregam, e nem ao menos se reconhecem enquanto grupo, num processo contínuo de individualização. Nesta interação, que pode ser considerada um “jogo”, quem perde são os “de fora”, não inseridos numa identidade coletiva e coesa, como também não reconhecidos como cidadãos munidos de direitos e deveres. Tanto Elias & Scotson quanto Simmel (1987) defendiam que o social é um conjunto de relações. O “todo”, seja ele qual for – a sociedade ou o grupo – é um *todo relacional*. As relações nunca são sólidas e petrificadas, a cada instante elas se atualizam, se fortificam ou se enfraquecem, e é por isto que sempre há algo vivo e em processo nas interações humanas. Elias & Scotson e Simmel não pensam no “indivíduo”, mas apenas em indivíduo *na* sociedade; não pensam em sociedade, mas apenas sociedade *no* indivíduo. Os indivíduos fazem a sociedade e a sociedade faz o indivíduo. Portanto, o que realiza a sociedade são as relações que se estabelecem entre os singulares, as formas menores de interação e relação entre os homens. É por isto que ambos estudam a interação entre os homens ao nível micrológico. E é também por isto que os “de fora”, mesmo sendo um grupo anacrônico, sem tempo ou espaço na história oficial guaribense, são impreterivelmente parte de um todo relacional, de uma figuração social da cidade.

Reconhecendo a reciprocidade entre indivíduo e sociedade, tanto Elias & Scotson quanto Simmel não falam de “socialização”, mas de “entrelaçamentos” e “interdependências” que configuram a sociedade. Esta é o conjunto de relações humanas, é o entrelaçamento global dos homens, mas não um entrelaçamento harmônico, e sim conflituoso

e hierárquico. Daí parte a idéia de *jogo da sociedade*, que são os fenômenos de interdependência que ligam os homens. No jogo, os participantes medem suas forças entre si, e os “equilíbrios de poder existem por toda parte onde haja uma interdependência funcional entre os homens”. (Waizbort, 2001: 106). Este é o tecido das relações humanas, que o conceito de *figuração* de Elias & Scotson quer exprimir. É uma rede de jogadores interdependentes, lembrando que nunca se joga sozinho, sempre se joga *com*.

Simmel e Elias & Scotson estão preocupados com as relações de poder que se estabelecem intergrupos e intragrupo. A idéia de conflito é absolutamente fundamental para ambos. “Sendo os seres humanos naturalmente diferentes entre si, eles necessariamente se relacionam uns com os outros de modo conflituoso” (Waizbort, 2001: 110). O conflito, portanto, é inerente às relações sociais (isto é, humanas). Sob uma perspectiva singular, como na relação entre os nativos e os “de fora” em Guariba, a idéia de jogo e conflito permanece a mesma: há uma interdependência que se tece entre eles, em um verdadeiro jogo. Quando as relações ficam mais complexas, com mais jogadores e regras sofisticadas, há uma integração cada vez mais densa, até o limite do jogo da sociedade.

De acordo com Berman (1986), Simmel insinua, mas não chega a desenvolver, aquilo que estaria mais próximo de uma teoria dialética da modernidade no século XX. Já em 1902, este autor pensava na modernidade, na vida em metrópole, na subjetividade e objetividade em sociedades que passavam por constantes e profundas transformações, como por exemplo, os fluxos migratórios das comunidades rurais para os grandes centros urbanos.

Simmel defendia que um dos mais graves problemas da vida moderna era a falta de autonomia e individualidade, em face às forças sociais, à cultura externa, às técnicas de vida e outras características do moderno. Desenvolveu uma cadeia de raciocínio que nos leva a uma relação dialética: a individualidade, no sentido das relações emocionais e íntimas, é massacrada pela economia monetária e pelo domínio do intelecto. Conseqüentemente,

desenvolvemos uma impessoalidade com o Outro que nos torna altamente individualistas. “A intelectualidade, assim, se destina a preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana” (Simmel, 1987: 15). A economia monetária e o domínio do intelecto estão vinculados, deixando para segundo plano o trato, os sentimentos e a consideração com os homens. Esta é a dialética do moderno: a estrutura moderna é da mais alta impessoalidade, no entanto promove uma subjetividade altamente pessoal. Daí surge a atitude *blasé*, que é o poder que todos nós temos de discriminar o outro, tão presente nas relações sociais de Guariba.

O dinheiro, de acordo com Simmel, é o mais assustador dos niveladores. A expressão “quanto?” é a que torna possível uma atitude *blasé*. As relações quantitativas, nas sociedades modernas, são cada vez mais importantes que as relações qualitativas. Até mesmo o tempo passa a ser medido! A pontualidade, calculabilidade e exatidão não transformam e fazem parte apenas da economia, do dinheiro e do intelecto, mas também do modo de vida que deixa de ser “para dentro” e passa a ser voltado “para fora” (para o dinheiro, o relógio como representante do tempo, a moda, a mídia). Por que não reconhecemos na rua nossos vizinhos de anos? Existe não só indiferença, mas aversão, estranhamento e repulsão mútua. Este é o estilo metropolitano de vida, e segundo Simmel uma das formas elementares de socialização. O indivíduo da metrópole tem qualidade e quantidade de liberdade pessoal nunca jamais vistas, por conta da atitude *blasé*. “Os conteúdos e formas de vida mais extensivos e mais gerais estão intimamente ligados aos mais individuais” (Simmel, 1987: 22).

Simmel, ao pensar a vida na metrópole, compara o homem urbano ao homem camponês. Os fundamentos sensoriais da vida psíquica são diferentes na metrópole (no moderno), quando em comparação com a vida rural. As impressões, a consciência e o ritmo na metrópole são diferentes: enquanto em um contexto rural o ritmo de vida é mais habitual e uniforme, em um contexto urbano os homens protegem-se das transformações do ambiente e

das ameaças, que são constantes. O intelecto é a parte mais adaptável de nossas forças interiores. Desta forma, o homem urbano reage com a cabeça, e não com o coração. Somos, de acordo com Debord, “multidões solitárias” nas cidades, e estas são as mais perceptíveis transformações na vida do migrante (1997: 23).

O relato oral de Martinho, maranhense de Morro Branco, negro, 25 anos e migrante sazonal porque tem o sonho de comprar uma moto, retrata estes híbridos sentimentos e modo de vida:

E você já veio pra cá [Guariba] três vezes, né?

Martinho – É, três vezes.

E você sente alguma diferença quando volta [para Morro Branco, sua terra Natal]?

Martinho – É, chega lá, a coisa muda, né? Às vezes uma terra que tava feia, de repente dão um trato nela [e cita outros aspectos do mundo rural onde sua família tem roça de subsistência e criação de animais]. Aqui se chama centro, lá é interior. Aqui é cidade, é tudo enlatado, tem telha, telhado, tem rua. E aqui a gente muda as “feição”.

Então você acha que aqui você vive melhor?

Martinho – Melhor, assim, porque estamos trabalhando, né, mas bom mesmo é tá na terra da gente...

Mesmo morando na choça?...

Martinho - Ah, é, mesmo morando na choça o bom mesmo é lá! Aqui é cidade, tem dinheiro, dá pra comprar, pra andar de tênis, mas eu sou pobre e prefiro morar na terra da gente. (Risos) Porque a gente nasce lá. Porque a gente nunca se esquece da terra que se nasceu [...]; sem família é a mesma coisa que nada.

E você acha que você mudou muito?

Martinho – Ah, eu não sei se eu mudei, mas lá, a gente sempre pensa que a gente muda, mas não. Continua o mesmo. Eles [os conterrâneos] acham que mudou, né, mas a gente não mudou nada.

E em quê eles acham que você mudou?

Martinho – É, porque chegando lá a gente volta mais danado, porque aqui a gente conversa de todos os assuntos, sobre muita coisa, muita coisa diferente, e aí eles acham que a gente voltou mais falante. [Acham que a gente volta] cheio dos critério, com a pele mais fina, mais branco... Tem gente lá que acha que a gente trabalha em escritório, porque tá com a pele mais fina, mas não, “Ih, gente, o trabalho lá é de roça”. Acham que é trabalho sério, que consegui, mas não, é trabalho de roça, com facão também! (risos).

Martinho, assim como outros trabalhadores maranhenses, não sente que pertence ao mundo que migra. No entanto, sente que o “moderno”, o “novo”, lhe são familiares, porque são parte constituinte de sua cultura e terra natal, onde a lógica tradicional e camponesa já recebe a influência dos símbolos do moderno, seja a partir da migração existente em Morro Branco há mais de 10 anos (que possibilita o intercâmbio de culturas), seja a partir das imagens da televisão, meio de entretenimento entre os moradores de Morro

Branco⁴⁸. Há um *espetacular integrado*, pois mesmo as regiões periféricas foram atingidas pelo espetáculo, pelo moderno, pelo capital (Debord, 1997). Há o desejo de pertencimento e identificação do moderno, mesmo que percebam o estranhamento e a repulsa da comunidade nativa guaribense (e, portanto, moderna), que os mantêm afastados a partir de atitudes *blasé* e das niveladoras perguntas “quanto você vale?” ou ainda “quanto você tem?”. A saudade e o desejo de regresso estão indiscutivelmente presentes, mas estes querem voltar diferentes, representantes do moderno através de seus novos pertences, imbricados de valores concretos e abstratos e, sobretudo, vitoriosos no mundo metropolitano onde o ser e o viver são “para fora”, ou seja, voltados para as aparências e para o tempo que é calculado, quantitativo, egoísta. Por isto voltam mais brancos, mais fortes, como se trabalhassem em escritório, com dinheiro no bolso, “cheio dos critério”, expressões colhidas não apenas no depoimento de Martinho, mas nos relatos dos outros homens e mulheres maranhenses ouvidos. O “lugar que não é da gente” também faz parte de sua formação identitária. Ter status na “nossa terra” é ter incorporado valores e símbolos do moderno. “Parecer moderno, mais do que ser moderno. A modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista. Está mais no âmbito do ser visto do que no viver” (Martins, 2000: 39, grifos meus). Ou seja, o “viver” do camponês do interior maranhense que migra sempre será “não *moderno*”, ainda que sua corporalidade (a sua aparência) denuncie um hibridismo de culturas. No entanto, sua existência é indiscutivelmente parte da *modernidade*, uma vez que, sob uma perspectiva econômica, sua força de trabalho sustenta o setor sucroalcooleiro e, portanto, o luxo e a riqueza do mais moderno estado do país. Neste *jogo da sociedade* (Simmel, 1987 e Elias, 2000), em que se vive e se aprende a jogar, o trabalhador migrante novamente mais perde do que ganha, mais é explorado do que explora as oportunidades da modernidade.

⁴⁸ Em Morro Branco não há água canalizada e nem asfalto nas ruas e estradas de acesso. Porém existe energia elétrica, e na casa de Fogoso, único morador da cidade que já tem televisão, toda a comunidade se reúne no fim do dia para assistir à novela das 9h (informações colhidas através das entrevistas).

3.2 Migrantes Estabelecidos: lembrando a partida e descrevendo a permanência

Robi é um mineiro de 54 anos, e há vinte e dois mora em Guariba. Não conheceu seu pai, que morreu quando este tinha apenas sete meses de idade. Em Itaobim – MG viveu os primeiros anos de sua vida, ao lado de sua mãe, que faleceu quando Robi tinha 17 anos. Como também perdeu seus cinco irmãos, Robi, desviando o olhar, diz em seu depoimento que “só sobrou eu, sozinho, pra morrer”.

Robi é apenas um entre tantos outros milhares de migrantes que fizeram de Guariba sua morada permanente. A configuração de suas casas e seus modos de vida diferenciam-se dos pertencentes aos migrantes temporários que, como foi exposto acima, pouco conhecem de Guariba além dos muros de suas pensões, e estabelecem vínculos de sociabilidade quase que exclusivamente com os seus iguais, sendo que “iguais”, neste sentido, são seus conterrâneos moradores da mesma pensão, e não seus vizinhos ou ainda os moradores de outros bairros da cidade.

Homens e mulheres migrantes temporários, afinal, pertencem ao micro-universo que não ultrapassa os quatinhos de suas pensões. Migrantes estabelecidos como Robi, no entanto, expandem seus vínculos de sociabilidade. Em especial nas ruas mais antigas do Bairro Alto, as famílias migrantes que ali vivem mantêm um real espírito de comunidade, em que a ajuda, o conhecimento e a amizade são compartilhados:

O senhor é amigo das pessoas do bairro?

Robi, pardo, cortador de cana - Ih, de tudo! De Guariba inteira! Onde é que me encontra é a mesma coisa. Sei lá, na Vila Amorim, na Cohab I, nos outros lado aí é o mesmo negócio, aonde for me encontrar...⁴⁹

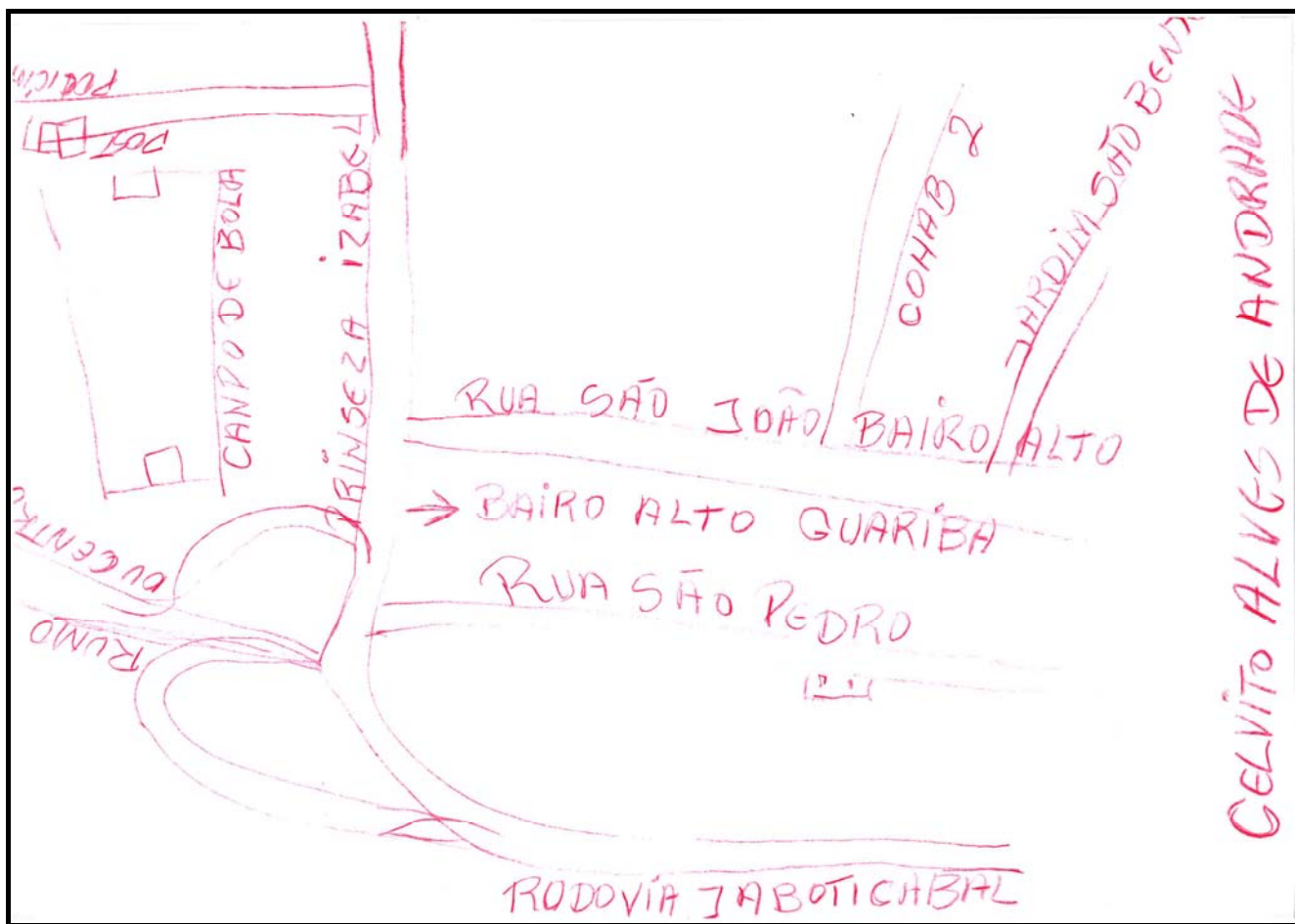
No entanto, quando Robi é questionado se vai muito ao centro, responde:

⁴⁹ Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005, na casa do depoente.

Robi - Não, difícil. Vixe! Passa dez meses sem eu descer lá em baixo. Por aqui, só por aqui. Ah, eu não tenho tempo, né? Eu não vou em festa lá pra baixo, não vou em lugar nenhum, então não tenho tempo. E trabalhar menos não adianta não, né? Não tenho nem tempo e nem dinheiro! Então...

Como fica claro neste trecho, Robi entende que “Guariba inteira” limita-se aos bairros periféricos que circundam seu Bairro Alto. Evita outros locais da cidade, e mesmo em dias de pagamento, é seu filho quem busca o dinheiro no centro da cidade. Robi expandiu seus vínculos de sociabilidade, mas preserva limites quanto aos espaços que se sente à vontade, e sabe que não foi toda a cidade que se tornou sua morada permanente.

No mapa afetivo que Robi construiu, este sentimento de não-pertencimento ficou ainda mais evidente. Pedi que desenhasse a cidade, da mesma forma que fiz com os outros depoentes. Robi pegou um único lápis de cor, dirigiu-se aos fundos de sua casa, onde cultivava uma horta e algumas árvores frutíferas, e isolado em um banco de madeira, foi riscando o papel. Alguns minutos depois, voltou com um verdadeiro mapa aéreo, que representava as ruas do Bairro Alto e de outros bairros anexos, devidamente nomeadas, e a sua casa em uma delas, assim como o campo de futebol e o posto de polícia do bairro. Assim como o Bairro Alto não é representado no mapa afetivo dos nativos, no mapa afetivo de Robi o centro não tem representatividade e não foi lembrado. A cidade é, afinal de contas, seu bairro exclusivamente, onde Robi viu crescer seus dois filhos, reconstituiu seus laços familiares e fez bons amigos.

Mapa Afetivo de Robi (2005)

As imagens espaciais desempenham um importante papel na memória coletiva.

Um grupo está inserido em uma parte do espaço, e ele a transforma à sua imagem. Ao mesmo tempo, o grupo está sujeito e se adapta às coisas materiais que a ele resistem (Halbwachs, 1990). Os espaços representados nos mapas afetivos correspondem aos diferentes aspectos da vida em sociedade, especialmente o que nela há de mais estável.

Neste sentido, nos “lugares da memória” (Nora. In: Pollak, 1989) do grupo nativo não há espaço para os “de fora” da cidade. Os migrantes sabem disso, em especial os sazonais, que sentem com ainda mais força que não fazem parte de lugar algum. Seus lugares de memória são o regresso, a terra de origem. A “volta” é a sua verdadeira identidade. E mesmo o migrante estabelecido há mais de 30 anos em Guariba, como Robi, tem necessariamente uma foto de sua terra, ou de seus amigos e parentes conterrâneos, em algum

canto da casa⁵⁰. Suas memórias são seletivas: nem tudo fica guardado ou registrado. Assim, “se esquecem” dos preconceitos que já sofreram ou sofrem (e que ainda estão tão vivos nas lembranças dos sazonais), e procuram lembrar-se dos grupos a que estão associados, que na maioria das vezes é o seu próprio bairro.

Talvez Robi represente, juntamente com a sua comunidade, o verdadeiro grupo “de fora”, tão indesejado e estigmatizado pelo grupo nativo. Mas esta relação não é tão simples: nativos e os “de fora” são apenas os extremos de uma complexa malha social. Robi sente falta de sua terra natal, e mata essas saudades voltando, quando pode, para Itaobim – MG nas festas de São João⁵¹. Gostaria que fosse possível voltar a morar em Minas Gerais, e aponta problemas em Guariba:

E sua situação financeira hoje, depois que veio pra Guariba, é melhor ou é pior?

Robi - Muito melhor, viu? 100% melhor.

E por que?

Robi - Porque o trabalho aqui é diferente e pra saúde é diferente. É bem melhor. Se tivesse esse trabalho aqui, e o médico que tem aqui, eu não taria aqui, eu tava lá, né? Porque eu pra trabalhar é direto, todo dia da minha vida. Lá na nossa Minas Gerais tem... tem trabalho, mas só que é muito pouco. Não tem carteira registrada, não tem ninguém pra botar uma carteira registrada... ninguém conhece! Pelo menos lá na nossa região isso é difícil demais.

Mas o senhor preferia estar morando lá, se lá tivesse saúde...

Robi - Sim.

Por que?

Robi - Ah, porque eu gosto de lá, né?

Mais do que aqui?

Robi - Mais do que aqui.

E do quê o senhor gosta de lá?

Robi - Lá... é o clima do lugar, né? E lá é onde a gente nasceu, o costume é outro.

Como é o costume lá?

Robi - Dá até nó na língua pra falar... [Robi fica emocionado]. Lá todo mundo... Lá o que tem é sossegado, ninguém perturba ninguém. Cê tem uma vida sossegada, né? E eu não gosto... não pego nada dos outros e não gosto que peguem no que é meu também. Nunca eu fui assaltado, mas eu tenho medo, né?

O senhor tem medo daqui?

Robi - É o jeito. Aqui não é muito sossego.

⁵⁰ Fotos no quarto capítulo ilustram este costume de Robi.

⁵¹ Em frente à sua casa, Robi pendurou algumas bandeirinhas de festa junina que fez com “fêzinhas” da mega sena, já que estávamos no mês de junho. Fotos no próximo capítulo ilustram este costume de Robi.

Robi poderia ser para Toninho Branco, por exemplo, um possível criminoso porque é morador do Bairro Alto. No entanto, os sentimentos de ambos, como as saudades da terra natal e o medo da criminalidade, são muito semelhantes. Obviamente, ninguém se identifica enquanto criminoso e violento, e inevitavelmente culpa o Outro, que não tem cara, não tem identidade. O nativo culpa o “de fora”, o morador da Vila Jordão culpa o morador do Bairro Alto, e o morador do Bairro Alto culpa o seu vizinho distante. Não obstante, Robi relata o que pensa dessas relações:

E o seu bairro? Acha que é mais violento?

Robi - Não. É médio, né? Não é aqui só, né?

O quê o senhor acha que o centro da cidade pensa?

Robi - [silêncio] Ah, o centro da cidade sempre pensa que... as periferias sempre são mais... às vezes tem gente mais desonesta, né? Não é mesmo? Porque lá dentro, só os quem mais pode, né? Ali tem os policiais mais próximos, tem os guardas que olham as coisas, né? E uma pessoa pra dar um toque se acontecer um erro qualquer, né? E pra gente que tá aqui de fora, aqui... a polícia passa, mas... mas já é meio tarde, né?

E como é que a polícia age aqui?

Robi - Ah, a polícia sempre... a polícia sempre faz uma força, né? É, apavora peão por aí!

E tem muita gente fazendo coisa ruim, como é que tá?

Robi - Tem uma meninada meio besta por aí, mas não dá nada, não! Eles brigam uns aos outros mesmo! Num mexe com família de ninguém, não, ué. Eles mesmo que se desentendem com eles mesmo, né?

Com o senhor nunca aconteceu nada aqui?

Robi - Não, não, vixe! Não tô te falando pra você? Aqui só tenho amizade.

Pelas amizades estabelecidas e pelos costumes paulistas que já foram incorporados, é que Dona Miúda, esposa de Robi, ao contrário do marido, não pensa mais em voltar para Minas Gerais e quer ser enterrada em Guariba. No entanto, não está desvinculada da relação nativos/os “de fora”, e sabe disso:

E as casas [do Bairro Alto] eram diferentes do que são hoje?

Dona Miúda, 50 anos, ex-cortadora de cana, parda - Não, acho que era desse mesmo jeitinho mesmo, né? Aqui tem uns “rebaixo” daqui que chamam de favela, né? Mas é que eles nunca viram favela, né? Porque eu já vi, eu quase morei, eu passei, eu fui na casa do meu cunhado, né? Meu cunhado morava em favela! Aí eu falo “é, aqui cês tratam de favela, né? É porque vocês nunca viu!”. Nós andamos passando pelas estrada, e aí a gente passava pertinho das favela! Até inclusive eu tenho uma prima que mora em Ribeirão, ela mora assim de frente pra uma favela. Ela não mora, mas é de frente. Tipo de tábuas, né? Aí eu falo “ah, eles abusa demais do nosso lugarzinho que nós tá escondido

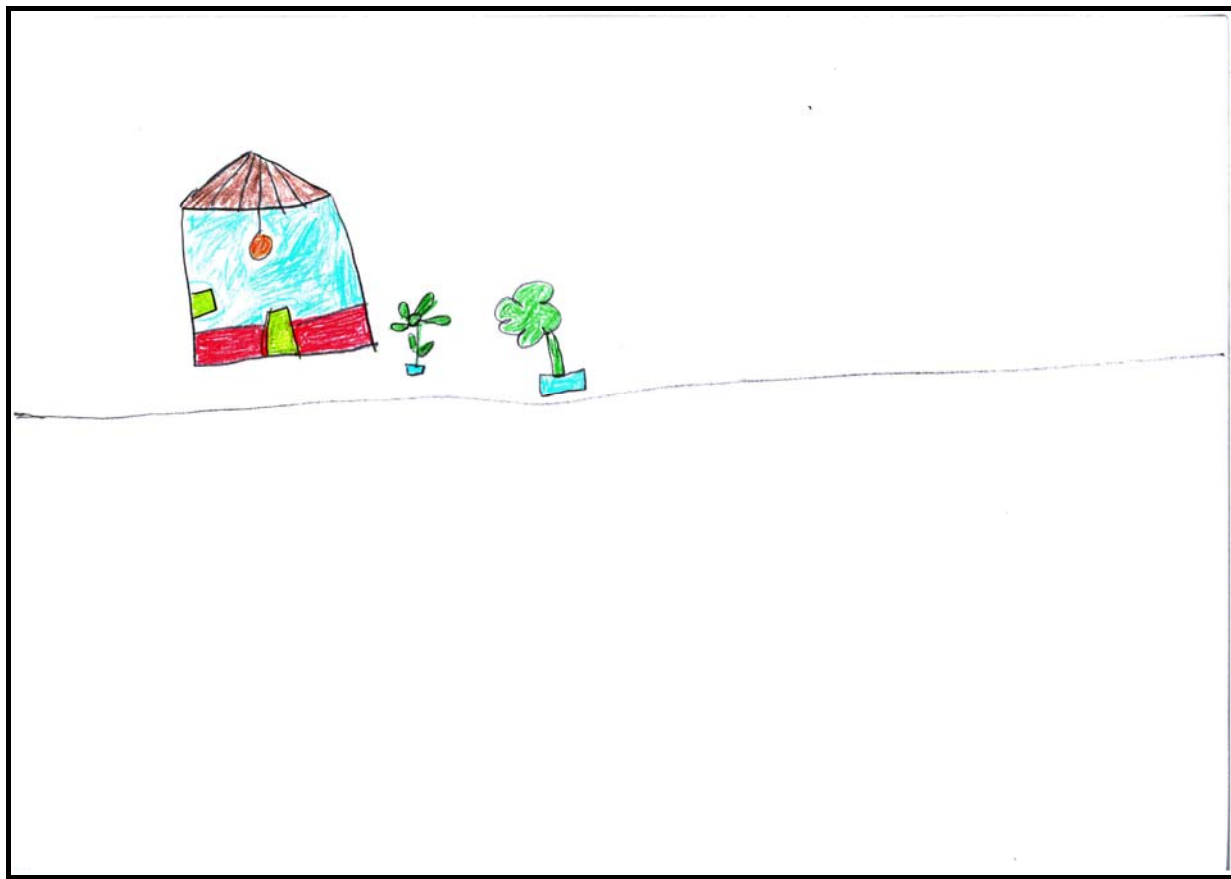
lá em Guariba!”. Nós não é favela! Eu gosto daqui, eu não quero ir embora mais daqui! E eu não tenho vontade de voltar pra trás. Pra morar, não, pra passear sim, né, que eu já fui pra lá [Itaobim - MG] passear bastante vez!⁵²

Dona Miúda, em seu mapa afetivo, desenhou exatamente este “lugarzinho” onde ela está literalmente escondida dos estigmas do centro da cidade guaribense. Mais uma vez, as diferenças de gênero foram observadas, já que seu desenho é altamente introspectivo. Concomitantemente, percebemos que mapas afetivos, como o de Dona Miúda, podem reter imagens e aspectos que só têm significado para o indivíduo que o construiu, mesmo que façam parte de lembranças compartilhadas entre o grupo ao qual pertença. Dona Miúda usou sua “intuição sensível” para construí-lo, ou seja, um estado de consciência puramente individual que existe na base de todas as lembranças, mas que não está totalmente desvinculado do Outro (Halbwachs, 1990: 37). A cidade foi representada pelo pequeno universo da casa, multicolorida e cheia de flores. Curiosamente, Dona Miúda desenhou dentro da casa uma lâmpada desproporcional, que nada mais é que aquilo que mais chamou sua atenção quando migrou para Guariba:

E a senhora, fora o clima, achou outras coisas diferentes na cidade?

Dona Miúda - [longo silêncio]. Ah, diferente né? Diferente... A cidade, o modo do povo, né? E não tinha ninguém que via um fogão à lenha. Não tem né, era muito difícil de encontrar, e nós tava tudo acostumado com o fogãozinho à lenha! Todo dia... o fogo não se apagava, era direto! Dependendo da tora de pau que você colocava lá, ficava, amanhecia o dia e o fogo aceso! Nossa, menina, quando eu cheguei lá, falei “nossa, rapaz, naquele estado não dá pra ficar, não, porque lá é um foguinho azulzinho de nada num fogãozinho e ali mal esquenta a comida, ali não esquenta a casa, não! É só a panela e mal, mal!” É só um foguinho deste tamanhinho assim só! Na panela, lá... cê passa perto tá um gelo assim! Não esquenta nada! E a comida? Parece que nem é cozida não, só esquentada!

⁵² Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005, na casa da depoente.

Mapa Afetivo de Dona Miúda (2005)

Atualmente, nada mais espanta ou surpreende estes migrantes estabelecidos, que ao menos em alguns espaços de Guariba, a sentem como a sua morada permanente e por direito. Não poderia ser diferente, em especial em alguns casos como o do senhor Cícero, de 71 anos, que em 1951 chegou à cidade e nunca mais saiu dela, sendo, portanto, um dos primeiros migrantes nordestinos a se estabelecer em Guariba. Relembra estes “bons tempos”, em que migrar não parecia tão difícil:

E o senhor veio pra cortar cana, à procura de trabalho... Por que o senhor veio pra cá?

Senhor Cícero, cortador de cana aposentado, negro, baiano, 71 anos - À procura de trabalho, né? Aqui era bom então fiquei. E não me dei mal, não, viu, vou te falar. Naquele tempo era tudo melhor, graças a Deus. Eu não posso me queixar de São Paulo. Não. [...] Ah, naquele tempo o pessoal era tudo amigo. Não era como hoje, que tudo é mais difícil. Não, o pessoal se dava tudo muito bem, graças a Deus. Eu fui bem recebido, não posso me queixar, né? Todo mundo, né?⁵³

⁵³ Entrevista realizada no dia 14 de junho de 2005, na casa do depoente.

Mas, como não poderia deixar de ser, assegura que a partida foi dolorosa, e descreve de que forma foi completamente desprendido de sua terra natal:

E como é que o senhor se sentiu quando deixou a Bahia?

Senhor Cícero - É, qualquer um que deixa sua terra, não tem jeito, fica triste, né? Não tem essa de falar que deixou sua terra natal e tá feliz, né? Depende... Mas como eu tava indo e não queria voltar, eu graças a Deus... você me entende, né? Eu não voltei!

E o senhor sente falta da sua família?

Senhor Cícero - Ah, isso daí a gente sempre sente, né? Até hoje a gente se lembra, né, mas... Sempre quando eu falava “ah, eu vou lá”, ficava um doente, ou qualquer outra coisa, então [longo silêncio]...

O senhor não chegou a ver mais seus pais?

Senhor Cícero - Não, nunca mais. Porque eu não escrevo, pra falar bem da verdade eles nem sabe onde a gente tá. [...] Eles nem deve tá vivo.

O senhor Cícero pouco se lembra de sua terra natal, mas ainda é capaz de identificar diferenças nas cidades em que viveu, como os tipos de ruralidade apresentados entre os dois espaços. Era um tempo em que, em ambos os contextos (Guariba e Olhos D'água, no interior da Bahia), os limites dos espaços urbanos eram estreitos, e as cidades eram em quase toda a sua extensão tomadas pelos sítios, fazendas e chácaras. No entanto, aspectos que parecem similares têm suas diferenças, como pôde observar o senhor Cícero mais de cinqüenta anos após sua primeira e definitiva partida:

E era muito diferente da Bahia, a cidade?

Senhor Cícero - Ah, acho que tudo era meio parecido, né? Só tinha de diferente a feira, né? Que lá na Bahia tinha e aqui não tinha. Mas de resto, acho que era parecido. Aqui era tudo pequenininho, só tinha chácara. Só tinha duas ruas na cidade, né? Era tudo chácara. Umás casas lá pra baixo, no asilo. Tinha uma casa velha aqui na esquina. Tinha uma outra aqui em cima. E aqui era mais cafezal, essas coisa tudo.

A feira, ainda rememorada, é representativa de um modo de vida camponês do interior da Bahia que o senhor Cícero não encontrou no interior de São Paulo, mesmo que Guariba fosse constituída majoritariamente por sítios, chácaras e fazendas. A feira baiana, onde alimentos plantados e colhidos em roças de subsistência eram trocados por outros

produtos, entre vizinhos e parentes, representa um modo de vida rural que, de acordo com o senhor Cícero, não mais existia em Guariba. No interior paulista, a monocultura cafeeira, embora em um contexto rural, já representava outros códigos operacionais, muito mais próximos de um modo de vida moderno que de um modo de vida tradicional, como o vivido desde então pelo senhor Cícero, que apenas se lembrou deste diferente aspecto, aparentemente banal, mas que certamente transformou o princípio de seus sentidos e hábitos: sua consciência, suas formas de socialização, suas impressões e seu ritmo de vida ganharam traços “modernos” (Simmel, 1987).

O senhor Cícero facilmente percebeu que as regras, culturas e costumes em que estava inserido eram outros, e procurou habituar-se ao novo contexto e às suas novas identidades:

E como era aqui [o Bairro Alto]?

Senhor Cícero - Isso aqui foi feito com casas de barro, a maioria era tudo casinha de barro, uma aqui, outra lá... Eu demorei mais [para construir sua casa própria] porque eu queria levantar a minha de tijolo, né? Porque eu não queria de barro e não fiz de barro. Então eu demorei um pouco mais pra levantar isso aqui de tijolo.

E por que o senhor preferiu levantar esta de tijolo?

Senhor Cícero - Ah, porque aí era um serviço bem feito, né? Porque as de barro... Quem fez as de barro, desmancharam, né? E eu preferi fazer de tijolo pra não ter que desmanchar. Só que era baixinho. Aos poucos, passados uns anos é que eu suspendia, mas era baixinho.

Mas lá na Bahia era de barro, ou não?

Senhor Cícero - [silêncio] Ah, a nossa casa... É, tinha casa de barro, uns terreno grande. A nossa casa mesmo, que nós morava, era feita de sapê.

Mas ela ficou em pé, ou ela foi desmanchando também?

Senhor Cícero - Não, aquela ficou em pé! Aquela lá agüenta muitos anos! É que lá era tudo grandão! Então lá até podia rebocar, do jeito que está essa aqui, que não tinha problema. Barro acho que agüenta até mais do que tijolo. Porque naquele tempo eles não fazia igual hoje, que é de concreto.

Mais uma vez, as casas de barro ganharam sentidos diferentes de acordo com o espaço e o tempo em que existiram. E, neste caso, os diferentes sentidos que o senhor Cícero atribuiu às casas de barro evidenciam as transformações que a sua identidade sofreu ao longo do tempo. Concomitantemente, também demonstram as discriminações sofridas pelo “povo estranho, [...] das casas de barro, fora do lugar” (Moraes Silva, 1993: 43):

O senhor acha que já foi discriminado aqui na cidade?

Senhor Cícero - [silêncio] Discriminado?

É.

[silêncio. Volto a perguntar]

Se o senhor já sofreu algum tipo de preconceito, por ser morador do bairro...

Senhor Cícero - É, isso aí sempre tem, né? Eu convivia com o pessoal de lá [do centro da cidade], né, e eles sempre falava: “compra uma casa aqui, seu Cícero, pra quê morar lá?”. Mas pra mim tá bom. O pessoal sempre fala, né? Quem mora aqui nas vila mais fraca sempre é mais discriminado, isso aí é coisa dos princípio do mundo e não vai ter fim nunca [risos]!

E por ser baiano?

Senhor Cícero - Não, quanto a isso, não, graças a Deus não. Eu sempre fui pouco discriminado, graças a Deus, né?

Por reconhecer as discriminações que sofre, em especial por ser morador da periferia pobre da cidade, o senhor Cícero, como outros migrantes estabelecidos, evita locais em que perceba com mais intensidade esta discriminação, mesmo que apresente motivos diversos para não ir ao centro da cidade:

E o senhor vai muito ao centro da cidade?

Senhor Cícero - Ah, eu só vou lá embaixo mesmo quando é preciso.

E quando é preciso, seu Cícero?

Senhor Cícero - Ah, hoje mesmo eu tive que passar no banco, né? Às vezes precisa pagar alguma coisa...

E por que o senhor não vai mais ao centro?

Senhor Cícero - Ah, a minha mulher é doente. Quando sai um tem que ficar o outro. Tem vez que nem na igreja eu posso ir [...] Mas eu saía muito, eu jogava baralho, ficava... Ah, eu já me diverti bastante.

O senhor Chico, vizinho do senhor Cícero, também prefere não freqüentar o centro da cidade, e justifica sua escolha da seguinte forma:

Senhor Chico, cortador de cana, mineiro, negro, 63 anos - É, lá eu só vou uma vez por mês, porque tenho que ir pro banco, mas só. De resto, só dentro de casa. Tem dia que eles querem me levar, mas eu não vou! Que eu tô com o corpo doendo...

É necessário lembrar que o centro de Guariba e seu comércio estão a poucos quarteirões de distância do Bairro Alto, sendo de fácil acesso até mesmo para quem está a pé. Certamente não são apenas as dores no corpo que impedem o senhor Chico de ir ao centro da

cidade, mas também os estigmas e as discriminações que encontra em espaços sociais ocupados por grupos que se consideram socialmente superiores ao senhor Chico, e que, de uma certa forma, são também socialmente superiores *para* o senhor Chico:

E o senhor tem muitos amigos, ou não?

Senhor Chico - Graças a Deus! Graças a Deus é o que eu mais tenho aqui!

Aqui do bairro?

Senhor Chico - É, tudo meus vizinho. Tudo aqui do bairro é gente conhecida, mas lá no centro eu conheço também!

Quem o senhor conhece lá?

Senhor Chico - Ah, não sei lhe dizer assim por nome. Mas de vista, de vista até que conheço!

Foi também aos poucos, e de forma traumática e indesejada, que o senhor Chico sentiu-se enfim parte da figuração social de Guariba e a entendeu como *lar* (ou, ao menos, o Bairro Alto enquanto lar). Ao longo da entrevista, o senhor Chico informa que há dezoito anos mora na cidade, e que nesta ocasião migrou em busca de tratamento médico para a sua esposa, que tinha problemas cardíacos. Viajou com 120 mil réis no bolso e seis filhos menores de idade. Instalado em Guariba há um mês, recebeu a notícia do falecimento da sua esposa:

Então o senhor veio pra Guariba pra tentar tratar da sua senhora?

Senhor Chico - É. Vim pra cá pra tratar dela.

Então o senhor não veio pra cortar cana?

Senhor Chico - Não, eu vim pra tratar dela. Mas depois que ela morreu eu fui obrigado a ficar aqui, e então eu passei a cortar. Dinheiro eu não tinha. O jeito foi ficar aqui. Os menino, seis menino pequeno.

No entanto, ao longo da entrevista, Seu Chico esclarece que já conhecia Guariba, e que há dezoito anos se *estabeleceu* na cidade:

E quando o senhor chegou aqui, Guariba era muito diferente da sua cidade lá em Minas?

Senhor Chico – Não, mas quando eu vim aqui, eu já tava acostumado com isso aqui. Porque eu vinha aqui, mas eu só vinha trabalhar e ia embora, pra poder tratar de roça. Eu vivia mais era aqui. Eu já era acostumado aqui. Eu trabalhava lá e cá.

Ah, então o senhor vinha pra cortar cana...

Senhor Chico - É, trabalhava seis meses e ia embora. Aí eu ia cuidar da roça lá.

Mas aí não trazia a sua esposa...

Senhor Chico - Não, não trazia nenhum deles. Eu vinha, trabalhava seis meses e então ia embora pra mim poder cuidar da roça de lá. Quando aí era janeiro, fevereiro, aí então eu voltava. Era assim, eu já era acostumado aqui.

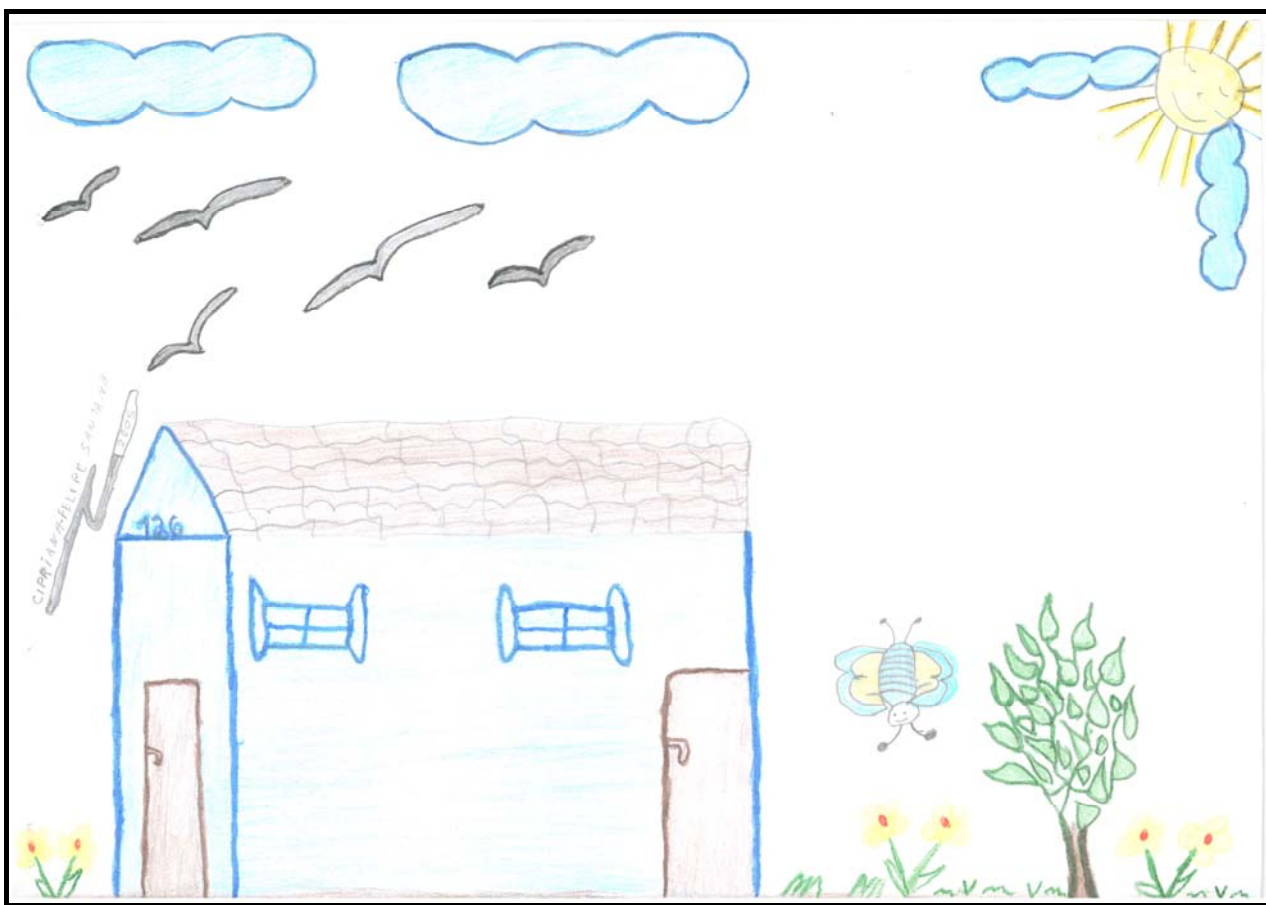
E quanto tempo o senhor fez isso, o senhor veio só pra cortar cana e voltar?

Senhor Chico - Ah, filha, foi muito tempo, muito tempo. Aí da última vez que eu vim, eu não voltei mais.

Ou seja, o senhor Chico apenas sentiu-se cidadão guaribense quando deixou de ser um migrante sazonal, e passou a morar permanentemente na cidade. Neste sentido, o senhor Chico não sente que compartilha com o migrante sazonal, morador de pensões e bicos, um mesmo e coeso grupo, as mesmas representações sociais (Elias & Scotson, 2000).

Dona Cipriana, cunhada do senhor Chico, assim como ele, ainda não está aposentada e corta oito toneladas de cana diariamente em plenos 58 anos de vida. Em seu mapa afetivo, desenhou a sua casa, de cores vivas e cercada de árvores e flores que na realidade não existem⁵⁴:

⁵⁴ No quarto capítulo há fotos das casas de Dona Cipriana e do casal Robi e Miúda, retratadas em seus mapas afetivos.

Mapa Afetivo de Dona Cipriana (2005)

Seu desenho tem traços infantis, como um sol sorridente entre nuvens e uma borboleta antropomórfica. No entanto, sua vida não tem estes mesmos traços infantis. Dona Cipriana sustenta uma extensa família, dentre os quais sua mãe de 101 anos e um filho de 13 anos que já é pai. Perdeu duas filhas, uma de 25 anos e outra de 19 que, de acordo com Dona Cipriana, “morreram de tristeza” cortando cana e deixaram três filhos. Além disso, conta o profundo desespero que sofreu quando migrou para Guariba há vinte e um anos atrás:

E como é que a senhora se sentiu quando deixou sua cidade?

Dona Cipriana, mineira, negra - Ah, eu pensava nela, só ela [sua cidade, Araçuaí - MG]. Só queria saber de voltar pra lá. Eu, minha sogra, só chorava. Chorava com vontade de voltar pra lá, mas não podia. O dinheiro não dava, né? E as duas menina [suas filhas, que já morreram] que era de menor tava trabalhando, né? Eu falei “o certo é ficar aqui”. Lavei muita roupinha pros outro aqui, pra ganhar um tostão.

Mas então não foi fácil no começo?

Dona Cipriana - Ah, pra mim não foi fácil, porque nem roupa eu tinha, muié! Dormia no chão... Me desculpe de ter que falar essas coisa, não sei se quer ouvir...

Imagina, pode falar!

Dona Cipriana - ... De papelão, filha! [fica emocionada] Dormia no papelão! Tinha gente que queria até meu filho, meu menino! Esse aí que tá deitado. Queriam tirar de mim, eu falei “eu não dou, esse menino é meu”. Passo em frente da casa dessa muié até hoje, ainda.

E quais impressões a senhora teve da cidade?

Dona Cipriana - Ah, quando eu cheguei aqui eu queria voltar no outro dia. Pra mim era tudo estranho, tudo sujo...

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é ativa e psíquica, e não restitui um estado passado em sua total realidade porque seu ponto de apoio são as diferenças. Por isto a memória relaciona todo o tempo o presente com o futuro. O presente é recontado de acordo com o momento passado: quanto pior for o tempo passado, melhor será a reconstrução do tempo presente, e vice-versa. O momento passado revivido por Dona Cipriana é doloroso e traumático, e por isto o momento presente representado em seu mapa afetivo está cercado de flores, borboletas e outros elementos caracteristicamente infantis.

Aos poucos, como era de se esperar, Dona Cipriana se conformou e se acostumou. Teve a oportunidade de voltar para a sua terra natal, mas não quis. Hoje entende Guariba como seu ponto de chegada, e não mais como um possível ponto de partida:

Então a senhora acha que a sua situação financeira hoje é melhor?

Dona Cipriana - Pra mim é melhor porque eu tô trabalhando, né? Mas eu vejo que, assim, dá vontade de ter alguma coisa e nós não tem, né? Então nós tem é que ficar quieto. Mas tem coisa boa aqui, porque todo mundo é bão... Tem gente que chega, traz um arroz, me ajuda. Ajuda ela [D. Dadá, sua mãe] também, né? Então por isso, pra mim, nem é tão muito ruim assim, que nem lá na minha terra [...] E eu tenho bastante amigo aqui, porque vem muita gente aqui em casa, né? E eu não sou de ir em casa dos outro, mas aqui vem bastante gente de fora. Eles gosta da gente, gosta dela [D. Dadá], gosta de mim. E a gente gosta de muita gente.

Os mapas afetivos, assim como os depoimentos daqueles que os constroem, recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros. São reflexos de uma memória subterrânea, representante de culturas minoritárias e dominadas e que se opõem à “memória oficial” (Pollak, 1989). São nos espaços e nos lugares por eles representados que a tradição se

estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, a tradição e a coesão são reproduzidas entre os grupos “de fora”. Afinal, nenhuma população se deixa deslocar sem resistência, sem levar consigo parte do que entende por *seu* grupo: as relações existentes entre os espaços e os seres que nele habitam, entre as “pedras e os homens” (Halbwachs, 1990), não são transpostos e modificados facilmente.

3.3 Representações Sociais dos “De Fora”: as cidades-dormitórios como periferização do capital

Entre atitudes *blasé*, violências simbólicas e estigmas, o migrante vai percebendo, aos poucos, que os laços sociais que separam e hierarquizam os indivíduos podem também uní-los. Migrantes temporários continuamente sofrem e se fecham em seus universos particulares e protegidos. Migrantes estabelecidos já sofreram muito, mas aos poucos fazem de Guariba sua morada, e ultrapassam os limites de seus universos, que ganham as casas, as ruas e os bairros periféricos que os circundam. Aprenderam que o modo de vida camponês, que mantinham em suas terras natais, pode também ser reproduzido na “moderna” cidade paulista, a partir de um espírito comunitário construído entre os iguais. Guariba nada mais é que diversos círculos, espaços sociais que eventualmente comunicam seus extremos (Bourdieu, 1989). Espaços sociais que, quando se encontram, se misturam ou se chocam, compartilham uma repulsa, que não advém apenas do grupo nativo, mas também do grupo “de fora”. Se o nativo deseja que o “de fora” não vá ao centro (o espaço social nativo), o “de fora”, por sua vez, evita ir ao centro e prefere manter-se nos espaços sociais que considera seu por direito, como o Bairro Alto.

Mas e os filhos dos “de fora”? A segunda e a terceira geração dos migrantes já nasceram em Guariba, e construíram suas identidades a partir dos modos de vida paulistas, guaribenses. Nem sempre aceitam que existe algum espaço social na cidade que não é seu por direito, afinal, eles são parte constituinte da mesma, e em alguns casos nunca compartilharam

ou presenciaram o modo de vida camponês de seus pais e avôs. No entanto, são incorporados em uma mesma, injusta e contraditória relação dialética: são impreterivelmente os “de fora”, mesmo que guaribenses natos, porque são negros e pardos, pobres ou moradores do Bairro Alto. É preciso tomar consciência de que esta “ausência” de identidade entre a segunda e a terceira geração de migrantes pode ter sérias conseqüências, como a participação deste grupo em atos violentos e criminosos ocorridos na cidade.

Como foi discutido no segundo capítulo, Elias & Scotson nos chamam a atenção para as contínuas humilhações que estas crianças e jovens, membros da segunda e terceira geração de migrantes, estão suscetíveis, já que suas auto-imagens e valores dependem do que os outros pensam e dizem sobre os seus pais. Concomitantemente, suas identidades também dependem da maneira como este grupo foi inserido na relação nativos/os “de fora”. Considerado “de fora” pelo nativo, este grupo sente que é (e de fato é) fruto de relações sociais, culturais e históricas *paulistas, guaribenses*.

Guaribenses natos, estas crianças e jovens sentem, com ainda mais força que seus pais, as discriminações que constantemente sofrem, por serem negros, por serem pobres, por serem moradores das periferias. E, assim como os nativos, procuram sua auto-identidade *atacando o outro* (Bourdieu, 1989). No entanto, já não usam uma violência simbólica, mas uma violência real, como os furtos, os roubos e o tráfico de drogas. Por serem representantes de uma auto-identidade anômica, igualmente reagem de forma anômica, e estas reações são prejudiciais tanto para os nativos quanto para os “de fora”. Alguns migrantes estabelecidos exprimem a sua opinião a este respeito:

E o senhor considera a cidade violenta?

Senhor Cícero - Ah, isso aí eu considero, né?

Por que?

Senhor Cícero - É, porque você pode ver que hoje em dia tudo quanto é bairrinho tem, tem um pouco de crime, né? É, porque você vê que em tudo quanto é bairro tem, não é só aqui, né? É tudo violento. E eu acho, no meu haver, que quando tirou os menor de trabalhar ficou pior, né? Isso influencia, porque se ele não tem dinheiro, influencia. Se ele vê um andando bem vestido, e ele não

tem daonde tirar, aí ele parte pra violência. Eu falo homem porque um rapazinho de 14 anos, pra mim é homem. É igual a menina de 14 anos, ela já tem formas. Então é o que acontece, se eles não tem daonde tirar, eles vão roubar. Porque com um salário mixo, qual é o pai que pode tratar de três, quatro filhos e dar conforto pra eles? Ganhando este salário mixo? Não dá, né? Então é donde vem muito a violência.

E o senhor acha que o Bairro Alto é mais violento?

Senhor Cícero - Não, não acho. Não acho porque lá pra cima tem pior do que aqui ainda.

Lá pra cima aonde?

Senhor Cícero - Ah, lá pela creche, aí perto da caixa d'água... Lá por aquelas ruas, que é mais povoado do que aqui, é donde sai mais os crime. Aqui é difícil, saber de alguém que matou aqui.

O senhor Cícero sugere que o impedimento que jovens filhos de migrantes têm em adquirir os símbolos da modernidade paulista, a qual são intrinsecamente parte, é um importante fator para o aumento da violência entre este grupo. Afinal, a corporalidade é parte fundamental das relações sociais, em especial nas sociedades modernas, onde toda e qualquer relação social é mediada por imagens (Debord, 1997). Há outro importante fator na fala do senhor Cícero: a localização da violência. Mais uma vez, a criminalidade é porosa, perpassa todos os ambientes de Guariba, ao mesmo tempo em que não faz parte de nenhum deles. A creche e a caixa d'água ficam a três quarteirões da casa do senhor Cícero, e embora já faça parte do Jardim Monte Alegre, é também considerado “morro” e João-de-Barro, como o Bairro Alto. O senhor Chico comenta a violência de forma muito semelhante:

Senhor Chico - É, todo esse trecho aqui era muito violento. Mas agora, ultimamente, graças a Deus tudo isso aí parou, parou. Porque agora tem a igreja, tem a segurança, porque agora passa sempre a segurança. Tô com 18 anos que moro aqui, e graças a Deus nunca ninguém levou nada de meu que tenho aqui.

E quando que era mais violento?

Senhor Chico - Ah, essa época eu não sei muito direito. Porque eu não tenho estudo, não tenho leitura, então é difícil marcar, né, as coisa, mas, desde quando eu cheguei aqui, mas depois que não é violento mais, não. Quem faz bagunça tá lá, mais pra cima, né? Mas agora parou, faz tempo que parou.

Mas então foi assim que o senhor chegou, que o senhor percebeu que aqui era meio violento?

Senhor Chico - É, mas eu não vi direito porque tive que criar tudo essas criança. A mãe delas morreu e eu tive que criar ainda era muito novo. Mas agora não acontece mais nada, não, desse lado da vila, não.

Em outros trechos de ambas as entrevistas, os depoentes sugerem que os migrantes temporários podem estar contribuindo com a “alta violência” existente na cidade:

Senhor Cícero - Bom, acho que o pessoal que vem aí de fora, eu não acredito... bom, eu não sei, porque no tempo que eu vim, naquele tempo tinha pouca gente, e tá certo que donde tem menos gente, você sabe, tem menos [violência]. Mas hoje em dia, eu não vou contra, porque hoje em dia toda a população tá demais. E acontece que esse pessoal vem bastante de fora e por aqui não arranja serviço. Tem muitos por aí que já não trabalha. Então cada vez mais a situação fica mais desgostosa mesmo. Acharam que o governo podia dar um jeito, pra ver se lá mesmo no estado deles havia um jeito de dar uma cobertura pra um serviço, uma vida melhor pra eles.

E o senhor acha que pelo fato de muitas pessoas virem pra cortar cana, isso pode trazer violência pra cidade?

Senhor Chico - Ah, cê vê, minha filha, tudo quanto é cidade tá procurando serviço pra cá! Veja onde é que tá Maranhão, tá aqui! O pessoal, as turma tão tudo vindo pra aqui!

E o senhor acha bom ou ruim?

Senhor Chico - Ah, filha, não sei! Às vez vem morar um monte de família, tudo junta, vem morar umas três... E logo passa reto. Tem uns aí que passa por aí calado, nem fala oi pra ninguém. [risos].

Mais uma vez é perceptível que uma identidade comum e coesa não existe entre migrantes estabelecidos e temporários, já que, embora representantes de um mesmo grupo “de fora”, são diversos em seus pensamentos, condutas, culturas e valores, e em busca de defesa pessoal atacam e culpam o outro. Assim também reagem quando procuram não relembrar a greve de 84, e com seus “não-ditos” (Pollak, 1989) evidenciam os medos, os estigmas e as discriminações que são constituintes desta manifestação:

E o senhor se lembra da greve que ocorreu na cidade?

Senhor Chico - [incisivo] Não, não.

Não?

Senhor Chico - Não.

O senhor não estava aqui?

Senhor Chico - Não. Às vezes até tava, mas eu não me arrecordo.

O senhor se lembra da greve dos trabalhadores rurais?

Senhor Cícero - [silêncio] Uai, cê sabe que no dia dessa greve, eu tava deitado aqui, ia trabalhar, tava cansado e tava descansando aí. Na hora que os policial veio aí, sabe que eu nem vi. Que disse que pediram mesmo pras turma entrar pra dentro e...

[A esposa do senhor Cícero, Dona Fátima, interrompe] Foram tudo entrando, pedindo pro povo entrar e pra fechar tudo as porta. A gente tava tudo cansado da roça, tava dormindo, pegaram eles e deram um “couro”! Pegaram uns menino lá embaixo, Nossa Senhora!

Senhor Cícero – É, porque tinha uns que xingavam eles demais, né? E xingavam... É, essas pessoa que não trabalha, vamo falar a verdade! Porque quem trabalha não vai atrás de bagunça. Então ninguém trabalhava e xingava demais. Então veio ordem [policial] por isso. Tudo as pessoa que eles via ele mandava entrar pra dentro. Quem não entrou apanhou! Mas tinha aqueles que eles pegava dentro de casa, e tinha aqueles que eles pegava e só batia.

Nossa, deve ter sido feia a coisa por aqui...

Senhor Cícero - Eu tava deitado e nem escutei... Só que eu sou uma pessoa assim: quando eu vejo que tem folia, eu saio fora [risos]. Eu não tava aqui.

Então o senhor não se lembra muito deste fato?

Senhor Cícero - Não, não lembro não.

Mas foi bastante triste?

Senhor Cícero - Eu não sei, eu não vi. Já teve bastante greve por aí, mas eu não vejo porque eu não participo. Se não é pra nós trabalhar, eu fico em casa. E acabou.

E a senhora tava aqui quando ocorreu a greve?

Dona Cipriana - [Silêncio]

Aquela greve grande que ocorreu há uns vinte anos atrás?

Dona Cipriana - [Silêncio]

Dona Dadá, mãe de Dona Cipriana, aposentada, negra, 101 anos – Ela tava. Tava que teve um tumulto...

Dona Cipriana – Olha, falam que mataram até gente, mas eu não tava. Inclusive aonde nós tá trabalhando, teve greve muito forte. Não chegou a machucar ninguém, mas foi muito forte. E hoje tão fazendo greve e amanhã vão fazer de novo [Cipriana e seu filho estavam em casa porque os trabalhadores pararam em uma greve. Antes de iniciar a gravação, ela se queixou e disse que esta greve foi organizada por maranhenses e que não concorda com ela]. Nós devia tá trabalhando.

A senhora falou que tem muito maranhense na greve...

[Silêncio. Dona Cipriana faz cara de desconfiada]

Dona Dadá – São tudo uns rapaz deste tamanho assim [mede, com a mão, um metro mais ou menos do chão. Os maranhenses realmente têm menor estatura. Neste momento todos riem].

Dona Cipriana – A gente fica muito “resistoso”, né? Cê para em uma greve, depois cê não pega mais usina nenhuma! Porque a primeira coisa que eles pega é seu nome!

Então a senhora tem medo de greve?

Dona Cipriana - Ah, eu tenho! Eu não mando ninguém fazer e peço pro meu filho não fazer também. Pra mim eu dava graças a Deus não ter greve! Porque só prejudica os outro no trabalho pra ganhar o sal!

A greve, como é visto, não é entendida enquanto um direito, uma alternativa para a melhoria das condições de vida e das relações trabalhistas, mas sim enquanto potencializadora de discriminações e de perdas de trabalho assalariado. Diante de possibilidades cada vez mais latentes de desemprego, independente do quanto ganha ou ainda do quanto é explorado, estar empregado é o suficiente. Nada deve ser reivindicado: é necessário “agradecer a Deus” pela oportunidade de um trabalho assalariado, praticamente inexistente nas cidades de origem destes homens e mulheres migrantes. É desta forma que os modos de produção capitalista garantem a continuidade e estabilidade de seu sistema.

Rosa Luxemburgo, já no início do século XX, trouxe à luz novas discussões e interpretações acerca da *reprodução do capital*, o fazendo de forma a inserir outros elementos à noção de reprodução do capital de K. Marx, vigente até o momento. De acordo com esta pensadora, o capital apenas garante os níveis de acumulação almejados quando importa força de trabalho existente em outras regiões, normalmente de economia pré-capitalista. Ou seja, o capital não consegue se reproduzir se utilizar apenas a força de trabalho existente nos limites de seu próprio espaço. Além disso, “o processo de acumulação originária não se refere somente ao início da era capitalista, mas o acompanha também nas fases de sua reprodução ampliada” (Moraes Silva, 2005:4).

Um século mais tarde, é possível perceber que Rosa Luxemburgo foi capaz de apontar para um dos mais importantes elementos existentes na reprodução do capital em sociedades de economia capitalista avançada, em tempos de um mundo cada vez mais dicotômico, dividido entre áreas de riqueza e miséria intensas. As desigualdades sociais, a riqueza de áreas capitalistas em detrimento à pobreza de áreas pré-capitalistas, são fundamentais para o desenvolvimento e reprodução do capitalismo em si.

No Brasil, não poderia ser diferente. Certamente encontramos as mesmas relações econômicas apontadas acima. O desenvolvimento econômico do interior de São Paulo, o mais rico estado do país, é garantido em especial a partir da produção, comercialização e exportação dos produtos originários da cana-de-açúcar, como o açúcar e o álcool. Não obstante, a economia açucareira assegura os seus altos índices de reprodução do capital utilizando-se de mão-de-obra barata, advinda das regiões pobres do país de onde estes migrantes vieram. Quando estes homens e mulheres se submetem a uma “migração temporária permanente”, ou ainda quando se estabelecem definitivamente nas terras em que migram, deixam de ser camponeses em regiões de economia pré-capitalista e tornam-se,

definitivamente, *peça fundamental* para o avanço da reprodução do capital em áreas de economia capitalista consolidada.

Quando voltamos os olhos para as tristes condições de vida existentes nos locais de origem destes migrantes, compreendemos o porquê da crescente e intensa migração de seus habitantes, como também a relação riqueza/pobreza exposta acima: No Maranhão, por exemplo, 68,42% dos seus 5,6 milhões de habitantes são de miseráveis que vivem com até R\$ 80,00 por mês (o maior índice percentual do país); dos 100 municípios mais pobres do país, 83 estão no Maranhão; de cada mil bebês nascidos no Maranhão, 42 morrem antes dos cinco anos (maior taxa de mortalidade infantil entre os estados brasileiros); 50,3% da população maranhense não tem acesso à água encanada; 39,8% das casas no Maranhão não possuem banheiro; 35,2% dos maranhenses com mais de 10 anos são analfabetos⁵⁵.

No entanto, quando optam pela migração, nem sempre estes homens e mulheres melhoram consideravelmente suas condições de vida. Passam a ser triplamente marginalizados: *economicamente*, quando inseridos em um modo de produção capitalista exploratório, *geograficamente*, quando habitam as periferias pobres e de precária infraestrutura nas cidades que os acolhem, e *socialmente*, quando fazem parte da injusta relação nativos/os “de fora”.

Frente aos estigmas do grupo nativo a que estão submetidos, percebemos que os “de fora”, por serem um grupo heterogêneo, têm reações diversas e multifacetadas, que podem ser divididas entre três subgrupos: os “de fora” migrantes sazonais, isolados em suas próprias pensões e bicos, os “de fora” migrantes estabelecidos em Guariba há décadas, que conquistaram as ruas e espaços de seus bairros periféricos, e os “de fora” pertencentes à segunda e terceira geração de migrantes, que por se considerarem (e serem) cidadãos

⁵⁵ Fonte: FGV, IBGE e Universidade Federal do Ceará. In: Jornal Correio Popular, Caderno Cidades, p. A4. Campinas, 16 de outubro de 2005. Agradeço à Profa. Dra. Tânia Pellegrini, que tornou possível o acesso a estes dados.

guaribenses, entendem que todos os espaços da cidade são seus por direito, e por isto estão mais expostos às relações de violência.

Finalizamos este capítulo chamando a atenção para um importante aspecto: Comumente conhecidos como *excluídos*, na verdade estes migrantes estão absolutamente *inseridos* nos processos de produção capitalista, como também nas relações sociais e culturais das cidades-dormitórios, onde procuram a sobrevivência. No entanto, em ambos os casos, os trabalhadores rurais migrantes estão em desvantagem: como já sabia Rosa Luxemburgo há pelo menos um século, para eles sobraram os serviços pesados e os estigmas, típicos das nossas sociedades capitalistas.

O próximo capítulo dedica-se à apresentação dos registros visuais produzidos ao longo do desenvolvimento desta dissertação. Propõe-se também a analisar o papel dos mesmos na contemporaneidade, em que muitas vezes uma fotografia apresenta reflexões, análises e discussões inexistentes sem a presença da mesma. Apreciemos, enfim, as *revelações visuais*.

Galeria de Fotos

CAP. IV – Galeria de Fotos

4.1 Fotografia: escrever com a luz

De acordo com Susan Sontag (2004), filósofa dedicada às reflexões sobre a arte de fotografar, a fotografia é um dos mais misteriosos objetos que compõem o ambiente moderno. Isto porque a foto vai muito além de um pedaço de papel, ou mesmo de uma manifestação puramente artística: a foto é, essencialmente, uma experiência capturada, o objeto de uma consciência.

Quem fotografa pode, com o seu ato, apropriar-se daquilo que é fotografado, porque a imagem fotografada não parece uma manifestação, uma expressão ou interpretação daquilo que se fotografa, mas sim um pedaço sólido do mundo, algo que, com todos os seus traços, linhas e cores, realmente fez ou faz parte de uma realidade concreta. Talvez por isso as imagens fotografadas deixaram muito cedo de ser entendidas enquanto manifestações artísticas para se tornarem, definitivamente, um *registro*, um testemunho dos fatos, do tempo e do espaço.

Para uma reflexão sobre o papel da fotografia nos tempos modernos, é fundamentalmente importante incluir as categorias tempo e espaço nestas reflexões. A fotografia mantém uma relação intensa com o tempo: ela o testemunha, ao mesmo tempo em que o congela. Ela o representa e o denuncia, porque é a mais pura evidência da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade daquilo que é fotografado. Ou seja, ela retrata as duras manifestações do tempo, exercidas sobre todas as coisas e pessoas, mas que ficam ainda mais claras quando essas mesmas coisas e pessoas são fotografadas. Por outro lado, o tempo também sabe exercer sua força sobre a fotografia, já que, à medida que vai passando, muda a condição e a carga emocional existente em uma imagem fotográfica. Desta forma, uma fotografia do século passado traz à tona diferentes sentimentos na contemporaneidade do que aqueles ocasionados quando ela foi revelada.

Com a categoria espaço, a fotografia também estabelece relações profundas. Afinal, o “enquadramento” de uma foto não é arbitrário. Assim como enquadramos as nossas memórias e determinamos aquilo que deve ou não ser lembrado (Nora, in: Pollak, 1989), determinamos também quais espaços devem ser preenchidos pelos ângulos da fotografia, quais deles são dignos de se tornarem registros, quais deles devem ou não ser rememorados. Há ainda uma segunda interessante relação estabelecida entre o espaço e a fotografia: Esta dobra as imagens e os espaços do mundo e passa uma idéia de acessibilidade que muitas vezes não condiz à realidade. “Ao munir este mundo, já abarrotado, de uma duplicata do mundo feita de imagens, a fotografia nos faz sentir que o mundo é mais acessível do que é na realidade” (Sontag, 2004: 34).

Em geral, aquilo que é digno de se fotografar é considerado um evento justamente por conta das relações que a fotografia exerce com o espaço e o tempo. No entanto, não é a fotografia em si que identifica e determina o que é ou não um evento, mas sim a ideologia existente nas entrelinhas daquilo que foi “escrito com a luz”, na *photo – grafia*. Sem uma relação com o espaço e com o tempo e, principalmente, sem uma visão política, a foto perde totalmente seu significado. Desta forma, olhar as fotos a seguir requer uma preocupação cuidadosa em relacioná-las com o tempo e o espaço em que foram tiradas, como também com o que a caracterizam enquanto um *evento*, ou seja, quais revelações políticas elas podem nos oferecer.

Qual o significado de um portão fechado? Se for o portão de uma pensão de migrantes temporários no Bairro Alto, pode significar a pobreza existente dentro deles e que fica invisível para os olhares nativos. Se estiver no centro de Guariba, pode significar uma “cultura do medo” entre o grupo nativo que, constantemente inseguro, se fecha para as conseqüências de sua própria violência simbólica (Bourdieu, 1989). Portas enfileiradas são muito mais que portas: são lares, muitas vezes mais valorizados pelos seus moradores do que

as suas antigas casas de choça. Milhos plantados em um terreno de poucos metros quadrados não são apenas parte de um “quintal”. Se estão nos fundos de uma pensão de migrantes, podem significar um resgate a antigos valores culturais e sociais, assim como um porta-retratos na sala, ou ainda as bandeirinhas representantes da festa junina. Por outro lado, a televisão, o aparelho de som ao lado da rede de dormir, os óculos escuros e tantos outros símbolos do moderno, denunciam um não só existente, mas inevitável hibridismo de culturas daquilo que foi fotografado.

E as cercas de madeira da periferia em comparação com as cercas elétricas dos bairros nobres? Elas demonstram que não só o tradicional e o moderno se encontram, se misturam ou se chocam, mas também a riqueza e a miséria intensas. Elas demonstram que a insegurança, o individualismo e a introspecção são elementos que podem existir e serem compartilhados tanto entre ricos quanto entre pobres.

Enfim, as fotografias, quando contextualizadas de forma adequada, levando-se em conta as suas representações políticas e sociais, podem nos revelar fatos e detalhes que vão muito além das palavras escritas. Não obstante, as fotografias, com seus enquadramentos, luzes, cores e elementos contidos, podem revelar muito sobre aquele que está fotografando, quais mensagens e aspectos do mundo real foram por ele escolhidos para o registro visual, o que, afinal, suas fotografias querem *revelar*. “A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: ‘Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto’” (Sontag, 2004: 33). Portanto, esta é a Guariba que visualizamos e que podemos reter, armazenar. Por ser passível às transformações do tempo, esta mesma Guariba pode, e talvez deva, transformar-se. No entanto, jamais poderá deixar de conter os aspectos de seu presente, não porque este foi revelado pela fotografia, mas porque, certamente, ele será parte intrínseca de seu futuro.

Essas são as fotografias: uma associação a vários aspectos e categorias de nossa sociedade, como a modernidade, o tempo, o espaço, as representações políticas, sociais, culturais. A fotografia está também associada àquele que *a constrói*. Não obstante, pode estar associada àquele que *a observa*, e esta é uma de suas capacidades mais importantes: Ela retrata a realidade dos outros para, enfim, retratar a nossa própria realidade, que muitas vezes, sem ser passível a uma comparação, permanecia oculta.

4.2 – Migrantes Temporários⁵⁶



Figura 1 - Portões das pensões dos migrantes temporários no Bairro Alto, que permitem que a pobreza existente dentro deles fique invisível para os olhares nativos: “É, acho que o contato aqui é pouco, porque a gente mesmo não sai, né? Chega do trabalho, às vezes já de noite, cansado, e vai se acomodar. A não ser fazer alguma comprinha no mercado...” (Fogoso, maranhense, negro). (2004).



Figura 2 - Pensões de migrantes temporários por dentro, no Bairro Alto (2004).

⁵⁶ Crédito das fotos: Francisco Barnabé Ferreira (2004) e Andréa Vettorassi (2005).



Figura 3 - Cada porta ilustrada na foto representa um quarto. Em cada quarto reside uma família de migrantes temporários. O banheiro, a cozinha e a área de serviço (um tanque de lavar roupas) são coletivos. Atualmente, Guariba recebe migrantes maranhenses e piauienses, mas já recebeu mineiros, baianos, paranaenses e pernambucanos (2004).

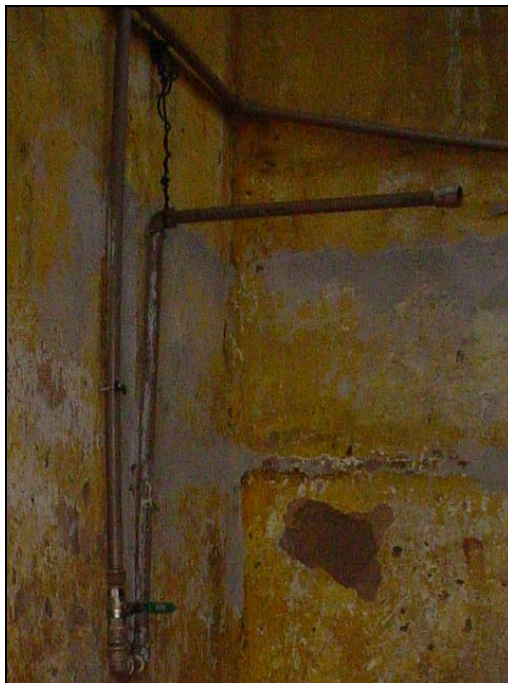


Figura 4 - “Chuveiro” de um banheiro coletivo, no Bairro Alto (2004).



Figura 5 - A pia da “cozinha” e o tanque de lavar roupas ao lado do banheiro.

Não raro, as pensões que abrigam os migrantes temporários têm condições degradantes, propícias à disseminação de doenças e com precária estrutura física (2004).

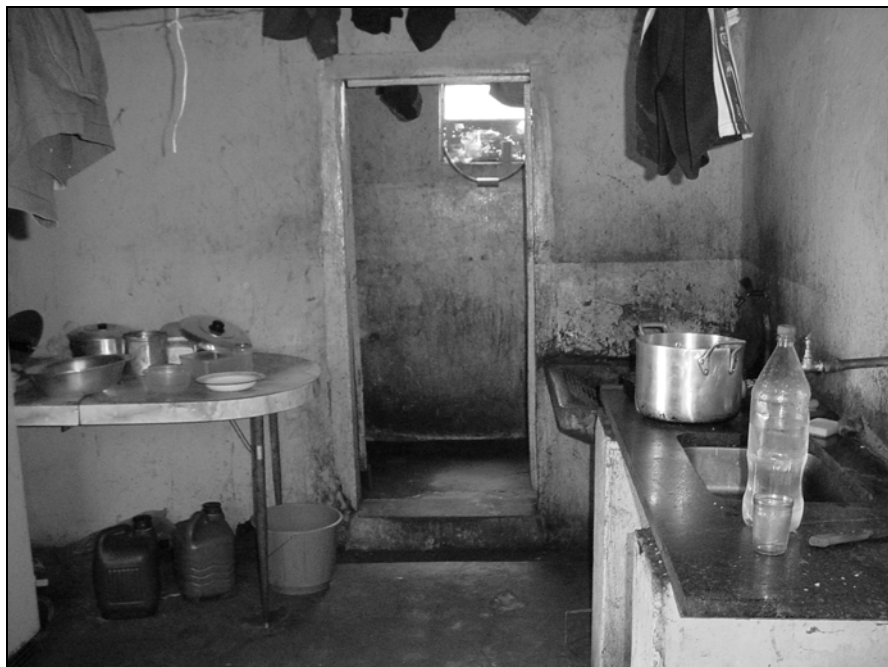


Figura 6 – Pensão de migrantes temporários na Vila Jordão, onde vivem 10 maranhenses: “Nós faz duas safras no correr do ano. Aqui é a do dinheiro, e a de lá é a despesa da casa. Nós não pára, continua, né?” (Fogoso). (2004).



Figura 7 – Pequena roça nos fundos da pensão da Vila Jordão, onde os maranhenses plantaram alguns pés de milho (2004).



Figura 8 – Na mesma pensão, um armário improvisado. Cada morador desta pensão tem seu próprio varal com as roupas estendidas: “O cara chegou [no Maranhão] com três conto em quatro meses, cinco meses, até (...) O cabra tá melhor, né? O cara vem pra não levar a gente porque lá [em São Paulo] é bom demais. Mas não conhece, né?”
(Fogoso). (2004).



Figura 9 – A rede continua sendo utilizada para dormir. O aparelho de som, comprado em São Paulo, será levado para o Maranhão. Em meio à “modernidade” paulista, um forro de lona na pensão guaribense, para segurar a água que escorre do telhado, denunciando uma pobreza *relativa* (2004).



Figura 10 – Visão Empreendedora: Fogoso vende refrigerantes para os outros trabalhadores no corte da cana, que preferem o refrigerante à água por acreditarem que este dá mais energia por conter açúcar. (2004)



Figura 11 - A Televisão: importante instrumento de vinculação do modo de vida moderno e um “fetiche” entre os migrantes (2004).



Figura 12 - Ligação Improvisada: estratégias em uma pensão no Bairro Alto que estava há mais de uma semana sem luz (2004).



Figura 13 – Na mesma pensão a água, que também estava desligada, passa a ser armazenada em garrafas tipo *pet*. (2004).



Figura 14 - “Ah, [migrei por] falta de emprego. Nós não tinha casa pra nós morar” (Lindalva, maranhense). (2004).



Figura 15 - Lindalva relata que a choça (casa de madeira e barro) onde morava no Maranhão não era “casa”, e que agora ela vive em uma “casa de verdade”, em Guariba, onde paga aluguel e não tem água e luz (2004).



Figura 16 - *E energia elétrica, vocês têm [em Morro Branco]?*
Francisco, maranhense, pardo – [demonstrando orgulho] Nós tem.
E água?...
Francisco – Água, é... aquela dada por Deus, do brejo! (2004).



Figura 17 - Sobre os meios de sociabilidade:

Fogoso - Ah, às vezes nós dorme onze horas, depende de alguma coisa que tiver passando em alguma televisão aí...

O que o senhor gosta de assistir na TV?

Fogoso – Tudo. Novela, tudo o que pode passar de bom a gente dá uma olhada nela aí junto! [...] É, nós vamos ver daqui a pouco vai passar a novela aí, então a gente entra nesse quarto aí e entope. (2004).



Figura 18 - Maranhenses no Crochê: espaço de sociabilidade em comum entre as mulheres migrantes, que raramente saem das pensões quando seus maridos estão no corte da cana (2004).



Figura 19 - “Os conterrâneo fica assim tudo orgulhoso da gente, fica tudo curioso pra saber como que foi, se a gente se deu bem, se a gente se deu mal, se a gente conseguiu mesmo alguma coisa, se a gente quer voltar de novo, é assim, né?”
Maria de Jesus, maranhense, parda (2004).



Figura 20 – Maranhenses em uma pensão do Bairro Alto, logo após um dia de trabalho. Usam boné, óculos escuros (nas mãos) e relógio. (2004).



Figura 21 - Fogoso é o único morador de Morro Branco – MA que já tem televisão em sua casa, que virou espaço de sociabilidade da comunidade. “Então, é aí onde tá o mistério, nós vêm pra cá, a gente chega com um trocado, né? É, você chega daqui, o cara tem outro critério, né? ‘Olha, o cara chegou cheio do troco, né?’ (risos)”. Ainda assim, não voltou para a safra de 2005, e chegou a mencionar em seu depoimento que este era seu desejo, já que estava muito cansado com o trabalho no corte da cana e preocupado com as constantes dores no peito que sentia (2004).



Figura 22 – Toninho Branco e Fogoso, em pensão na Vila Jordão (2004).



Figura 23 - “Ah, aqui é o tal do xote, lá não, é... forró mesmo! O forró daqui eu não gosto não, eu acho feio demais! [...] Parece que as mulher de Guariba não quer maranhense!” (Francisco, 19 anos, filho de Fogoso). (2005).



Figura 24 - “Forró Dance” do “DJ” Maluco: os CD’s de Francisco, com o “verdadeiro forró maranhense”, foram comprados na rodoviária de Ribeirão Preto (2004).



Figura 25 - “Acho que o povo antigo maranhense tem a mentalidade diferente, né? Têm outro pensar, eles não querem ficar desgrudados uns dos outros, sabe? Nem que esteja passando mal, mas querem ficar sempre juntos, né?” (Maria de Jesus). (2004).



Figura 26 - Acidente de Trabalho: “Ah, eu quero que seja a última volta. Eu não sei se é a última, mas eu quero que seja” (Toninho Branco). (2004).



Figura 27 – Punho calejado pelo corte da cana-de-açúcar (2004).



Figura 28 - Suplementos alimentares oferecidos pelas Usinas para agüentar a lida diária (2004).



Figura 29 – Instrumentos de trabalho (2004).



Figura 30 – Maria do Socorro, que estava grávida de quatro meses (2004).
“Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o imigrante situa-se nesse lugar “bastardo”, [...] a fronteira entre o ser e o não ser social” (Bourdieu. In Sayad, 1998).

4.3 Migrantes Estabelecidos



Figura 31 – Rua São José, a mais importante do Bairro Alto, que foi asfaltada em 2001 (2005).



Figura 32 – Travessas do Bairro Alto (2005).



Figura 33 – Bares típicos do Bairro Alto, normalmente o único vínculo de sociabilidade entre os moradores do bairro (2005).



Figura 34 – Ruas do Bairro Alto, em que diariamente trabalhadores rurais voltam das lavouras de cana-de-açúcar (2005).

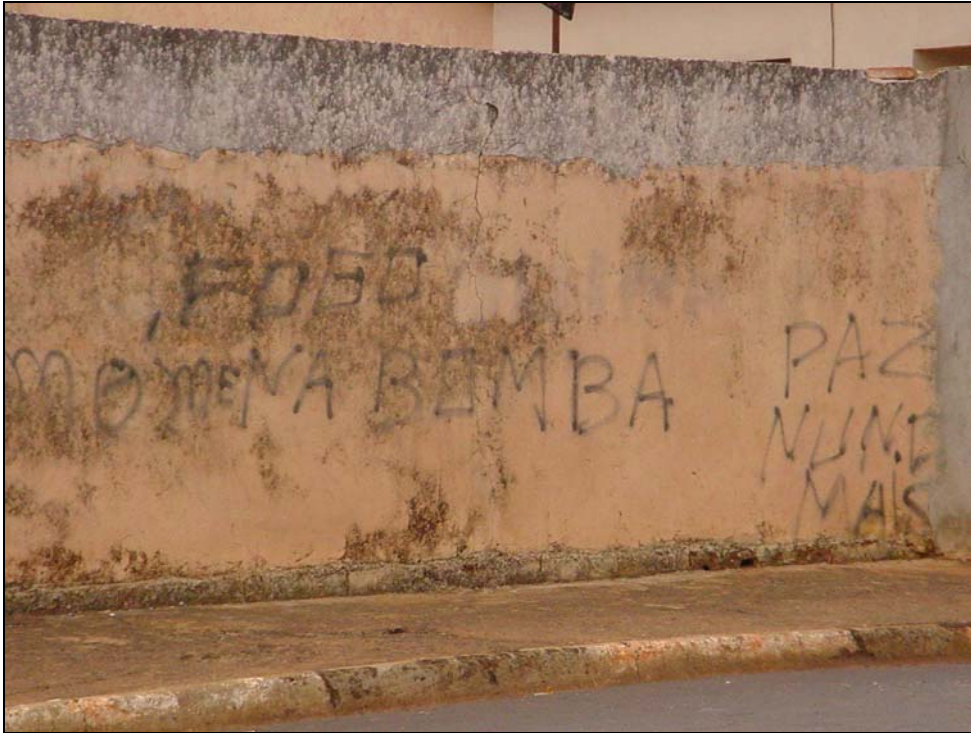


Figura 35 – Muro no Jd. Monte Alegre, pichado com as frases “fogo na bomba” e “paz nunca mais”, denuncia possíveis conflitos existentes nestes espaços. De acordo com alguns entrevistados, a rua onde este muro está localizado já foi bastante violenta, e ali algumas “gangues” se formaram e atuaram, como a do mineiro Aílton, muito conhecido em toda a cidade e que morreu na década de 90 (2004).



Figura 36 – Casa de Dona Cipriana, que foi desenhada por ela em seu mapa afetivo (2005).



Figura 37 – Árvore que teve destaque no mapa afetivo de Dona Cipriana (2005).



Figura 38 – Filha e neto de Dona Cipriana, membros da segunda e terceira geração de migrantes (2005).



Figura 39 – Senhor Cicero e sua esposa (2005).

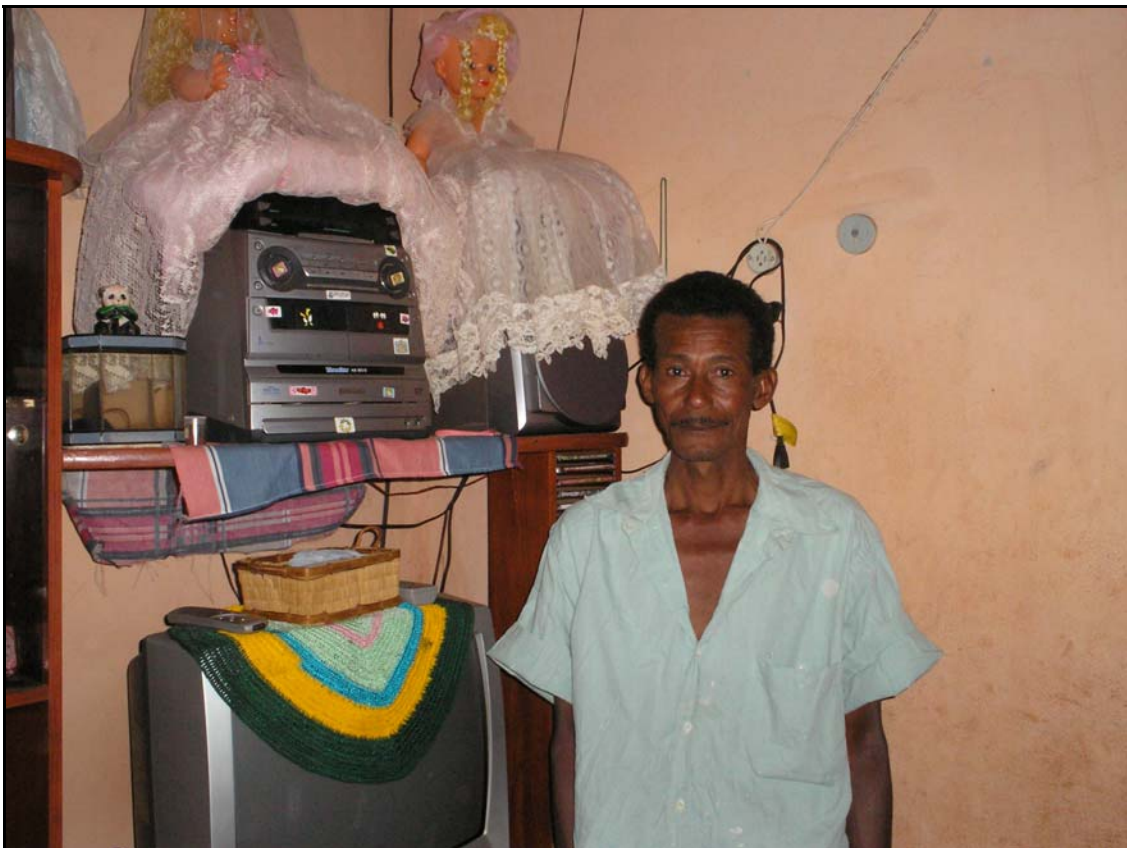


Figura 40 – Senhor Chico em sua casa, no Bairro Alto (2005).



Figura 41 – Casas típicas do Bairro Alto (2005).



Figura 42 – Casa de Robi e Dona Miúda, que foi retratada por Dona Miúda em seu mapa afetivo (2005).



Figura 43 – Dona Miúda e Robi (2005).



Figura 44 – Nora e neta de Dona Miúda e Robi, pertencentes à segunda e terceira geração de migrantes (2005).



Figura 45 – Dona Miúda desenhando seu mapa afetivo. Quando percebeu que seu marido Robi havia desenhado um mapa aéreo, bastante diferente do seu, ficou envergonhada (achando que seu mapa estava “errado”) e preferiu não continuar seu desenho (2005).



Figura 46 – Porta-retratos improvisado na sala de Robi e Dona Miúda, com fotos 3x4 de amigos e parentes de Itaobim – MG (2005).



Figura 47 – Foto de Itaobim – MG na sala de Robi e Dona Miúda. Na frente estão seus filhos (2005).



Figura 48 – Curioso colante na sala de Dona Miúda e Robi, com a expressão “eu amo Guariba”. Dona Miúda – “Eu acho que já me acostumei aqui [Guariba], né, chegando lá [Itaobim - MG] eu não costumo mais não, né? [...] Aí eu não quero ficar mais lá. Falei que fico aqui e que quero morrer aqui. Eu acho que eu morro aqui.” (2005).



Figuras 49 e 50 – Bandeirinhas de festa junina que Robi pendurou em seu quintal. Sobre as festas de São João em Itaobim, Robi relatou: “Nós ia rezar o terço, depois do terço levantava a bandeira, depois da bandeira ia dançar todo mundo! Aquele estandarte feito de folha, de mato, assim, da rama do mato, aí pega, enfia numa chapeia de coqueiro, pega de qualquer ramo verde e põe pra cima assim, ó, e faz as fogueira bonita! E é bonito lá! Quase todo ano eu ia, só que faz uns três anos que eu não vou, que eu não fui mais, né? Porque eles não deixa a gente ir, e a gente ia fugido da Usina, né? Às vez eu pedia pra eles da Usina, às vez eu ia sem falar... Quando chegava eles chamava a atenção, né? Porque que eu tinha sumido aqueles 14 dias, 13 dias... aí eu falava “não, eu tinha uma pessoa minha doente lá em Minas, eu fui...” Mas eu fui foi dançar! [risos] É, ué! Fui dançar, fui rezar, fui gritar, cantar e dançar! Eles gosta quando eu chego lá, se eu não for, Deus me livre, é um sentimento!” (2005).



4.4 Ruas e Casas do Centro da Cidade



Figura 51 – Rua Rui Barbosa, a “rua do comércio” no centro da cidade (2005).



Figura 52 – Travessas no centro da cidade (2005).



Figura 53 – Rua Antônio Albino onde, em 1984, trabalhadores rurais entraram em confronto com a polícia local e a Tropa de Choque do governo da época. À esquerda estão localizados a Pastoral do Migrante e o campo de futebol onde um metalúrgico aposentado foi morto por uma bala perdida. À direita está localizada a praça da igreja matriz (2005).



Figura 54 – Igreja matriz, um dos palcos dos conflitos de 1984 (2005).



Figura 55 – Estádio municipal na Rua Antônio Albino. Nestas escadarias, em 1984, o metalúrgico aposentado Amaral Vaz Melone foi morto por uma bala perdida (2005).



Figura 56 – Delegacia de Polícia de Guaribá (2005).



Figura 57 – Antiga cadeia da cidade, na década de 50. Os dois homens em pé, no centro, eram prisioneiros. Nas extremidades, em pé, antigos policiais da cidade. Agachados, curiosos que se divertiam tirando fotos com os prisioneiros (foto cedida por Seu Vítor).



Figura 58 - Fórum da Comarca de Guariba (2005).



Figura 59 – Principal praça da cidade, que o trem atravessava até 1969 (2005).



Figura 60 – Coreto e chafariz na principal praça da cidade, onde todos os domingos shows são promovidos e refrigerante e algodão doce são distribuídos gratuitamente. Membros da segunda e terceira geração de migrantes, de acordo com as entrevistas, participam assiduamente destes eventos, o que causa desconforto para os nativos, que em geral, nos finais de semana, viajam para outras cidades da região, como Ribeirão Preto – SP e Jaboticabal – SP, em busca de lazer nos shoppings (2005).



Figura 61 – Carroça do senhor João, no centro da cidade, representativa de um modo de vida tradicional existente também entre os nativos (2005).



Figura 62 – Aposentado nativo, que diariamente leva uma almofada para a praça principal e ali passa as tardes sentado, conversando com os velhos amigos (2005).



Figura 63 – Homens no jogo de damas, na principal praça da cidade. Este é um dos meios de sociabilidade entre os nativos (2005).



Figura 64 – Casa de Dona Tereza, na Rua Sampaio Vidal, centro da cidade (2005).



Figura 65 – Cacos de vidro em muros de uma casa no centro da cidade (2005).



Figura 66 – Grades altas em casas no centro da cidade (2005).



Figura 67 – Cercas elétricas em uma casa no Jd. Boa Vista, bairro nobre da cidade (2005).



Figura 68 – Janelas que foram fechadas com concreto no centro da cidade.

“Ah, aqui é só vidro fechado. Tranca janela, porta, tudo. Antigamente, quando você podia dormir com as janelas abertas... Antigamente eu quero dizer uns vinte anos atrás... A gente deixava janela aberta, deixava cadeira lá na área. Ficava no quintal à noite e era normal... Se você quisesse até dormir com a porta aberta, não tinha problema nenhum. Mas depois que começou esta migração... foi aí que começou este problema, tá um perigo. Aqui, uma hora, duas horas da tarde, você já tem que trancar tudo. Que eles não escolhem mais horário pra entrar na sua casa. Tanto faz se é de dia, de noite... E isso é geral, não é só aqui no centro.”
(Depoimento de Carla, branca, nativa). (2005).

À Guisa de Conclusão

À Guisa de Conclusão

Espaços Divididos. Espaços Silenciados. Divididos entre a pobreza e a riqueza, o desejável e o indesejável, o moderno e o tradicional, os nativos e os “de fora”. Silenciados entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, as lembranças oficiais e as lembranças subterrâneas. Estas são as dicotomias encontradas na pequena cidade de Guariba, que com um pouco mais de cem anos de História, percebe-se assim, significativa representante da pobreza *relativa* do interior paulista e das contradições de nosso contexto social.

Como vimos, em Guariba o campo e a cidade já interagem com intensidade em fins do século XIX, com o advento da economia cafeeira que apenas cessou em 1929. As plantações de café foram rapidamente substituídas pela cultura da cana-de-açúcar, que também mantém na contemporaneidade a interação campo-cidade, mas a faz de forma muito particular: o campo já não é mais morada e subsistência, estando absolutamente inserido na lógica de produção capitalista que envolve donos de terra e empregados.

Neste contexto, os centros urbanos, que sobrevivem do setor sucroalcooleiro, assistem às profundas transformações econômicas, políticas, culturais e sociais propiciadas pelos tempos modernos. A migração é, afinal, parte intrínseca desta avassaladora modernidade, quer do ponto de vista econômico e político, quando possibilita a riqueza de um espaço em detrimento à pobreza de outros, quer do ponto de vista social e cultural, quando propicia o encontro e a interação dos mais diversos pensamentos, culturas e valores, que não raro mesclam o que para uns é tradicional, para outros é absolutamente moderno, e o que para a comunidade guaribense tornou possível a criação e propagação da relação nativos/os “de fora”.

Não obstante, é necessário ressaltar que Guariba, a nosso ver, é apenas um ponto de vista micro de choques culturais e econômicos ocorrentes em todo o mundo

contemporâneo e moderno. Ela estreita seus laços sociais com a França, por exemplo, que em setembro de 2005 assistiu aos mais diversos atos de violência desmesurada, resultados das frustrações inconformadas de jovens migrantes moradores dos subúrbios parisienses, e que certamente sofrem lá as mesmas incertezas e discriminações existentes no pequeno centro urbano guaribense: são as guerras cotidianas, que representam os novos valores da modernidade, valores que globalizam, inclusive, as desigualdades.

A modernidade, há décadas, vem sendo pensada como uma ameaça a todo tipo de história e tradições, e assim a é para a maior parte dos autores utilizados nesta dissertação. Marx & Engels (1998), ora exaltando, ora criticando as conseqüências de uma modernidade embrionária, acusam muitas de suas características perversas, tais como a alienação do trabalho, a mais-valia, a ideologia (tão fruto dos tempos modernos!) ou ainda o fetichismo da mercadoria. Assim como Marx & Engels, Guy Debord denuncia com a alma uma “sociedade espetacular”, e, portanto, surpreendente e enorme em suas proporções. É também a sociedade das máscaras, das representações, lugar onde as essências são pouco vistas ou valorizadas. É a “casca”, o que está do lado de fora, o que torna-se realmente significativo.

Georg Simmel, assim como Debord, percebe que nas relações sociais das grandes metrópoles, todos os aspectos da vida cotidiana permeiam e são constituídas daquilo que está “para fora”, ou seja, do dinheiro, da moda, da mídia e tudo o mais que possa ser calculado, quantitativo. Nem sempre simpático aos novos fenômenos da vida moderna, porém imbricado neste turbilhão de novas idéias e valores, Simmel conclui que não cabe à nossa efêmera existência acusar ou perdoar as relações sociais modernas, senão compreendê-las (1987: 28).

Berman, assim como Simmel, faz um balanço positivo da modernidade, já que não a enxerga como uma ameaça à história e às tradições, mas como uma variedade de histórias e tradições próprias (1986: 16). De fato, percebemos as novas relações sociais,

culturais e econômicas dos homens e mulheres que há décadas vêm migrando para as cidades do interior paulista. Estas relações são frutos das novas histórias e tradições modernas, e não devem ser vistas de forma negativa. Não há porquê impedir que estes trabalhadores “modernizem” seus modos de vida, e isto nem mesmo seria possível. No entanto, esta modernização do homem do campo que “opta” pela migração é feita com bases exploratórias, discriminatórias e desiguais.

Por outro lado, é possível crer que a migração e os choques sociais por ela propiciados são características exclusivas das sociedades modernas? Ao mesmo tempo em que percebemos que as análises levantadas neste estudo representam condições históricas e sociais globalizadas, percebemos também que exprimem valores de muitas outras sociedades, bem mais antigas que a nossa. Na Roma antiga, por exemplo, os habitantes da cidade viam com maus olhos os homens camponeses, que eram considerados grosseiros e agressivos. As *vilas* eram as casas situadas fora do perímetro urbano e habitadas por esses homens do campo. Com base neste termo, surgiram as palavras *vilão* e *vilania*. Da mesma forma que as palavras *estrangeiro* e *estranho* têm, no português, a mesma raiz (Konder, 2002). Os termos da linguagem, como os aqui representados, põem a nu os valores das sociedades que os criaram. Eles revelam os desejos e pensamentos subterrâneos, assim como os preconceitos e as ambigüidades. É por isto que, de acordo com Konder (2002), a linguagem apresenta manifestações *ideológicas*, pois não é imune à sua pressão deformadora. *Vila*, *vilão* e *estranho* foram e são palavras cotidianamente propagadas entre a comunidade guaribense. Além de tantas outras que marcam os valores da ideologia nativa, tais como morro, moreno, João-de-barro, gente que não é daqui, gente de fora. Como reagir aos valores e ideologias refletidos nas palavras, nos gestos, nas relações?

Certamente esta dissertação não contém muitas soluções para a questão acima. Quanto mais respostas são encontradas, novos são os questionamentos! Talvez por isto, parte

do espaço das considerações finais é reservada para “o que ainda está por vir”. Afinal, muitas são as perguntas sem respostas, e algumas delas devem ser destacadas. Por exemplo, pesquisas empíricas, como as realizadas por Moraes Silva (1999a), revelam que a dialética relação entre os moradores mais antigos e os recém-chegados migrantes existe e é facilmente perceptível em toda e qualquer cidade-dormitório do interior paulista. No entanto, esta mesma relação é única e peculiar a cada campo social analisado. Em Serrana – SP, por exemplo, grupos migrantes advindos de Raimundo Nonato, cidade do interior do Piauí, conseguiram estabelecer entre si um alto poder de coesão, jamais visto entre os grupos migrantes de Guariba. Conquistaram, entre outros direitos, melhorias em suas moradias e bairros, um ônibus interurbano que semanalmente sai de Serrana com destino a Raimundo Nonato, e a eleição de um vereador representante desta comunidade⁵⁷. Certamente, um maior ou menor grau de coesão entre os grupos migrantes interfere nas relações que estes mantêm com os outros grupos sociais da cidade. Conseqüentemente, pode interferir nas relações conflituosas, hierarquizadas e estigmatizadas, existentes entre os dois grupos.

É necessária, portanto, uma análise comparativa entre as diversas cidades do interior paulista que recebem migrantes, e que procure desvendar até que ponto a variável *coesão* transforma a relação nativos/os “de fora” e a vinculação que esta tem com a *criminalidade*, por exemplo, outra variável que merece particular cuidado e atenção. É necessário investigar e compreender, à luz das relações existentes entre nativos e os “de fora”, o grau de inserção e de relações sócio-econômicas e culturais dos migrantes e seus descendentes a partir da variável criminalidade, ou seja, a partir da participação destes atores sociais nos atos criminosos das cidades paulistas. Em Guariba, vimos que a idéia de que o migrante é o maior responsável por estes atos criminosos não corresponde ao que o levantamento quantitativo feito a partir dos processos criminais nos sugere. É, portanto,

⁵⁷ Informações obtidas por agentes da Pastoral do Migrante, em setembro de 2005.

significativo entender de que forma a relação dialética nativos/os “de fora” está presente nos processos criminais de Guariba, assim como as relações horizontais (entre os próprios migrantes e seus descendentes). Ou seja, é possível trazer à tona os diferentes padrões de conduta existentes nas relações verticais e horizontais, utilizando e analisando os processos criminais, como também os mesclando às entrevistas e outros métodos sugeridos pela História Oral, para que as análises não se restrinjam à ótica do Direito Positivo. Estes foram, enfim, os primeiros questionamentos que, muito antes das primeiras pesquisas de campo, buscávamos desenvolver neste trabalho. Mas como, na maior parte das vezes, é o objeto de pesquisa quem nos escolhe e nos envolve em uma gama de novas possibilidades, outras perguntas pareciam mais urgentes, instigantes e até mesmo necessárias, como se o pano de fundo das violências simbólicas, atrás do palco de violências reais, precisasse ser desdobrado.

Ademais, é necessário destacar aqui a importância do trabalho realizado pela Pastoral do Migrante de Guariba, não apenas no desenvolvimento desta pesquisa, mas em todo o contexto político e social em que ela foi escrita. Foi a Pastoral quem recebeu e divulgou, a partir de 2004, informações sobre casos de mortes de trabalhadores migrantes empregados no corte da cana em usinas do interior paulista. Foram ao todo onze casos entre os anos de 2004 e 2005, sendo que seis trabalhadores eram mineiros, dois baianos, dois maranhenses e um pernambucano. Dois deles residiam em Guariba. As evidências nos sugerem que estes trabalhadores morreram por “overdose de trabalho”, já que sentiam náuseas e dores de cabeça durante o trabalho no corte da cana e, ao serem levados ao hospital, já chegavam mortos. Possivelmente estes incidentes não ocorreram e ocorrem apenas nos dias de hoje, já que tantos outros, desde a década de 80, vêm “morrendo de tristeza”, como disse em seu depoimento a trabalhadora rural Cipriana.

Estas denúncias chegaram ao Ministério Público, que apura, através de audiências públicas, as violações que estas mortes significam aos direitos trabalhistas. A

Relatoria Nacional para os Direitos Humanos à Alimentação Adequada, à Água e à Terra Rural e a Relatoria Nacional para o Direito Humano ao Trabalho, que integram o projeto Relatores Nacionais, coordenado pela Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais, com o apoio da ONU realizaram, ao longo do mês de outubro de 2005, duas missões na região canavieira paulista, com a finalidade de investigar as circunstâncias e causas das mortes dos cortadores de cana. Frentes de trabalho foram organizadas, inúmeras reportagens sobre o tema circulam pela mídia e diversos setores da sociedade estão envolvidos nesta causa. Além disso, o *Laboratório de Memória e Sociedade* desenvolveu um artigo que procura discutir as relações de trabalho modernas, como também as mortes dos trabalhadores rurais migrantes⁵⁸. Neste sentido, esperamos que esta dissertação vá ao encontro das apurações e das discussões sobre o tema, que não visam apenas compreender as condições trabalhistas destes homens e mulheres, mas também as condições de moradia, saúde, lazer... Enfim, expectativa de vida!

A maior parte da população do interior paulista volta seus olhares para os prédios espelhados e carros importados constituintes das ricas e modernas cidades de São Paulo como Ribeirão Preto. Poucos tomaram consciência da pobreza relativa e da desigualdade social que amargamente sustentam tanta riqueza para os olhos. Os homens e mulheres protagonistas deste estudo nem ao menos conheciam o significado da palavra “migrar”. Também não compreendem a complexa estrutura social que envolve a migração e, conseqüentemente, suas vidas e modos de ser e agir no mundo. É perceptível a dor e a angústia destas pessoas que têm pés em um chão e coração em outro, ao mesmo tempo em que não se sentem partes de lugar nenhum. É sabido que a estrutura moderna atual é sólida e autônoma, porém não precisa basear-se eternamente em relações de exploração, ou ainda em

⁵⁸ No seguinte artigo: MORAES SILVA, M. A.; VETTORASSI, A.; BUENO, J. ; RIBEIRO, J. ; OCADA, F. K. ; MELLO, B. ; MARTINS, R. C. ; GODOI, S. . “Do Karoshi no Japão à Birota no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado”. In: *Revista Nera - Unesp Presidente Prudente*. Presidente Prudente, v. 7, n. 1, 2006.

atitudes *blasé* altamente individualistas. Cabe a nós, atores de uma História processual (que se renova, e é portanto algo vivo e em transformação), mudar, mesmo que a lentos passos, os rumos desta injusta e contraditória malha social.

Fontes Consultadas

Fontes Consultadas

ABREU FILHO, O. “Interacionismo Simbólico”. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. 1987.

ADORNO, S. “A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada”. In: *Sociedade e Estado*, v. 10, nº 2. São Paulo. 1995. Pp. 47 – 61.

_____. “Violência urbana e justiça criminal”. In: *Travessia – O Migrante e a Violência*. São Paulo. Maio/Agosto de 1989. Pp. 17 – 20.

AMARAL, R. de C. “O tempo de festa é sempre”. In: *Travessia – Tempo e Espaço*. São Paulo. Janeiro/Abril de 1993. Pp. 8 – 10.

ANETE, B. L. & SCHERER-WARREN, I. (orgs.). *Dossiê: Pobreza, Justiça e Dádiva*. Caderno CRH, v. 17, nº 40. Salvador - BA, Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia. Janeiro a Abril/2004.

ANDRIOLLI, C. S. *Nas Entrelinhas da História, Memória e Gênero: lembranças da antiga fazenda Jatahy (1925 - 1959)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFSCar – São Carlos. 2006.

ANTUNES, R. & MORAES SILVA, M. A. (orgs.) *O Averso do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular. 2004.

BARONE, L. A. *Revolta, Conquista e Solidariedade: a economia moral dos trabalhadores rurais em três tempos*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Araraquara, Unesp. 1996.

BECKER, H. S. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 1977.

BERMAN, M. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras. 1986. Cap. I e II.

BICUDO, H. “A “mão armada” da classe dominante”. In: *Travessia – O Migrante e a Violência*. São Paulo. Maio/Agosto de 1989. Pp. 6 – 12.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, vol. 1. Série 1ª - Estudos Brasileiros. São Paulo: Edusp. 1987.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel. 1989.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

BYINGTON, C. A. B. “Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado”. In: *Revista Viver: mente & cérebro*. São Paulo. Coleção: Memória da Psicanálise. nº 2. 2005. Pp. 7 – 15.

CALDEIRA, T. P. “Direitos humanos ou “privilégios de bandidos”?”. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº 30. São Paulo. 1991. Pp. 23 – 40.

CASTANHO, S. “Memória, Tempo Presente e Prospecção do Futuro”. In: *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*. Centro de Memória da Unicamp. Campinas – SP. nº 13. 2004. Pp. 75 – 92.

CHIAVENATO, J. J. (org.) *Violência em Debate*. São Paulo: Editora Moderna. 1999.

COMERFORD, J. C. *Fazendo a Luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.

COSTA, M. C. S. “Entre o Rural e o Urbano”. In: *Travessia – Tempo e Espaço*. São Paulo. Janeiro/Abril de 1993. Pp. 5 – 7.

COULLON, A. *Etnometodologia*. Campinas: Editora Papirus. 1995.

COVEZZI, M. *Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UNESP, Araraquara – SP. 2000.

DANCINE, E. A.. *Tempo, Memórias e Utopias: cortadores de cana em Guariba e Barrinha*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PUC, São Paulo. 1989.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Editora Contraponto. 1997.

D’INCAO, M. C. *Bóia-fria: acumulação e miséria*. São Paulo: Vozes. 1983.

DURHAM, E. R. *A Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva. 1973.

_____. “A Sociedade vista da Periferia”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 1 nº 1. São Paulo. Junho de 1986. Pp. 85-99.

DURKHEIM, É. *A Divisão do Trabalho Social*. Lisboa: Editora Presença. 1977.

_____. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Editora Nacional. 1960.

_____. *O Suicídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1982.

ELIAS, N., SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A. 1977.

FERREIRA, J. P. “Tantas Memórias – ou um difícil passeio pelos modos de pensar a memória.” In: *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*. Centro de Memória da Unicamp. Campinas – SP. nº 13. 2004. Pp. 65 – 74.

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Vozes. Petrópolis. 1985.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

GIDDENS, A. *Capitalismo e a Moderna Teoria Social*. Editorial Presença, Lisboa. 1994.

GOULD, J. “Ideologia”. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. 1987.

HAGUETTE, T. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

JOAS, H. “Interacionismo Simbólico”. In: GIDDENS, A. & TURNER, J. (orgs.). *La Teoría Social Hoy*. Buenos Aires: ALIANZA. 1995. Pp. 298 – 321.

KONDER, L. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

MAGNOLI, D. *Agroindústria e Urbanização: o caso de Guariba*. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFCLH, USP, São Paulo. 1990.

MARTINS, A. L. *Guariba - 100 anos: 1895 – 1995*. Prefeitura Municipal de Guariba. São Paulo, 1996.

MARTINS, J. S. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes. 1986. Pp. 13-25.

_____. “Linchamentos: a vida por um fio”. In: *Travessia – O Migrante e a Violência*. São Paulo. Maio/Agosto de 1989. Pp. 21 – 27.

_____. “O senso comum e a vida cotidiana”. In: *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, v. 1, nº 10. 1998. Pp. 1-7.

_____. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo, Hucitec, 2000.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec. 1984.

_____. *O Manifesto Comunista: 150 anos depois*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 1998.

MENEZES, M. A. *Redes e Enredos na Trilha dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa – PB: EDUFPPB. 2002.

MENEZES, M. L. “Anomia de Durkheim e Merton”. In: *Série Sociológica*, nº 144. Brasília. 1997. Pp. 1 – 11.

MENDES, A. M. *O Conflito Social de Guariba 1984-1985*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 1997.

MORAES SILVA, M. A. *As Andorinhas: nem cá, nem lá* (vídeo). Araraquara: FCL, Unesp, 1991.

_____. “As Cidades dos Bóias-Frias”. In: *Travessia – Tempo e Espaço*. São Paulo. Janeiro/Abril de 1993. Pp. 14 – 25.

_____. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Editora UNESP. 1999a.

_____. “O código do sertão e as várias faces da violência”. In: TAVARES DOS SANTOS, J. S. (org.). *Violência em Tempo de Globalização*. São Paulo: Editora HUCITEC. 1999b. Pp. 203 – 240.

_____. *A Luta pela Terra: experiência e memória*. São Paulo: Editora Unesp. 2004.

_____. “Contribuições Metodológicas para a Análise das Migrações”. In: DEMARTINI, Z. & TRUZZI, O. (orgs.) *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EDUFSCar. 2005. Pp. 53 – 86.

_____. ; VETTORASSI, A.; BUENO, J. ; RIBEIRO, J. ; OCADA, F. K. ; MELLO, B. ; MARTINS, R. C. ; GODOI, S. “Do Karoshi no Japão à Birola no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado”. In: *Revista Nera - Unesp Presidente Prudente*. Presidente Prudente, v. 7, n. 1, 2006.

MORELLO, R. “Redes de Memórias e Administração de Saberes”. In: *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*. Centro de Memória da Unicamp. Campinas – SP. nº 13. 2004. Pp. 105 – 116.

NASSER, A. C. A. “Sair Para o Mundo” – Trabalho, Família e Lazer: relação e representação na vida dos excluídos”. In: DOWBOR, L., KILSZTAJN, S. (orgs.) *Economia Social no Brasil*. São Paulo: Ed. SENAC. 2001. Pp. 305 – 314.

NOVAES, J. R., ALVES, F. *Guariba – 1984* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar. 2002a.

_____. *A Memória em Nossas Mãos* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar. 2002b.

PELLEGRINI, D. *Terra Vermelha*. São Paulo: Geração Editorial. 2003.

PENTEADO, M. A. G.. *Estratégia da Fome: trabalhadores e trabalhadoras da cana, maio de 1984*. Dissertação (Mestrado em História). Unicamp. 1995.

POLLAK, M. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, M. “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

RECH, D. “A Violência, o Crime e a Justiça”. In: *Travessia – O Migrante e a Violência*. São Paulo. Maio/Agosto de 1989. Pp. 30 – 38.

ROLNIK, R. “Exclusão Territorial e Violência”. In: *São Paulo em Perspectiva*, v. 4, nº 13. 1999. Pp. 100 – 111.

SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, G. “Imigração, Preconceitos e os Enunciados Subjetivos do Etnocentrismo”. In: *Travessia - Preconceitos*, nº 51. São Paulo. Janeiro – Abril/2005. Pp. 5 – 15.

SCALON, M. C. *Mobilidade Social no Brasil: padrões e tendências*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ – UCAM. 1999.

SILVEIRA, N. et al. “Quaternio: homenagem Nise da Silveira”. In: *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, nº 8. Rio de Janeiro, 2001. Pp. 88 – 105.

SIMMEL, G. “A Metrópole a Vida Mental”. In: VELHO, O. (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. Pp. 87 – 98.

_____. “O Papel do Dinheiro nas Relações entre os Sexos – Fragmento de uma Filosofia do Dinheiro (1898)”. In: *Filosofia do Amor*, SP, Martins Fontes, 2001, pp. 41-66.

SONTAG, S. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

THOMPSON, E. P. *Senhores e Caçadores: a origem da lei negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

_____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

VETTORASSI, A. “Vivendo e Aprendendo a Jogar: formas de sociabilidade entre migrantes temporários no interior paulista”. In: *Travessias na Desordem Global: Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Editoras Paulinas. 2005. Pp. 241 – 245.

WACQUANT, L. *Parias Urbanos: marginalidad en la ciudad a comienzos del milenio*. Buenos Aires: MANANTIAL. 2001.

WAIZBORT, L. “Elias e Simmel”. In: WAIZBORT L. (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP. 2001. Pp. 89 – 112.

ZALUAR, A., LEAL, M. C. “Violência Extra e Intramuros”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, nº 45. Fevereiro de 2001. Pp. 145 – 163.

Questionário Biográfico⁵⁹

Local onde foi realizada a entrevista _____ Ano _____

Entrevistadores: _____

Nome: _____

Apelido: _____

Data de nascimento: _____ Local: _____

Estado: _____

Estado Civil: () Casado () Solteiro () Viúvo () Separado () Desquitado Amasiado ()

Nível de Escolaridade: _

Analfabeto	()
Sabe assinar o nome	()
Primário Completo (1 a 4ª série)	()
Incompleto	()
Ginásio Completo (5 a 8ª série)	()
Incompleto	()
Colegial Completo	()
Incompleto	()
Superior	()

Obs: _____

Profissão/Ocupação _____

Quantas pessoas moram na casa? _____

Ocupação / Profissão esposo (a) Especificar esse trabalho.

Ocupação/ Profissão do pai: _____

Pai era: proprietário de terra

Parceiro

Arrendatário

⁵⁹ Elaborado pela Profª. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva e as alunas Beatriz Medeiros e Andréia Appolinário.

Posseiro
Assalariado
Outro

Especificar o que faziam _____

Ocupação/ Profissão da mãe:

Ocupação / Profissão esposo (a) Especificar esse trabalho.

Sobre os filhos. Números de filhos _____

Homens _____ Mulheres _____

Filhos M/ F	Idade	Nível de Escolaridade	Ocupação Profissional

Possui Irmãos: () Sim () Não. Quantos: _____

Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação	Local de residência	Estado Civil

Sua situação financeira hoje é melhor ou pior do que antes de migrar para Guariba? Justifique.

Movimento Migratório :

Em que ano você saiu de sua terra natal? _____

Quantas vezes migrou antes de chegar à Guariba: _____

Saiu de _____ (Terra Natal), para _____ em ____/____/____.

Você saiu:

- 1. só.....()
- 2. com seus pais ()
- 3. com irmãos ()
- 4. com parentes ()
- 5. com outras pessoas ()

Obs: _____

Saiu de _____ (Terra Natal), para _____ em ____/____/____.

Você saiu:

- 6. só.....()
- 7. com seus pais ()
- 8. com irmãos ()
- 9. com parentes ()
- 10. com outras pessoas ()

Obs: _____

Saiu de _____ (Terra Natal), para _____ em ____/____/____.

Você saiu:

- 11. só.....()
- 12. com seus pais ()
- 13. com irmãos ()
- 14. com parentes ()
- 15. com outras pessoas ()

Obs: _____

Qual o motivo que levou a sair de sua terra natal?

- 1. falta de terra ()
- 2. Terra ruim/ seca ()
- 3. briga/ desentendimentos ()
- 4. Falta de emprego ()
- 5. Outros _____()

Quais? _____

Observações feitas pelos pesquisadores:

Obs: Tentar refazer, juntamente com o depoente, o mapa migratório:

Roteiro de Entrevistas – Migrantes

- Por quê deixou a sua terra natal?
- Como se sentiu ao deixar?
- Chegou pela primeira vez em Guariba ou em outra cidade? Quais impressões teve da cidade? Era muito diferente da terra natal?
- Gosta de morar em Guariba? Por quê?
- Quais são as formas de divertimento? Vai muito para o centro? Participa de festas ou outras formas de sociabilidade?
- Sobre o trabalho; falar sobre a profissão que exerce.
- Quem são seus amigos? Conhece muitas pessoas que nasceram na cidade? Tem contato com seus vizinhos?
- Considera a cidade violenta? Por quê?
- Considera seu bairro violento? Por quê?
- Acha que a vinda dos migrantes torna a cidade mais violenta? Por quê?
- Participou ou já ouviu falar da greve de 84? Fale sobre ela, suas impressões e lembranças.

Roteiro de Entrevista - Nativos

- Quantos anos tem, de onde é;
- Se não é de Guariba, o quê o trouxe para Guariba? Quais as impressões que tem da cidade, do quê mais gosta em Guariba?
- Gosta de Guariba? Considera que seja uma cidade violenta? Por quê?
- Como foi/é o seu trabalho em Guariba? Quais anos atuou na cidade? Quais histórias tem para contar desta época?
- O quê mudou na cidade nestes últimos anos? No tempo em que trabalhava era melhor? Por quê?
- Como é a cidade com os migrantes? E quando eles não estão na cidade, existe alguma diferença na relação com as pessoas, nas ruas, nos meios de sociabilidade?
- O que pensa a respeito dos migrantes? E sobre seu trabalho? Considera que eles sejam violentos?
- Quais as impressões que seus colegas têm sobre os migrantes de Guariba?
- Sobre a greve de 84. Discorrer livremente sobre ela.

Tabela 1 - Processos Criminais de 1990 em que os Réus são Migrantes em Guariba

n°	Cód. Penal	dia/mês/ano	Profissão	Cor	Est. Civil	Idade	Naturalidade	Obs.
4	155	29 agosto, 1989	lavrador	parda	solteiro	19	Chap. Norte /MG	+réus
6	155	24 dezembro, 1989	lavrador	branca	solteiro	22	Berilo /MG	+réus
16	304e72	28 abril, 1989	empreiteiro	branca	casado	70	Ibateguaral /AL	nada
17	155	2 outubro, 1989	desempregado	preta	casado	30	Berilo /MG	+réus
19	19lcp	1 outubro, 1989	lavrador	preta	casado	25	Berilo /MG	nada
20	ameaça	15 novembro, 1989	borracheiro	branca	solteiro	29	Tangará /PR	nada
22	129	4 setembro, 1989	Aj. de pedreiro	parda	amasiado	37	Turmalina /MG	nada
23	180	*/9/1989	desempregado	branca	amasiado	23	J. G. Minas /MG	nada
24	19lcp	11 outubro, 1989	fiscal_turma	branca	casado	32	Micaí /MG	nada
27	129	23 janeiro, 1990	comerciante	branca	casado	36	Berilo /MG	nada
48	304cpb	23 novembro, 1989	soldador	branca	solteiro	23	Comercinho /MG	nada
53	129cp	22 outubro, 1989	Presidente sindicato	preta	desquitado	32	Água Boa /MG	nada
54	129	5 outubro, 1989	lavrador	branca	casado	48	Riachuelo /SE	nada
55	129	13 outubro, 1989	frentista	branca	casado	30	Capelinha /MG	+1réu
56	155	27 junho, 1989	lavrador	parda	casado	36	Chap. Norte /MG	+réus
64	155	21 fevereiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	22	Cristália /MG	nada
66	121tent_hom.	12 dezembro, 1989	lavrador	branca	casado	36	Turmalina /MG	nada
67	121les_dolosa	26 novembro, 1989	lavrador	branca	solteiro	21	Cristália /MG	+1réu
68	les_culposa	15 setembro, 1989	lavrador	parda	casado	40	Chap. Norte /MG	+1réu
70	32	27 novembro, 1989	lavrador	branca	solteiro	19	Cristália /MG	nada
84	129	20 janeiro, 1990	pedreiro	branca	casado	20	Aracaju /SE	nada
105	129	26 março, 1990	desempregado	branca	solteiro	23	Porecatú /PR	nada
113	32lcp	30 dezembro, 1989	lavrador	branca	solteiro	20	Cristália /MG	nada
114	uso_doc_falso		frentista	branca	casado	30	Capelinha /MG	nada
115	uso_doc_falso		lavrador	branca	solteiro	21	Grão Mogol /MG	nada
118	uso_doc_falso		borracheiro	branca	solteiro	19	Biringal /BA	nada
121	342cbp	22 fevereiro, 1990	pedreiro	branca	casado	32	J. G. Minas /MG	nada

12 2	uso_doc falso		lavrador	branc a	casado	25	Morasseuna /PR	nad a
12 3	uso_doc falso		motorista	branc a	solteiro	24	Leme do Prado /MG	nad a
12 5	uso_doc falso		não_consta	preta	casado	53	Capelinha /MG	nad a
14 7	155	10 fevereiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	22	Cristália /MG	+1r éu
14 9	19lcp	9 abril, 1990	lavrador	preta	amasiad o	35	Chap. Norte /MG	nad a
15 9	180	2 fevereiro, 1990	comerciante	preta	casado	35	Cristália /MG	+1r éu
16 1	171	12 junho, 1989	comerciante	parda	solteiro	31	J. G. Minas /MG	+1r éu
16 2	155	30 janeiro, 1990	lavrador	branc a	casado	28	Guaxina /MG	nad a
16 3	121lcp	11 novembro, 1989	lavrador	preta	amasiad o	34	Chap. Norte /MG	+1r éu
16 5	não_con sta		lavrador	preta	casado	29	Braço do Norte /SC	nad a
16 6	304	19 novembro, 1985	motorista	verme lha	solteiro	23	Tamaran /PR	nad a
16 7	não_con sta		mecânico	parda	casado	36	Chap. Norte /MG	nad a
16 8	não_con sta		lavrador	parda	casado	32	Chap. Norte /MG	nad a
16 9	não_con sta		ambulante	branc a	casado	44	Mundo Novo /BA	nad a
17 0	155	14 fevereiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	24	Cristália /MG	+1r éu
17 9	155	5 fevereiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	22	Cristália /MG	+1r éu
18 0	155	30 dezembro, 1989	lavrador	parda	solteiro	24	Cristália /MG	nad a
18 1	155		não_consta	parda	solteiro	22	não possui	+ré us
18 2	não_con sta		comerciante	parda	casado	35	Cristália /MG	+1r éu
19 0	155	24 abril, 1990	comerciante	parda	casado	31	Berilo /MG	nad a
20 8	155	4 agosto, 1989	não_consta	sem	vazio		não possui	nad a
22 4	19lcp	28 dezembro, 1989	lavrador	branc a	desquita do	32	Gov. Valadares /MG	nad a
22 5	19lcp	3 dezembro, 1989	lavrador	preta	amasiad o	33	Chap. Norte /MG	nad a
22 6	155	6 fevereiro, 1990	não_consta	sem	vazio		não possui	nad a
23 2	163llcb p	1 junho, 1990	lavrador	parda	solteiro	20	Campo Mourão /PR	+ré us
23 3	estupro(213e214)	22 abril, 1990	pedreiro	preta	solteiro	28	Nossa Senhora /BA	nad a
23 7	136	12 junho, 1990	lavrador	sem	casado	40	Chap. Norte /MG	nad a
24 2	21dec_l ei36888/ 41	12 maio, 1990	1/2oficial_ped reiro	branc a	solteiro	19	Nossa Senhora /BA	nad a

246	180	3 janeiro, 1990	não_consta	sem	vazio		não possui	nada
248	155	8 fevereiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	20	Faxinal /PR	nada
251	receptacao	18 fevereiro, 1990	comerciante	parda	amasiado	28	Berilo /MG	nada
254	ap_indebita	2 janeiro, 1990	pedreiro	parda	casado	22	J. Gonçalo /MG	nada
298	304cpb	18 junho, 1990	comerciante	branca	solteiro	32	Cajazeuas /PB	nada
313	129_1ºinc.lc	15 junho, 1990	lavrador	parda	amasiado	24	Virgem da Lapa /MG	nada
314	129cp	5 maio, 1990	lavrador	branca	casado	35	Minas Novas /MG	nada
317	129cp32lcp	3 abril, 1990	Empregado rural	parda	casado	44	Guanabi /BA	nada
318	32lcp	27 maio, 1990	apontador	parda	solteiro	18	Alto Paraná /PR	nada
319	304cp	13 abril, 1990	pedreiro	parda	solteiro	24	Porecatú /PR	nada
321	32lcp	16 junho, 1990	serv_lavoura	branca	solteiro	18	São João do Avai /PR	nada
328	171cpb	27 abril, 1990	empregado industrial	sem	vazio	38	não possui	nada
342	121art14lcp	1 junho, 1990	sagueiro	parda	casado	31	Berilo /MG	nada
344	155	5 abril, 1990	vigilante	preta	casado	45	Ipirá /BA	nada
348	129cpb	4 abril, 1990	lavrador	preta	solteiro	35	Livato do Brum /BA	nada
360	180cpb	11 janeiro, 1990	lavrador	parda	solteiro	24	Cristália /MG	nada
372	307cpb	6 abril, 1990	ajudante	parda	amasiado	21	Jussiape /BA	nada
375	16da_lei_6368/76	4 setembro, 1990	pedreiro	sem	solteiro	20	Jasinal /PR	nada
387	313un_a lin_"C"lcp	8 agosto, 1990	lavrador	preta	solteiro	38	Virgem da Lapa	nada
389	32lcp	25 agosto, 1990	Op. Evaporação	branca	solteiro	21	Nova Esperança /PR	nada
392	32lcp	27 julho, 1990	lavrador	parda	solteiro	21	Cristália /MG	nada
395	129cp_32lcp	16 junho, 1990	soldador	sem	casado	33	Chap. Norte /MG	+1réu
396	32lcp	2 setembro, 1990	saqueiro	branca	solteiro	26	Catutama /BA	nada
397	32lcp	2 setembro, 1990	Op. Em usina	branca	solteiro	21	Ipuá /BA	nada
398	32lcp	9 setembro, 1990	limp. Aquecedor	preta	solteiro	25	Ipuá /BA	nada
399	155_4ºinc_lvcpb	15 julho, 1990	comerciante	branca	solteiro	31	João Gonçalves de Minas /MG	+réus
413	331cpb	22 setembro, 1990	lavrador	sem	solteiro	22	Ipuá /BA	+1réu

414	19lcp	29 julho, 1990	lavrador	parda	solteiro	27	Itarabin /MG	+1r éu
423	32lcp	6 setembro, 1990	lavrador	branca	amasiado	23	Araçuaí /MG	+1r éu
450	342_1°c p	26 junho, 1990	desempregado	preta	desquitado	34	Água Boa /MG	nada
453	129cp	30 agosto, 1990	lavrador	parda	amasiado	24	Cambí /BA	nada
458	art16_lei 6368/76	20 outubro, 1990	serv_pedreiro	sem	solteiro	22	Itaíba /PE	nada
466	34dec_lei 3688/41	17 setembro, 1990	pedreiro	parda	solteiro	35	Frei Serafim /MG	nada
469	147"cap ut"cc71c p		comerciante	parda	casado	32	Berilo /MG	nada
490	129cc6/l l	9 novembro, 1990	lavrador	sem	casado		Manoel Riba /PR	nada
500	147cpb	5 junho, 1990	lavrador	preta	amasiado	22	Chap. Norte /MG	+1r éu
503	121:3°c p	17 setembro, 1990	feitor de lavoura	parda	casado	45	União dos Palmares /AL	nada
525	não_con sta	26 outubro, 1990	lavrador	branca	amasiado	26	Água Quente /BA	nada
528	304cpb	27 abril, 1990	comerciante	branca	amasiado	29	Calçado /PE	nada
529	304	19 agosto, 1990	lavrador	parda	solteiro	22	Garanhuns /PE	nada
530	não_con sta	30 novembro, 1990	pintor	sem	solteiro	51	Poriso Alegre /MG	nada
549	32lcp	28 outubro, 1990	mon. Ind.	branca	solteiro	18	Paulo Afonso /BA	nada
551	155e171	4 maio, 1990	lavrador	branca	solteiro	20	Cianorte /PR	nada
552	147	15 novembro, 1990	lavrador	branca	casado	27	Chap. Norte /MG	nada
562	214,224, 263e225	10 novembro, 1990	op. Filtro	branca	casado	31	Chap. Norte /MG	nada
564	32lcp	9 novembro, 1990	comerciante	preta	casado	38	Araçuaí /MG	nada
570	147cp	17 novembro, 1990	comerciante	branca	desquitado	36	Capelinha /MG	nada